IPPUR Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRJ

DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL IPPUR UEPB EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (2013-2017)

A CULTURA E A CRIATIVIDADE NOS GRANDES EVENTOS:

O caso da cidade de Areia – Paraíba / Brasil

SÉRGIO RICARDO DA COSTA SIMPLÍCIO

Rio de Janeiro
2017

SÉRGIO RICARDO DA COSTA SIMPLÍCIO

A CULTURA E A CRIATIVIDADE NOS GRANDES EVENTOS:

O caso da cidade de Areia – Paraíba / Brasil

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Professor Doutor Hermes Magalhães Tavares

Rio de Janeiro
2017

Simplício, Sérgio Ricardo da Costa

S612c A cultura e a criatividade nos grandes eventos : o caso da cidade de Areia - Paraíba/Brasil / Sérgio Ricardo da Costa Simplício. -- Rio de Janeiro, 2017.

205 f.

Orientador: Hermes Magalhães Tavares.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

CIP - Catalogação na Publicação

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SÉRGIO RICARDO DA COSTA SIMPLÍCIO

A CULTURA E A CRIATIVIDADE NOS GRANDES EVENTOS:

o caso da cidade de Areia - Paraíba/Brasil

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovado em: 08/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Hermes Magalhães Tavares - Orientador
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ

Professora Doutora Cláudia Ribeiro Pfeiffer
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ

Professor Doutor Fabrício Leal de Oliveira
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ

Professor Doutor Gustavo Antônio das Neves Bezerra
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ

Professor Doutor José Pereira da Silva
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR/UEPB

Professor Doutor José Luciano Albino Barbosa
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR/UEPB

Dedico este trabalho como também toda minha história de vida a Deus, pois com Ele me sinto forte e capaz de vencer todos os obstáculos e conseguir atingir e realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Federal do Rio de Janeiro por me dar a possibilidade de aumentar e aprofundar os meus conhecimentos científicos, como também a todos os professores deste excelente programa.

A minha querida e estimada Universidade Estadual da Paraíba, instituição esta que tenho como coluna profissional de toda minha vida. Nela cresci, desenvolvi-me e estou caminhando em busca de novos projetos.

À Prefeitura Municipal de São Sebastião de Lagoa de Roça, município este que sou professor de geografia há vinte anos e que sempre investiu e contribuiu com meus estudos.

A toda minha família e em especial a minha mãe Antônia da Costa Simplício, mulher sensível e carinhosa, que está comigo em todos os momentos da minha vida.

Meu pai Adeilton dos Santos Simplício, minhas irmãs Rivailda, Rivana e Rafaela e sobrinhos Nayara, Roberto Júnior, Jady, Maria Rita e Artur, pessoas queridas que estimo profundamente.

Ao meu orientador e Professor Doutor Hermes Magalhães Tavares, pessoa extremamente sensível e competente, que com toda sua sabedoria teve paciência de me orientar e dizer palavras certas nos momentos certos. Obrigado.

A minha amiga e companheira de todas as angústias e alegrias durante todo o período de Doutorado. Obrigado pela amizade, Andrea Carla Azevedo.

Ao IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, programa tão importante no cenário acadêmico nacional. Meu muito obrigado a todos os professores que me acompanharam nessa trajetória tão importante.

Aos Professores da UEPB, Doutor Luciano Albino e Doutor Cidoval Morais por tanta contribuição e acreditar e investir na minha pessoa.

Um agradecimento muito especial à revisora da Universidade Estadual da Paraíba, Elizete Amaral de Medeiros. Mulher sensível e inteligente que contribuiu bastante na finalização do texto.

Aos meus queridos amigos e amigas por termos construído momentos tão ímpares na minha trajetória. Em especial, Andrade, Gilson, Jurani.

RESUMO

Esta tese baseou-se em pesquisa bibliográfica e de campo. Tendo como título: A Cultura e a Criatividade nos Grandes Eventos: o caso da cidade de Areia – Paraíba / Brasil. Sendo o objetivo geral da pesquisa identificar as transformações culturais e sociais da Cidade e da população local, causadas pelos grandes eventos, Bregareia e o Festival de Artes na cidade de Areia – PB; como também compreender os processos de desenvolvimento, fazendo uma relação com a cultura local e o desenvolvimento local, e como podem caminhar juntos sem ter perdas para a população envolvida. Buscamos entender os caminhos encontrados para um bom relacionamento entre os moradores da cidade de Areia, os turistas que buscam a cidade para conhecer o Patrimônio histórico e os turistas que visitam a cidade para participar dos eventos culturais; além de identificar as diferenças existentes entre os turistas que buscam as festas e os turistas que visitam a cidade durante o ano todo. Algumas questões norteiam a pesquisa. Primeiramente identificamos como a cultura local recebe influências e modifica os espaços urbanos transformados pelos grandes eventos; para isso ocorrer, a população utiliza de sua criatividade para se moldar às exigências de uma grande festa, mas também observamos que os grandes eventos não interferem na dinâmica cotidiana de uma cidade. As pessoas se moldam ou se personalizam para vivenciar aquele momento. Como também buscamos compreender se a cultura local ajuda no desenvolvimento de uma cidade. O universo pesquisado foi a cidade de Areia no interior do Estado da Paraíba – Brasil, nos anos de 2013, 2014 e 2015, cidade tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

Palavras-chave: Cultura. Desenvolvimento. Criatividade. Festas. Patrimônio histórico.

ABSTRACT

This thesis is based in a bibliographic and filed research. It's got as a title: A Cultura e a Criatividade nos Grandes Eventos: o caso da cidade de Areia – Paraíba / Brasil. The general objective of the work has been to identify cultural and social changes in town and on local population caused by remarkable events: Bregareia, and the local Art Festival in Areia – PB; as well as understanding the processes of development, having a relation with the local culture and development, and how they can follow together with no loss for the population engaged. We sought to understand the ways found for a good relation among the residents in Areia city, tourists coming to town to know local heritage, and tourists visiting the town to take part in the cultural events, besides identifying existing differences between tourists coming for fun in the festivals and the ones coming along all year. Some questions guide the research. Firstly, we could identify how local culture receive influences and have urban places modified, transformed by the remarkable events. In order to have that occurred, the population makes use of their creativity in order to adapt to the demands of a great festival, but we have also observed that the big events don't interfere on the city's routine dynamic. People change or adapt themselves in order to live that moment. We have also sought to understand whether a local culture comes to help the city's development. The universe in research was the city of Areia, in the countryside of the sate of Paraiba – Brazil, from 2013 to 2015, the city is well known as national (IPHAN) and (IPHAEP) state heritage site. We come to conclude our study answering: How has the city of Areia enrobed itself to be transformed into an event?

Keywords: Culture. Development. Creativity. Festivals. Heritage sites.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Engenhos na área rural de Areia	81
Imagem 02	Engenhos atuais com suas áreas reservadas para comercialização e atendimento aos turistas	83
Imagem 03	Centro da cidade de Areia -1960	86
Imagem 04	Mapas do Estado da Paraíba que destaca a localização física do Município de Areia	114
Imagem 05	Plano aéreo da cidade de areia na década de 1990, destacando o Patrimônio Histórico	117
Imagem 06	Plano aéreo da cidade de areia na década de 1970, destacando o Patrimônio Histórico	120
Imagem 07	Delimitação do perímetro do conjunto histórico, urbanístico e paisagístico da cidade de Areia / PB	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11
1.2 O objeto empírico..... 16
1.3 Método da pesquisa..... 18
2 CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO..... 36
2.1 A cultura e o homem. Conceitos e definições que unem as pessoas a suas tradições..... 40
2.2 A Cultura: um caminho para o desenvolvimento de uma sociedade..... 51
2.3 Do desenvolvimento na América Latina aos atores culturais: O capital social e as indústrias culturais..... 69
3 CAPÍTULO II – DESAFIOS DO TURISMO CULTURAL NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO..... 80
3.1 Aspectos físicos, humanos e turísticos da cidade de Areia PB..... 84
3.2 A criatividade, as festas e os grandes eventos para o desenvolvimento das cidades 88
3.3 O Patrimônio Histórico urbano: para que conservar? Por que destruir e como conviver com o turismo cultural?..... 101
4 CAPÍTULO III – A CIDADE DE AREIA, SEU PROCESSO DE TOMBAMENTO E SUA RELAÇÃO COM AS FESTAS, A RELIGIÃO E A POPULAÇÃO LOCAL..... 113
4.1 O tombamento do Patrimônio histórico da cidade de Areia – PB..... 116
4.2 A influência das Freiras Franciscanas de Diligen na cultura de Areia – PB..... 132
4.3 Os impactos e Experiências existentes em cidades brasileiras que são tombadas pelo patrimônio histórico e que realizam grandes eventos 137
4.4 A população, os artistas e os movimentos culturais da cidade de Areia – PB..... 145
4.5 A Bregareia (Festival da Cachaça) e o Festival de Artes: grandes eventos numa cidade pequena..... 150
5 CONCLUSÃO..... 173
REFERÊNCIAS..... 179
APÊNDICES 185
APÊNDICES A – Fotos do Universo da Pesquisa da Cidade de Areia-PB/Brasil – Arquivo Pessoal..... 186
APÊNDICES B – Roteiro de Entrevista..... 199
ANEXOS 202
ANEXOS - Fotos do Universo da Pesquisa da Cidade de Areia-PB/Brasil – Arquivo publico..... 203

1 INTRODUÇÃO

“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro” (Albert Camus).

As formas sociais constituem uma esfera da invenção cultural em que é mais difícil estabelecer uma linha que demarque onde tem um começo, meio e fim. A invenção de novos tipos de associação entre os membros de uma sociedade e a institucionalização das relações entre os seres humanos são a expressão do potencial criador que o homem tem em uma das suas formas mais nobres. O homem se reinventa, busca novas formas de criatividade. O lado lúdico aflora em momentos de pura busca artística ou não. Sendo pensada e planejada, isso ocorre muito nos eventos que acontecem, sendo eles pequenos, médios ou grandes. As pessoas têm uma ideia e, dentro daquele parâmetro social e cultural, criam novas formas de expressão cultural. As festas utilizam alguns cenários, na maioria das vezes, algumas são as próprias cidades que já oferecem essa possibilidade lúdica e a partir daí criam um novo mundo mágico. Onde os interesses de alguns grupos podem ser desenvolvidos.

Montado um novo cenário nas cidades, as pessoas se preparam para receber uma nova caracterização. A cidade começa a fervilhar em planos e organizações, o cenário tem que ser construído, ações devem ser tomadas para que tudo saia conforme o previsto no projeto de intenções. As programações são definidas, divulgadas para que o evento consiga se solidificar e o habitante, ou morador de um determinado espaço, é levado, conduzido a absorver e comungar com aquela festividade, passando a se sentir parte integrante de um grande projeto que promoverá sua cidade.

Alguns se travestem de determinadas formas, são comerciantes, participantes, artistas de rua, artistas de palco com uma carreira solidificada e veem nas festas a forma de promoverem e solidificarem suas carreiras ainda mais. E, do outro lado, existe o grande público, os que são a favor e contra esse grande cenário, montado num determinado período de tempo, num determinado espaço. Seja ele uma cidade, um bairro, ou uma rua. Independe do tamanho do espaço físico. O importante é compreender o processo de transformação desses espaços.

Utilizando Guy Debord, citada por Lima (2008), o qual considera o espetáculo em sua totalidade, que é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não sendo uma parte do mundo real, ou um complemento, ou até mesmo uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. A festa, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na

sociedade. É a afirmação onipresente das escolhas, das formas e conteúdos dos espetáculos. Sendo também a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna.

Tudo leva a crer que a descoberta das festas não surge por acaso; em algum momento da sociedade moderna, ela passa a ser pensada como um excelente negócio e, para tanto, passa a ser administrada como uma empresa. As festas, principalmente as de ruas, sendo religiosas ou profanas sempre estão em processo de mudança. A cada ano, novas medidas e decisões são tomadas pelos organizadores das festas para que as mesmas fiquem mais atraentes e convidativas, como também para garantir um público fiel e maior a cada ano.

No entanto, segundo Kuper (2002), atualmente as coisas estão bastante diferentes deste debate anterior, pois poucos antropólogos afirmariam que a noção de cultura pode ser comparada “em importância explicativa”. Apesar dos antropólogos serem especialistas nos estudos da cultura, não existe mais uma posição de privilégio na galeria das diversas autoridades em cultura. Visto que a natureza da área que eles reivindicam sofreu e sofre muitas mudanças. Pois foi transferida a sua fidelidade intelectual das ciências sociais para as ciências humanas. Mesmo assim, não raramente, os antropólogos modernos norte-americanos vêm sistematicamente aplicando as teorias culturais em uma grande variedade de estudos etnográficos; sendo, segundo Kuper (2002), seus experimentos apresentados de formas satisfatórias e de validade das teorias culturais.

No seu livro *A interpretação das Culturas* (1973), Cliffortd Geertz comenta sobre a cultura de uma forma clara e destaca a forma como os conceitos são elaborados no decorrer dos tempos. Afirma não saber se é exatamente dessa forma que todos os conceitos científicos basicamente importantes se desenvolvem. Entretanto, esse padrão se confirma no caso do conceito de cultura, em torno do qual surgiu todo um estudo da antropologia e essa matéria tem se preocupado cada vez mais em limitar, especificar e enfocar o conceito de cultura.

Essa redução do conceito de cultura é realmente uma dimensão justa, que determine a sua importância continuada em vez de debilitá-lo. Geertz utiliza vários ensaios, todos dedicados a compreender a cultura de uma maneira clara, ampla e em suas diferentes formas e direções. Todos os ensaios trabalhados argumentam,

às vezes, de forma explícita, e também através de uma análise particular de um determinado fato que foi observado em prol de identificar um conceito de cultura mais limitado.

Sendo relativamente recente o emprego do termo “cultura” para definir o conjunto de atitudes, crenças e códigos de valores compartimentados num determinado período histórico. Foi através do conceito de “cultura primitiva” e, principalmente, dos estudos antropológicos de Clifford Geetz, que se chegou de fato a reconhecer que aqueles sujeitos sociais, outrora chamados de “camadas inferiores dos povos civilizados”, possuíam cultura.

> Geertz acredita que a Cultura é formada por construções simbólicas, os significados contidos num conjunto de símbolos compartilhados. Para ele, a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. Seu conceito é essencialmente semiótico. Fundamenta-se no compartilhamento das ideias, a “teia de significados”, amarradas coletivamente (GEERTZ, 2008, p.4).

Geertz, também, compreendia que a cultura é uma realidade "superorgânica" autocontida, com forças e propósitos na própria ação cultural. Outra é alegar que ela consiste no padrão bruto de acontecimentos comportamentais que, de fato, observamos ocorrer em uma ou outra comunidade identificável – isso significa reduzi-la. Todavia, embora as duas confusões ainda existam e sempre continuarão conosco, sem dúvida, a fonte principal de desordem teórica na antropologia contemporânea é uma opinião que se desenvolveu em reação a elas e que está sendo largamente difundida. Percebemos que "a cultura está localizada na mente e no coração dos homens", para Cward Goodenough (1957 apud GEERTZ, 2008), talvez seu proponente mais famoso.

A cultura é pública porque o seu próprio conceito e significado também são. Geertz utiliza-se de alguns exemplos como os dos carneiros, ou até mesmo o ato de piscar os olhos para identificar a cultura, pois a mesma só será identificada se existir um conhecimento prévio da ação.

Trazendo este debate cultural para uma realidade contemporânea do homem que busca entender e apreciar sua cultura a partir do meio onde vive, destacamos que, nas últimas décadas do século XX, surgiram as indústrias criativas para suprir a necessidade de o homem pôr em prática sua criatividade numa dimensão em larga

escala. Este homem tenta tirar proveito da sua cultura através de sua criatividade. É por isso que os economistas e estatísticos nunca param de debater sobre sua definição de criatividade e sobre como estimar seu valor. Para tornar as coisas ainda mais complicadas, muitos participantes ativos e representativos do setor acreditam que não fazem parte de nenhuma indústria.

Geralmente estão mais predispostos a se definirem como criadores, empreendedores, artistas ou até mesmo ativistas sociais do que como trabalhadores industriais. Podendo optar por não definir suas atividades em termos econômicos, mas as indústrias criativas também abrangem algumas das maiores empresas do mundo tais como empresas de software e conglomerados da mídia. Juntas, essas grandes e pequenas indústrias estão se tornando em uma parte cada vez mais significativa da economia global.

Segundo o Relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) de 2008, Creative Economy Report identificou que o comércio mundial de bens e serviços cresceu a uma taxa média anual de 8,7% entre 2000 e 2005, destacando que “esta tendência positiva ocorreu em todas as regiões e grupos de países”. A ‘economia criativa’ é muito mais do que apenas as ‘indústrias criativas’.

Quando se pretende medir a extensão da economia criativa, os analistas reconhecem rapidamente que enquanto é relativamente fácil identificar o tamanho e o valor de indústrias como a da moda ou publicidade, estes dados não conseguem captar o impacto dos indivíduos ou grupos que desempenham tarefas criativas em indústrias não criativas ou culturais.

O relatório do Fundo Nacional para a Ciência, Tecnologia e Artes do Reino Unido (NESTA) chamado: Beyond the creative industries: Mapping the creative economyin the United Kingdom, confirmou que existem mais pessoas criativas trabalhando fora das indústrias criativas do que dentro delas. O relatório denominou ‘criativos infiltrados’ o grande número de pessoas que trabalham em setores como a indústria de manufatura convencional, bens imóveis, como empreendedores, no comércio atacadista e na intermediação financeira.

Ao olhar, portanto, para a força de trabalho criativa mais do que para as indústrias criativas, o relatório concluiu que existem três grandes tipos diferentes de emprego no setor: “artistas, profissionais ou criativos que trabalham em indústrias

criativas e o pessoal de apoio naquelas indústrias (gerentes, administrativos, secretárias, contadores, etc.)".

1.2 O Objeto Empírico

Deixando um pouco de lado a discussão mais teórica sobre cultura e criatividade, a qual voltará com mais profundidade em outro momento da tese. Destacaremos, neste momento, o universo da pesquisa, que é a cidade de Areia – PB, localizada no interior do Estado da Paraíba. Como fica próxima de Campina Grande, cidade onde o pesquisador reside, contribuiu de forma significativa para conhecermos empiricamente o objeto de estudo. Areia apresenta uma rica história cultural destacando-se no Estado da Paraíba na parte artística e cultural, a qual está localizada na microrregião do brejo paraibano. O objeto mesmo sendo pequeno, como diz Geertz (2008), não existe objeto pequeno, podemos partir do pequeno para conhecermos o todo, uma questão de escalas.

A presente pesquisa tem como título A CULTURA E A CRIATIVIDADE NOS GRANDES EVENTOS: O CASO DA CIDADE DE AREIA – PARAÍBA / BRASIL. Sendo o objetivo geral do trabalho identificar as transformações culturais e sociais da cidade, causadas pelos grandes eventos: Bregareia e o Festival de Artes na cidade de Areia; como também compreender os processos de desenvolvimento, fazendo uma relação com a cultura e o desenvolvimento locais, e como podem caminhar juntos sem causar perdas para a população envolvida. Buscaremos entender os caminhos encontrados para um bom relacionamento entre os moradores da cidade de Areia, os turistas que buscam a cidade para conhecer o Patrimônio Histórico e os turistas que a visitam para participar dos eventos culturais; além de identificar as diferenças existentes entre os turistas que buscam as festas e os turistas que visitam a cidade durante o ano todo.

> "O que se encontra em pequenas cidades e vilas é (por sinal) a vida de pequenas cidades e vilas. Se os estudos localizados, microscópicos, fossem realmente dependentes de tais premissas para sua maior relevância — se pudessem capturar o mundo amplo no pequeno eles não teriam qualquer relevância. Todavia, isso não ocorre realmente. O *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias. Você pode estudar

> diferentes coisas em diferentes locais, e algumas coisas — por exemplo, o que a dominação colonial faz às estruturas estabelecidas de expectativa moral — podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando. Nas remotas províncias do Marrocos e da Indonésia eu lutei com as mesmas questões com que outros cientistas sociais lutaram em lugares mais centrais — por exemplo, por que as alegações mais insistentes dos homens em favor de humanidade são feitas em termos de orgulho grupai? — e chegamos quase que à mesma conclusão. Pode acrescentar-se uma dimensão — especialmente necessária no atual clima de levante-se e resolva da ciência social —, mas isso é tudo. Se você tiver que discorrer sobrea exploração das massas, há um certo valor em ter visto um meeiro javanês revolvendo a terra durante um temporal tropical ou um alfaiate marroquino bordando *kaftans* à luz de uma lâmpada de 20 watts. Mas a noção que isso lhe dá (e que o coloca numa situação moral vantajosa, de onde você pode olhar para os menos privilegiados eticamente) é no seu todo uma ideia que somente alguém que ficou muito tempo no mato pode ter, possivelmente (GUEERTZ, 2008, p.16)."

Diante desses objetivos propostos, temos algumas questões que nos motivaram a escolher este objeto de estudo. Primeiramente, pretendemos responder como a cultura local recebe influências e modifica os espaços urbanos transformados pelos grandes eventos. Também queremos saber se a cultura local contribui para o desenvolvimento da cidade. No nosso caso em estudo, temos a cidade de Areia no interior do Estado da Paraíba, que vem passando por um processo de mudanças culturais, especificamente com a implantação do turismo de grandes eventos. Surge, então, nossa questão de estudo: **Como a cidade de Areia, na Paraíba, se prepara para se transformar num evento?**

Areia é uma cidade de grande destaque na região pelo seu pioneirismo, na Paraíba, em determinados aspectos, como: a primeira cidade a abolir a escravatura; também, na cidade, foi criado e inaugurado o primeiro teatro do Estado, em 1859 (Teatro Minerva); o primeiro município a possuir uma escola de ensino superior voltado às questões agrárias (Escola de Agronomia, hoje passou a ser Centro de Ciências Agrárias - UFPB); e por fim a primeira cidade paraibana a ser tombada em nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no ano de 1979, e em nível nacional nos anos de 2005/2006.

O valor arquitetônico do centro histórico de Areia foi um dos principais aspectos que motivou seu tombamento em nível estadual e federal. Seu valor arquitetônico pode ser tomado como preponderante. Já no âmbito federal, existem outros valores concorrentes, como a questão histórica, a implantação no topo da

serra, a paisagem circundante e a morfologia urbana. Por isso, Areia foi tombada como sítio histórico, urbanístico e paisagístico, em 2006.

Utilizando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município apresenta como limites territoriais os municípios paraibanos de Arara, Serraria, Remígio, Pilões, Alagoinha, Alagoa Nova e Alagoa Grande. Além dessa comunicação com vários municípios da região, a cidade de Areia fica próxima aos dois principais polos econômicos e demográficos da Paraíba, estando localizada a 122 km da capital do Estado, João Pessoa, e a 45 km de Campina Grande.

1.3. Método da Pesquisa

No que diz respeito ao método da nossa pesquisa, propomos fazer inicialmente uma Pesquisa Exploratória, que tem como objetivo maior familiarizar o pesquisador com o problema, com vista a torná-lo mais próximo. Segundo Gil (2009), esta pesquisa tem como objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Portanto, seus instrumentos e planejamentos podem ser bastante flexíveis, de tal forma que possibilitem o atendimento de mais aspectos relativos ao fato estudado. A pesquisa exploratória envolve: levantamento bibliográfico e as entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, a observação, o levantamento de dados. A pesquisa exploratória também possibilita ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado objeto e problemática.

Utilizaremos, nesta pesquisa, o método qualitativo através das entrevistas, além da análise do conteúdo, já que observamos que este tipo de pesquisa, segundo (TRIVINOS, 1987), tem base teórica na fenomenologia e é essencialmente descritiva. Estas descrições dos fenômenos estão cheias de sentido e significados e têm uma visão subjetiva.

Com relação às entrevistas, utilizamos três modelos. A primeira entrevista é voltada para os administradores públicos da cidade, como também os coordenadores dos dois eventos, o segundo modelo é direcionado aos proprietários de hotéis, pousadas, bares e restaurantes e comerciantes ambulantes; por fim, o terceiro modelo de entrevista é voltado para o público participante dos eventos.

Optamos por aplicar cinquenta formulários de entrevistas para cada modelo. Sendo no total de 150 aplicados. Já que tínhamos três modelos.

Este modelo foi aplicado em dois momentos, um sendo voltado para os turistas que frequentam as festas, durante os eventos, e o mesmo modelo de entrevista para os turistas que visitam a cidade em outros momentos que não são das festas e para a população local, como também os artistas locais nos seus mais variados segmentos artísticos.

Importante destacar o fato de termos criados nomes fictícios para preservar a privacidade das pessoas entrevistadas. A escolha dos três modelos surgiu após identificarmos a necessidade de aplicarmos entrevistas variadas porque pretendemos alcançar um maior número de opiniões. Algumas respostas divergem de acordo com o posicionamento e interesse dos entrevistados.

Buscamos os administradores da cidade Prefeito e Secretários e ainda entrevistamos pessoas ligadas aos segmentos religiosos, a exemplo de padres, pastores e freiras. Pretendemos entender como eles se posicionam diante do número enorme de pessoas que chegam à cidade nos momentos específicos, como também outros grupos sociais: comerciantes de bares e restaurantes.

Com relação aos vendedores ambulantes, buscamos alcançar um maior número de pessoas que estavam nas festas a trabalho, tanto os que participam dos eventos e são cadastrados na prefeitura, como os que são clandestinos e estão nas imediações dos eventos, por não terem conseguido uma licença para venderem seus produtos dentro das festas, estes ficam nas proximidades, geralmente nas entradas das festas.

Na nossa pesquisa, é de grande relevância entrevistar um público com uma variação de idade bastante ampla, pois as opiniões mudam de acordo com a sua visão e os seus interesses. Outro fator importante é o público que participa das duas festas, já adiantamos que são bem singulares, visto que as festas são de caráter e estilo bastante específicos: o público é diferente, as atrações são diferentes e os alcances e objetivos também são diferentes no que diz respeito à questão cultural, social e econômica.

Com relação ao período que o pesquisador ficou no campo de estudo, destinado a realizar a pesquisa, ou seja, o recorte de anos que pretende estudar os dois eventos (2013,2014 e 2015) é de grande importância para a pesquisa analisar e

estudar desde a criação das duas festas e seus motivos para serem criadas na cidade, debate este que retomaremos mais a frente na tese. Para obtermos informações e opiniões dos atores envolvidos, utilizamos as entrevistas e material impresso, como também alguns estudos já feitos sobre os impactos causados na cidade e na sua população em detrimento dos eventos.

Acreditamos ser importante destacar que no momento em que iniciamos nosso estudo, em 2013, as duas festas mudaram de local, e os grandes shows deixaram de acontecer na área tombada da cidade, passando a concentrar um maior número de público numa área mais afastada do centro da cidade, espaço este que tem o Patrimônio Histórico Material tombado. Este fato é muito relevante para começarmos nossa tese, pois observamos já mudanças no decorrer da pesquisa ainda em desenvolvimento.

Os organizadores dos eventos e o poder público já estavam sentindo os impactos causados nos prédios históricos devido ao grande número de pessoas e toda a infraestrutura necessária para realizar as festas: palcos, feiras, áreas para dançar e parques de diversão.

Tentando minimizar as possibilidades de desvios através de mecanismos de controle que poderão ser colocados aos elementos que constituem a entrevista, buscamos alguns aspectos que ajudem a preservar os dados e melhorar a qualidade e seriedade das informações. Quando essa coleta não é feita de forma correta e precisa, pode interferir na qualidade dos dados, tais como: o entrevistado tentar agradar o pesquisador, a quebra de espontaneidade e motivos anteriores. Nestes casos, para não comprometer a idoneidade da pesquisa, o pesquisador utilizará a análise de conteúdo (DEMO, 2007).

Analisaremos o universo da pesquisa como também os atores envolvidos nela, observando suas rendas; como vivem os moradores e sua relação com os turistas, destacando os interesses dos moradores. A proposta é compreendermos as categorias estudadas, como por exemplo, os comerciantes, os donos de pousadas e hotéis, além dos moradores que não trabalham com o comércio. Buscaremos entender como se organizam para viverem numa cidade voltada para o turismo de eventos e turismo cultural, para podermos comprovar se existe um desenvolvimento social e cultural, na cidade de Areia, decorrentes desses.

Daremos uma atenção muito especial aos artistas locais da cidade de Areia, pois pretendemos conhecê-los e se existe alguma relação com as festas. Se existe um envolvimento e se estes ativistas culturais acreditam que as festas podem trazer benefícios positivos ou negativos para a cultura local e o fortalecimento de suas tradições e atividades artísticas e culturais dos seus grupos.

Geograficamente, Areia está localizada no Planalto da Borborema, com altitude de 618 metros acima do nível do mar, a cidade apresenta clima considerado agradável, fato este bastante inusitado, uma vez que estamos falando de uma cidade do interior nordestino. Esta é uma das características que torna a cidade um ponto turístico para os apreciadores de temperaturas amenas, as quais se apresentam com uma variação entre 15ºC e 30º C. Durante os meses de inverno, a umidade toma conta da região com muitas chuvas. Neste período, a nebulosidade passa a fazer parte do cenário local, outro atrativo natural do município. Os estudos morfológicos sempre fazem referência às particularidades de seu núcleo urbano, cujo traçado irregular é adaptado pela ausência de áreas relativamente planas. O município de Areia abrange uma área territorial de 269 km^2.

> A localização da cidade permite ver seu entorno acidentado e sua vegetação esparsa e rasteira, uma vez que a implantação de Areia acompanha as curvas do relevo íngreme e os edifícios se posicionam no alto da serra e contornam a região repleta de acidentes geográficos (MORAES, 2008, p.27 *apud* SILVA, 2011).

Com relação aos aspectos históricos, a cidade é conhecida por alguns estudiosos das ciências sociais, a exemplo de Horácio de Almeida, como um município de grande destaque enquanto polo econômico do brejo paraibano, no século XIX. Com o cultivo do algodão, principal cultura agrícola da região na época, e, no período da referida pesquisa, a cana-de-açúcar é o produto agrícola mais produzido no município. Sua relevância econômica deu os contornos necessários para a sua ascensão política. O governo do Estado foi exercido algumas vezes por habitantes ilustres de Areia, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a exemplo de Álvaro Machado (1892/1896 e 1904/1905), Walfredo Leal (1905/1908) e José Américo (1951/1956).

Nas questões econômicas, a cidade de Areia passa a ser referência na Paraíba, no século XIX, pois a cana-de-açúcar passou a ocupar maior espaço nas

zonas de produção agrícola da região, sendo uma cultura muito forte economicamente em toda a região da zona da mata nordestina e especificamente na Paraíba. Esta cultura possibilitou a indústria de beneficiamento do produto nos engenhos fabricantes de açúcar e de rapadura.

> Foi com a cana-de-açúcar que o comércio atravessou sua fase áurea, onde a feira livre era seu principal indicador. (...) A cidade prosperava, contando com sobrados de sólida estrutura, ruas calçadas, escolas, teatros, biblioteca e jornais (CAVALCANTI FILHO; MOURA, 2003, p.30 *apud* SILVA, 2011).

Na metade do século XIX, algumas culturas agrícolas na região Nordeste, como também no Estado da Paraíba e especificamente na Zona da Mata e Agreste, onde está localizada Areia, entraram em declínio devido a vários fatores, como as pragas, baixo comércio e problemas de adaptação.

> Tanto o algodão e a cana-de-açúcar, entraram em crise de produção e de comercialização, e a cidade de Areia conheceu um dos períodos mais críticos de sua história econômica, o qual foi agravado pela construção da estrada de ferro no final do século XIX que, ao privilegiar a região circunvizinha e excluir Areia, dificultou ainda mais sua condição de competitividade comercial (ALMEIDA, 1956, p.48 *apud* SILVA, 2011).

Os motivos que levaram a estrada de ferro a não ser implantada em Areia se deram devido ao grande desnível do relevo, uma vez que ela é localizada numa região muito montanhosa e dificultou a instalação da mesma, além da falta de interesses políticos na época.

A cidade sempre lidou muito bem com os segmentos culturais mais tradicionais como também os eruditos e, nos últimos anos, com a implantação dos dois grandes eventos, a cidade passa por mudanças. Esses eventos foram criados com o objetivo de divulgar a cultura local agrícola, como também melhorar a economia local, fato esse que realmente tem acontecido. No entanto, os outros segmentos culturais, como o teatro, os grupos de dança, o artesanato e as exposições passaram a receber um destaque inferior.

Areia, por ser a terra do pintor Pedro Américo, mantém um museu com obras deste artista, sendo composto o seu acervo, na sua maioria, por réplicas. No entanto, isso não afastou os turistas que visitam este museu, localizado na área

tombada pelo (IPHAN). Nesta casa, nasceu o pintor mencionado e o irmão José Américo, que se destacou na literatura e na política nacional.

Na cidade, destacam-se o teatro Minerva e a Senzala, esta é única localizada na área urbana da Paraíba e onde funciona atualmente a Secretária de Cultura da cidade. Um prédio muito bonito e bem conservado, sempre com exposições. Areia foi a segunda cidade do Brasil a abolir a escravidão em março de 1888, dois meses antes da assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel.

Devido a muitos movimentos culturais na cidade, surge em 1976 a 1ª edição do Festival de artes. A ideia era promover um espaço de debates sobre arte e foi proposta pelo escritor e então deputado estadual Elizo Matos. Recebendo apoio dos demais parlamentares, além de importantes intelectuais paraibanos, a exemplo de José Américo de Almeida e Virginius da Gama e Melo. No período do evento, passaram importantes nomes como Ziraldo, Henfil, Linduarte Noronha, Dias Gomes, Jorge Amado, Vladimir Carvalho, Raul Córdula, Ferreira Gullar e João Ubaldo Ribeiro. A presença dessas pessoas causou grande satisfação na população local e regional, fazendo com que a cidade passasse a receber um bom número de turistas interessados em participar das atividades artísticas e culturais. Entretanto, havia os opositores que achavam que o festival na verdade era um movimento com outros interesses e não apenas os culturais.

Em 1982, o evento foi interrompido por se caracterizar como importante espaço de aglutinação política de correntes progressistas. Em seguida, com o declínio do regime autoritário e a ascensão do Estado Democrático, o Festival de Artes de Areia com a descontinuidade perdeu força. Sendo realizado apenas em 1998, mesmo assim com muitas dificuldades e falta de apoio, o que fez com que o evento passasse novamente por um novo ciclo sem ser realizado.

Com mais de uma década parado, em março de 2011, o então governador da Paraíba Ricardo Coutinho divulgou a retomada do Festival, designando à recém-criada Secretaria de Estado da Cultura o papel de produzir o 12º Festival de Artes de Areia. Com o retorno do evento ao calendário artístico-cultural do Nordeste, a proposta foi que a partir daquele ano a realização voltasse a ser anual. Antes, em 2005, a Associação Artística e Cultural de Areia conseguiu realizar o 10º Festival de Artes de Areia com o apoio do Governo do Estado, Prefeitura de Areia e patrocínio da ELETROBRAS, realizando um grande evento cultural com a participação do

cantor Zeca Baleiro e o poeta Jessier Quirino. Foram realizadas oficinas de fotografia, teatro e cinema, as quais tiveram grande aceitação pela população.

No ano de 2014, o XV Festival de Artes de Areia abre a programação do Caminho do Frio – Rota Cultural, movimento este que foi criado também pelo governo do Estado da Paraíba, com o objetivo de promover a cultura e demais segmentos de desenvolvimento em seis municípios da Paraíba, os quais apresentam semelhanças físicas e climáticas. Neste ano, as atrações nacionais foram Ivan Lins, a cantora Céu e o Grupo Tarancón, além do grupo cubano Eco Caribe. O Caminho do Frio foi iniciado no dia 14 de julho e se estendeu até o dia 31 de agosto, integrando os municípios de Areia, Pilões, Solânea, Serraria, Bananeiras, Alagoa Nova e Alagoa Grande.

Um fato observado neste evento é que ele tem patrocínio e adesão total do governo do Estado e não tem muita aceitação do poder público municipal e do federal, estes investem e apoiam fortemente o outro grande evento local, conhecido como Bregareia que atualmente passou a ser chamado Festival da Cachaça. Segundo o Secretário de Cultura local, isto foi uma forma de atrair maiores recursos, uma vez que o primeiro nome – Bregareia – poderia soar como algo de mau gosto, e não era de interesse do Ministério da Cultura apoiar eventos dessa natureza.

Criado pelo poder público local, um dos principais motivos do Festival é o fato de o município ser um grande produtor da cachaça e da rapadura.

> A cachaça é uma bebida tendo como base principal a cana-de açúcar e o álcool, já a rapadura é o caldo de cana aquecido e posteriormente resfriado dando origem a uma massa solidificada, devido à grande quantidade de cristais formados, e moldada em formas de madeira. A fabricação da rapadura teve início no século 16, nas Canárias, ilhas espanholas do Oceano Atlântico e foi exportada para toda a América espanhola no século XVII, época de grande expansão açucareira. A rapadura originou-se da raspagem das camadas (crostas) de açúcar que ficavam presas às paredes dos tachos utilizados para fabricação de açúcar. O mel resultante era aquecido e colocado em fôrmas semelhantes às de tijolos. (CAVALCANTI FILHO; MOURA, 2003).

Depois de algumas crises na agricultura, a cidade entra em uma longa fase de estagnação. Alguns engenhos permanecem produzindo a cachaça, como é o

caso da Usina Santa Maria, Engenhos Ipueira, Matuta, Serra de Areia, Cristal e Volúpia. No entanto, poucos produzem a cana-de-açúcar, tendo que comprar a matéria-prima em outras localidades, o que faz a produção ser em menor escala.

Com o objetivo de valorizar a cultura da cachaça e da rapadura, o professor Lidiney Henrique, do Curso de Agronomia da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), situado na cidade de Areia, criou o evento em 1994. Devido a sua popularização, o evento passa a ser considerado nacional, surgindo o então chamado “Bregareia”, nome proposto por um Deputado Estadual, Tião Gomes no ano de 1997.

Mesmo sendo um evento de sucesso e de grande público, o festival acabou sendo cancelado durante um bom tempo. Na realidade, foram quatro anos sem acontecer o evento por questões políticas e, nesse meio tempo, também chegou a mudar de nome, sendo primeiro “Bregareia”, depois “Areia Fest”. Em 2013, o evento voltou a acontecer, com uma nova roupagem e um nome diferente: “Festival da cachaça”.

Segundo a Secretária de Cultura do Município, no ano de 2013, o evento recebeu em média 100.000 turistas, causando grande impacto na infraestrutura da cidade. O número de visitantes que queria se hospedar e se divertir era maior que a cidade tinha condições para oferecer, o que ocasionou alguns problemas com a população local e com o Patrimônio Histórico tombado. Esta é uma das questões desta pesquisa que pretendemos analisar.

Observamos que os pequenos grupos artísticos das cidades e no caso de Areia, os artistas locais são convidados a participar dos eventos sem receberem cachês ou com valores muito pequenos, dificultando a sua manutenção. E isso leva muitos desses grupos a deixarem de existir, e os membros destes grupos, na sua maioria, jovens, ficam sem identidades e sem desenvolverem uma atividade cultural de que gostam ou com que se identificam. Assim a cultura local vai perdendo espaço, as cidades vão ficando iguais, pois os eventos que promovem são idênticos, não priorizam as suas origens, nem os artistas locais.

Quando ocorre um evento de maior porte nas cidades, todos os recursos destinados à cultura nos municípios ficam em torno de 1% do total do FPM (Fundo de Participação dos Municípios) dos municípios, são voltados à contratação de bandas e shows de grande porte. Essa relação do poder público com os artistas

locais dificulta sua sobrevivência e permanência na vida artística. Do lado oposto, surgem os grandes eventos que tomam o espaço da cultura local.

O nosso trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro tem como título: **Concepções teóricas de Cultura e Desenvolvimento,** sendo um capítulo mais teórico, direcionado com um propósito de conceituar a cultura e o desenvolvimento. Este é dividido em três subitens, para assim ficar mais clara a dinâmica do texto. Os subitens são os respectivos: **A cultura e o homem. Conceitos e definições que unem as pessoas a suas tradições;** em seguida, teremos **A Cultura: um caminho para o desenvolvimento de uma sociedade;** e para finalizar o capítulo trazemos um debate com o título: **Do desenvolvimento na América Latina aos atores culturais: O capital social e as indústrias culturais.**

Neste primeiro capítulo, utilizaremos autores que estudam o conceito de cultura. No entanto, é necessário afirmar que o conceito de cultura utilizado por nós para esta pesquisa foi o de Geertz. Entretanto, citaremos o conceito de cultura proposto por Claudia Pfeiffer (2012) que se baseou em autores como Malinowski e Radcliffe-Brown, Tylor, Weber e Geertz e elaborou o seguinte conceito:

> modo de viver de um grupo – constituído com base em costumes, crenças, conhecimentos, valores e códigos de conduta, herdados das gerações anteriores e/ou reconhecidos socialmente como relevantes -, que se organiza e dá sentido à existência das pessoas que o compõem (PFEIFFER, 2012, p.158).

Numa visão antropológica, a Cultura cumpre um papel relevante na relação que a antropologia passa a construir com diferentes áreas do conhecimento. O antropólogo Adam Kuper (2002) apresenta, no livro Cultura: a visão dos antropólogos*,* os caminhos percorridos pelo conceito de Cultura no interior da antropologia, mostrando o quanto esta definição é crucial para a demarcação de um objeto e de um campo de atuação para os antropólogos. Dentro deste debate, é importante destacar a perspectiva trazida por Franz Boas, que retirou qualquer possibilidade do estabelecimento de analogias com as Ciências Naturais. Boas e seus alunos não estavam interessados nas leis e regularidades da vida social, mas

naquilo que é adquirido, construído através da socialização e do aprendizado dos sujeitos em um contexto particular.

Margarete Fagundes Nunes (2010) destaca que, no livro Nova Luz sobre a Antropologia*, o autor* Geertz (2001) narra algumas passagens importantes da sua carreira, ressaltando que, num determinado momento de sua vida, viu-se frente à tarefa de afunilar, ainda mais, o conceito de Cultura. Procurou “reduzir a ideia de cultura a um tamanho adequado, dar-lhe uma dimensão menos vasta”.

A obra de (HERMET, 2002), *Cultura e Desenvolvimento*, destaca os dados obtidos no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que substituiu os indicadores de desenvolvimento, pois os mesmos eram estritamente econômicos até o referido momento, e passaram a aceitar os indicadores de desenvolvimento humano.

O passo seguinte da nossa tese será fazer uma conexão entre as abordagens voltadas para a posição da cultura diante do desenvolvimento, sendo assim utilizamos o autor Celso Furtado, que faz uma análise da cultura em quatro momentos. O primeiro ocorreu no final da década de 1970, quando Celso Furtado escreveu os ensaios em 1978, posteriormente organizou no livro *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*.

Dessa forma, tentamos estabelecer uma conexão entre os conceitos teóricos, a cultura de massa e a cultura erudita dentro do nosso universo de estudo.

O nosso próximo passo será analisar as ideias que a cultura pode possibilitar ao desenvolvimento de uma sociedade. Usamos como subtítulo **A Cultura: um caminho para o desenvolvimento de uma sociedade.**

A política cultural que predomina hoje no Brasil é muito recente. Celso Furtado apresentou este debate numa reunião em São José de Costa Rica, em fevereiro de 1994, o qual lembra que o ponto de partida para a cultura é a tomada de consciência de que a qualidade de vida das pessoas não está totalmente associada ao enriquecimento material da sociedade, pois muitas nações ricas economicamente estão longe de realizar todas as suas vontades e desejos, uma vez que não conseguem desenvolver suas atividades culturais, sejam elas de qualquer vertente, mas preenchem vazios nos quais o homem dito moderno termina sendo lançado.

O próximo passo da nossa pesquisa é analisar a relação existente entre a cultura, o desenvolvimento e as indústrias culturais, tendo o capital social como um

grande diferenciador de qualidade de vida para uma sociedade. Temos como subtítulo: **Do desenvolvimento na América Latina aos atores culturais: o capital social e as indústrias culturais.**

A busca em compreender o desenvolvimento propriamente dito é um caminho para chegarmos às formas de interligarmos a cultura com o desenvolvimento. Para isso, é importante conhecermos os atores que favorecem o caminhar da cultura e o seu capital social dentro da nova conjuntura das indústrias culturais. A questão do capital social passou a fazer parte dos conceitos e teorias utilizadas e comentadas tanto pelos economistas, como pelos teóricos do desenvolvimento humano.

O segundo capítulo da tese tem como título**: Desafios do turismo cultural no processo de preservação do Patrimônio histórico**. O primeiro subtítulo, **Aspectos físicos, humanos e turísticos da cidade de Areia – PB** mostra um texto mais informativo a respeito de contextualizarmos o universo da pesquisa. Com várias informações a respeito da cidade e do município.

No segundo subtítulo**: A criatividade e os grandes eventos para o desenvolvimento das cidades**, propomos um debate sobre a relação existente entre a criatividade e a cultura. Quando se pensa em cultura, automaticamente, pensamos no ato de criar, na criatividade. Precisamos fazer algumas perguntas para compreendermos o universo da nossa pesquisa. O que faz os artistas serem criativos, o que torna um evento ou um espetáculo único?

O que tem de criativo em Areia para se destacar das outras cidades vizinhas, que não apresentam semelhanças com ela? Como um evento artístico e cultural se torna famoso e capaz de atrair um grande número de curiosos e turistas querendo aproveitar?

No que diz respeito à criatividade, utilizaremos o livro de Celso Furtado, *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978), como também alguns artigos do livro Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento, organizado por Rosa Freire d´Aguiar. Este consta de vários artigos direcionados ao debate de Furtado (2013), sobre a relação entre a criatividade e a cultura. Tudo que nos rodeia está inserido à cultura, seja através das identidades, dos símbolos, das religiões, dos costumes. Onde existem pessoas, sempre terá uma cultura sendo desenvolvida ou instalada.

Nosso objetivo nesta parte da tese é relacionar a criatividade, com as dificuldades dos artistas em promoverem seus segmentos artísticos, e como inserir esta arte dentro dos grandes eventos e nas festas. Para isso, falaremos sobre a indústria dos grandes eventos, os quais, na maioria dos casos, “engolem” os pequenos eventos, e estes, por sua vez, afirmam os governantes, não trazem vantagens e projeções para as cidades.

Os eventos ou as festas populares são muito comuns no Brasil. Temos como maior exemplo o carnaval, em várias cidades brasileiras. Esta é uma festa interessante de se observar sociologicamente, pois une pobres e ricos em um mesmo lugar. A indústria cultural consegue, dentro de sua visão capitalista, criar formas e estilos de separar os ricos dos pobres. No caso de Areia, os dois grandes eventos, conforme já mencionamos, são o Festival de Arte e a Bregareia (Festival da Cachaça).

Para encerrar este capítulo, temos uma discussão a respeito do Patrimônio Histórico, tendo como subtítulo: **O Patrimônio histórico urbano: conservação e destruição**. Para que conservar; por que destruir e como conviver com o turismo cultural. Buscaremos traçar um perfil histórico para compreendermos o processo histórico de quando surge a necessidade do homem conservar, e para que conservar partes de uma cidade, ou prédios. Utilizamos a obra de Françoise Choay; *A alegoria do patrimônio* (2001); dentre outros autores que ajudaram na melhor compreensão dos conceitos. Tentaremos fazer um paralelo entre a trajetória da humanidade diante do patrimônio e o patrimônio tombado da cidade de Areia. Levantamos tais questões para buscarmos responder nesta etapa: A quem interessa o tombamento da cidade de Areia? Quem realmente conserva e cuida do patrimônio histórico de Areia?

O conceito proposto por Choay sobre patrimônio busca compreender as origens desta palavra, que está ligada às estruturas familiares, às questões econômicas e jurídicas. Sendo um conceito nômade, sempre em mudança, buscando atender às necessidades das pessoas envolvidas. Dando uma continuidade do conceito de patrimônio, surge o de patrimônio histórico,

> Está associado ao usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de

> todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (CHOAY, 2001, p.11).

O terceiro capítulo é voltado para a cidade de Areia, seu patrimônio tombado, seus prédios, a população e a análise dos dados. Temos como título: **A cidade de Areia, seu processo de tombamento e sua relação com as festas, a religião e a população local.** Sendo esta uma etapa de muita importância, pois iremos dividir o texto em cinco partes para o melhor entendimento do leitor e para este ter clareza do processo de desenvolvimento e da cultura na cidade. Iniciaremos o trabalho com o subtítulo: **O processo de tombamento do Patrimônio Histórico da cidade de Areia –PB** com o relato de toda a área tombada pelo (IPHAN), utilizamos alguns estudos para nos servir de aporte teórico, em especial o trabalho de dissertação de Mestrado de Silva, Luciana Gomes da (2011). *Patrimônio histórico e desenvolvimento turístico [manuscrito]: representações e ações dos agentes na reconstrução de Areia*; dissertação essa que faz um levantamento minucioso de toda área tombada da cidade.

Temos como subtítulo para o passo seguinte da pesquisa: **A influência das Freiras Franciscanas de Dilligen na cultura de Areia – PB.** Estas freiras Franciscanas contribuíram para a cidade de Areia desenvolver uma cultura erudita. Também nesta etapa da tese, destacamos a chegada e a presença das Freiras Franciscanas que chegaram a Areia no período da segunda guerra mundial. Com elas, chegam às tradições alemãs e novas culturas que foram fundamentais na formação cultural das famílias tradicionais de Areia.

Nossa próxima etapa foi buscar conhecer, através de artigos científicos, duas cidades que são tombadas pelo Patrimônio Histórico Nacional e também realizam festas. O objetivo foi compreender como funciona essa dinâmica nestas duas cidades: Olinda - PE e Ouro Preto – MG e suas festas, observar se ocorrem impactos e consequências positivas ou negativas no patrimônio, na sua população e na sua cultura. Temos como subtítulo: **Os impactos e Experiências existentes em cidades brasileiras que são tombadas pelo patrimônio histórico e que realizam grandes eventos**

O próximo momento da nossa pesquisa, tem como subtítulo: **A população, os artistas e os movimentos culturais da cidade de Areia – PB**. Buscamos conhecer

e compreender o envolvimento dos artistas locais com o poder público e privado da cidade e como eles interagem com os eventos, como também observarmos se estes grupos culturais conseguem identificar uma melhoria ou não do seu trabalho com as duas festas.

A última etapa da pesquisa tem uma importância fundamental e de grande relevância para identificarmos e confirmarmos algumas questões abertas pelo pesquisador ao longo de todo o estudo, tem como subtítulo **A Bregareia (Festival da Cachaça) e o Festival de Artes: grandes eventos numa cidade pequena**. Sendo muito empírico, pois relataremos os passos que vão desde a criação e a realização dos eventos durante três anos (2013; 2014 e 2015). No ano de 2016, não ocorreu nenhum dos dois eventos devido à falta de recursos. O Festival de Artes ocorre no mês de junho e tem duração de uma semana, já o Festival da Cachaça (Bregareia) acontece no mês de novembro e tem duração de um final de semana.

Dando destaque para comprovar se a cultura, através dos eventos e das duas festas, consegue trazer e proporcionar desenvolvimento em Areia, e se seus artistas usufruem de algum benefício diante desses eventos. Por ser um fenômeno diferente e também importante para a cidade, é necessário investigar a montagem das festas como uma produção cultural que merece ser destacada e considerada a sua contribuição para as Ciências Sociais.

Um fato necessário a ser observado é que o estudo das Ciências Sociais sobre as festas é ainda bastante escasso. Na nossa tese, buscamos relacioná-lo com a teoria proposta para chegarmos a obter respostas para nossa questão da pesquisa. Por fim, traçamos algumas observações conclusivas das análises a que chegamos, com uma proposta muito mais de problematizarmos do que propormos análises fechadas sobre o objeto estudado.

2 CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO

> que toda arte é local, antes de ser regional, mas, se prestar, será contemporânea e universal (Ariano Suassuna).

Fala-se o tempo todo em diferenças culturais. Não há como subestimar a cultura. Todo mundo está envolvido com a cultura. A consciência cultural, que se desenvolveu no final do século XX, constitui um dos fenômenos mais notáveis da história mundial. Samuel Huntington, em 1993, afirmou, num artigo apocalíptico para a revista norte-americana Foreingn Affairs, que o mundo depende da cultura, que a história da Terra estava iniciando uma nova fase, na qual, as principais fontes de conflitos não seriam fundamentalmente econômicas ou ideológicas. Na verdade, as grandes discussões e divisões da humanidade seriam culturais.

Os pesquisadores do mundo inteiro têm visões diferentes do significado de cultura. Entretanto, existe uma semelhança entre os conceitos, numa visão mais ampla, a cultura é simplesmente uma forma de falar sobre identidades coletivas. Porém, o status também está em jogo. As pessoas afirmam que as culturas podem e devem ser comparadas e tendem a valorizar a sua própria cultura. (KUPER, 2002). No entanto, a cultura pode ser usada com outros sentidos. Pois, se a arte e a erudição estão ameaçadas, o bem-estar de toda uma nação está em jogo.

Segundo Matthew Arnold apud Kuper (2002), a verdadeira luta de classes não é travada por ricos e pobres, mas sim pelos guardiões da cultura. A alta cultura pode representar um instrumento de dominação. Usando este discurso, Pierre Bourdieu (1984) argumenta que o valor das altas culturas existe fundamentalmente no fato de que a capacidade de avaliar obras de arte e fazer diferenças entre elas por si só é uma distinção.

Para Bourdieu, a cultura é o dom do gosto refinado que faz a diferença entre uma dama ou um cavalheiro dos novos ricos emergentes. A alta cultura tem seu lugar numa luta de classes mais amplas, diferenciando os ricos. A cultura de massa segundo Ersatz confunde os pobres. Neste sentido, percebe-se que só as tradições culturais populares podem contrapor a cultura de massa.

Mesmo existindo muito debate sobre cultura durante muito tempo, essa explosão da teorização cultural ocorreu entre as décadas de 1920 e 1950. No entanto, assim como nas últimas décadas, os autores mais reflexivos citavam seus precursores dos séculos XVIII e XIX, estes reconheciam que os discursos sobre cultura tediam a se encaixar em categorias bem definidas. As teorias mais influentes, naquele momento, eram a francesa, a alemã e a inglesa. Criavam-se rótulos toscos, que são separados ou juntos e se reagrupavam em novos padrões

de acordo com as transformações estruturais. Na tradição francesa, a civilização é vista como uma conquista progressiva, cumulativa e distintamente humana. Para um francês reflexivo, a razão nem sempre prevalece, ela necessita lutar contra a tradição, a superstição e o instinto irracional.

Tendo como grandes rivais intelectuais dos franceses, estão os alemães, estes defendem a tradição nacional contra a civilização cosmopolita; as artes e os trabalhos manuais contra a ciência e a tecnologia; os valores espirituais contra o materialismo; a genialidade individual e a expressão das próprias ideias contra a burocracia esmagadora; as emoções contra a razão fria. Os alemães pregavam a ideia de que ao contrário do conhecimento científico, a sabedoria da cultura é subjetiva. A autêntica kultur dos alemães seria preferível à civilização artificial de uma elite francesa cosmopolita e materialista.

Essas duas correntes de pensamento sobre cultura se desenvolveram em posições opostas. Enquanto as tradições francesas tinham como importância fundamental os pensadores iluministas que pregavam o progresso do ser humano, a corrente alemã pregava o interesse no destino de uma nação. Nessas duas tradições, cultura representava os valores supremos. Estes conceitos foram propagados no século XVIII, já que a religião estava perdendo o domínio sobre os intelectuais.

Um tanto quanto afastado das discussões do continente, os ingleses, através do pensamento de John Stuart Mill, tentaram reunir as tradições francesas e inglesas em seus famosos ensaios sobre Bentham e Coleridge, mas os ingleses não deixavam de ter suas próprias preocupações. Visto que a industrialização transformava a Inglaterra, os intelectuais da época identificavam uma crise espiritual.

A tecnologia e o materialismo da civilização moderna incorporavam o inimigo, contra o qual os intelectuais liberais lançavam valores culturais extraídos da grande tradição da arte e da filosofia do restante da Europa. A cultura representava a esfera dos valores supremos, nos quais, acreditava-se que a ordem social se apoiava.

Neste sentido, as ciências humanas se consolidavam. Temas centrais da visão iluminista do mundo ou da ideologia francesa ressurgiram no positivismo, no socialismo e no utilitarismo do século XIX.

No século XX, a ideia de uma civilização mundial científica e progressiva foi traduzida para a teoria da globalização. Neste ponto, a cultura passa a ser um

obstáculo à modernização, a civilização moderna passaria por cima das tradições locais menos eficazes.

A cultura foi invocada quando se tornou necessário explicar por que as pessoas estavam adotando metas irracionais e estratégias autodestrutivas. Projetos de desenvolvimento eram derrotados pela resistência cultural. Neste momento, a cultura representava o retrocesso, sendo responsável por resultados desapontadores de muitas reformas políticas.

Visto por outro ângulo, a resistência das culturas locais a uma globalização provavelmente é respeitada e até mesmo comemorada. No século XX e início do século XXI, a cultura passa a ter outro direcionamento e começa a caminhar com o desenvolvimento. A partir deste momento, achamos necessário para a pesquisa fazer a conexão entre cultura e desenvolvimento.

A cultura e o desenvolvimento estão profundamente interligados numa sociedade capitalista. Esta é uma afirmação bastante forte para iniciarmos uma pesquisa, pois dá a entender que estamos afirmando algo que a sociedade ainda demonstra muitas dúvidas sobre esta conexão entre cultura e desenvolvimento.

No entanto, quem enfatiza essa afirmação está se expondo automaticamente a um processo de intenção e constatação. Vários autores estudam e debatem sobre os conceitos de cultura e também de desenvolvimento, alguns tentam relacionar e identificar os caminhos e meios necessários para compreendermos essa ligação.

Utilizamos a obra de Hermet (2002), *Cultura e Desenvolvimento*. O qual faz uso de dados obtidos no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD),este passou a usar os indicadores de desenvolvimento humano, para fazer essa interligação entre cultura e desenvolvimento.

Este foi um momento muito importante para a discussão sobre as ações culturais no mundo, tendo um alargamento das ideias de desenvolvimento e cultura, visto que duas grandes instituições mundiais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento deram alguns passos a mais na direção da cultura, os dados estatísticos deixaram de ser os únicos e definitivos para definirem as nações desenvolvidas.

Estabelecendo, dessa forma, uma complexa relação entre o desenvolvimento e a cultura. Surgindo, então, muitas questões a serem entendidas e compreendidas

nessa nova conjuntura; como por exemplo: Cultura e desenvolvimento podem caminhar juntos numa sociedade capitalista? Para Hermet (2002):

> O desenvolvimento é o processo de mudança em virtude do qual uma coletividade tem acesso em conjunto a um bem-estar maior, chegando a extrair de seu próprio meio, à custa de uma abertura ao exterior, todos os recursos que contêm e que permaneciam até então pouco utilizados ou sem explorar. Esses recursos lhes permite realizar-se mais, através de uma espécie de auto-revelação e de mobilização, não só de suas potencialidades subjacentes, como também de capacidades inéditas surgidas de uma mutação das ditas potencialidades (HERMET, 2002, p.20-21).

Os novos dados foram apresentados no Fórum “Desenvolvimento e Cultura” (1999), sediado em Paris, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Neste Fórum, foram privilegiadas as atividades culturais na América Latina, pois os idealizadores das novas leis que interligavam cultura e desenvolvimento acreditavam que essa região servia de modelo para novos estudos e seria utilizada nas demais partes do planeta e nas diversas regiões independentes de suas escalas.

2.1 A cultura e o homem: conceitos e definições que unem as pessoas a suas tradições

As ciências sociais também se consolidavam, as escolas de pensamentos opostos recorriam a perspectivas clássicas. Os temas centrais da visão do iluminismo no mundo ou da ideologia francesa ressurgiam no positivismo, no socialismo e no utilitarismo do século XIX.

No século XX, surge a ideia de uma civilização mundial científica progressiva, sendo traduzida para a teoria da globalização. Em um pequeno espaço de tempo, a cultura representou uma barreira para a modernização, em especial a industrialização. Mas, no final, a civilização moderna passaria por cima das tradições locais menos eficazes.

Entretanto, a cultura foi invocada e resgatada aos debates acadêmicos, quando se tornou necessário explicar por que as pessoas estavam adotando metas e atitudes irracionais e estratégias até mesmo destrutivas. Os projetos de

desenvolvimento eram derrotados e sabotados pela resistência cultural. A democracia desmoronava porque estava alheia às tradições da nação.

Observando sob outro olhar, a resistência das culturas locais à globalização provavelmente é respeitada e até mesmo comemorada por alguns grupos mais rígidos e contra a globalização. Essa era a perspectiva dos herdeiros dos opositores do iluminismo. As tradições alemãs sobre o romantismo também estavam ficando estáticas. Sendo necessário passarem por suas próprias transformações para acompanharem as mudanças da sociedade diante da globalização.

Christopher Herbert, citado por Kuper (2002), afirma que a noção de cultura também nasceu de uma controvérsia religiosa. Pois associava a cultura ao movimento de renovação evangélica do início do século XIX na Inglaterra, que difundiu uma noção do pecado original que Herbert chamou de “o mito de um estado de desejo humano incontrolado”. A ideia de cultura oferecia a possibilidade e a esperança de salvação secular: a cultura era a defesa contra a natureza humana.

Herbert argumentava que podia considerar as ideias de cultura e desejo livre como dois elementos recíprocos e que são complementares de um único padrão de discurso. Essa concepção de cultura tem surgido em resposta a preocupações religiosas, mas amadureceu em reação a revoluções da época como a teoria darwiniana, que ameaçava conferir autoridade científica a algo como a doutrina dos desejos humano que, muitas vezes, eram incontroláveis. Então, a cultura servia para amenizar as responsabilidades e ao mesmo tempo justificar o pecado.

Este era um debate bastante efervescente no século XIX, é tanto que Adolf Bastian, em 1886, tornou-se o primeiro diretor do grande museu de etnologia de Berlim, buscou demonstrar que, assim como as raças humanas, as culturas também são híbridas. Não existem culturas puras, distintas e permanentes. Toda cultura recorre e se apega a várias fontes.

Os seres humanos são semelhantes, e toda cultura está enraizada numa mentalidade humana universal. As diferenças culturais eram causadas pelos desafios apresentados pelo ambiente natural local e pelos contatos entre as populações, seus costumes e valores. Esses empréstimos que existiam entre as sociedades eram o mecanismo primário da mudança cultural.

As mudanças culturais eram resultados de processos locais que não estavam previstos, como por exemplo: as migrações, as pressões ambientais e o

comércio. Vendo desta forma, observamos que a história e a cultura não têm um padrão fixo de desenvolvimento.

A antropologia liberal berlinense foi caracterizada como um misto de ideias iluministas e românticas, mas na realidade era mesmo uma grande rejeição dupla. Pois, se as culturas são abertas, obviamente não podem expressar identidades sem mudanças. As mudanças culturais são resultados de fatores locais imprevistos. Acima de tudo, a escola de Berlin insistia em afirmar que a cultura funciona de uma forma bastante distinta das forças biológicas.

Utilizando este pensamento, Franz Boas, inseriu esta abordagem na antropologia americana. Esta estava buscando desenvolver uma disciplina acadêmica organizada no início do século XX. Os seguidores de Franz Boas eram céticos no que diz respeito à teoria da evolução de Darwin.

Além disso, eles não aceitavam as leis raciais de diferenças, um tema de extrema importância para os americanos. A tese fundamental boasiana era de que a cultura é que nos faz, e não a biologia. Continuavam eles afirmando que nós nos tornamos o que somos ao crescer num determinado ambiente cultural.

Fatores fundamentais como a raça, sexo e idade são construções culturais e não condições naturais sem mudanças prévias como afirma a teoria das espécies de Darwin de 1859. Para essa nova concepção, as pessoas podem se transformar em algo melhor ou pior de acordo com a cultura que este homem está inserido. Esta era uma ideia bastante atraente na América no século XX. A cultura podia realmente reforçar uma teoria racial de diferença, ser um eufemismo para raça, favorecendo um discurso sobre identidades.

Os antropólogos podiam, neste momento do século XX, distinguir a raça e a cultura. No entanto, a cultura se referia a uma qualidade inata do ser humano. Já a raça é algo puramente biológico.

A cultura é definida sempre em oposição a alguma coisa. Trata-se da forma local autêntica de ser diferente e que resiste às imposições implacáveis da globalização. Ou até mesmo do espírito armado contra o materialismo. Dentro das ciências sociais, a cultura aparecia em outro conjunto de contrastes: ela era a consciência coletiva em oposição à psique individual. Ao mesmo tempo, representava a dimensão ideológica de vida social que se contrapunha à organização comum de governo, dos setores de trabalho e até mesmo da família.

Essas são ideias que foram sendo desenvolvidas pelos fundadores da sociologia europeia e depois introduzidas na sociologia americana. Sendo inseridas por Talcott Parsons entre as décadas de 1950 e 1960; nesta visão, a sociologia americana era mais empírica e utilitária.

Talcott Parsons foi considerado o grande expoente das ciências sociais nestas duas décadas acima citadas, o mesmo insistia que o progresso exigia uma divisão mais eficaz de trabalho, tanto no que diz ao campo das ciências sociais como também nos empreendimentos modernos.

Entretanto, alguns antropólogos não ficaram satisfeitos com essa perspectiva. Alguns achavam ser um rebaixamento para eles serem entendidos apenas em cultura. Pois desejavam ser especialistas em todos os assuntos pertinentes a uma comunidade tribal ou até mesmo a uma autoridade na história da evolução humana. Mesmo assim, as disputas com outras ciências sociais persistiam.

A ideia de cultura era sempre um assunto de preocupação científica, e os antropólogos eram autoridades no assunto. Passando a ser amplamente aceita na década de 1950. Em 1952, os dois decanos da antropologia americana, Alfred Kroeber, de Berkeley, e Clyde Kluckhohn, de Harvard, publicaram um relatório dogmático sobre a concepção antropológica científica de cultura.

Duas décadas depois, Roy Wagner introduziu um ensaio sobre cultura com a observação de que o conceito “ficou de tal forma associado ao pensamento antropológico que... podíamos definir um antropólogo como alguém que usa a palavra cultura habitualmente” (WAGNER, 1975) apud (KUPER, 2002).

Na década de 1990, o tema da cultura foi muito divulgado e trabalhado, todos utilizavam a definição de Wagner, os estudiosos que escreviam sobre cultura teriam que ser considerados antropólogos. Seguindo esse raciocínio e proposta, os antropólogos que desejassem fazer alguma investigação científica sobre cultura, teriam que chegar a um acordo quanto ao significado desse termo.

Kroeber e Kluckhohn realizaram uma intensa pesquisa na literatura e, por fim, admitiram que Parsons encontrara a definição correta de cultura para os propósitos da ciência.

> Tratava-se de um discurso simbólico coletivo sobre conhecimentos, crenças e valores. Não era sinônimo de arte de elite, como os humanistas acreditavam, pois todo membro de uma sociedade tinha uma parte nessa cultura. Além disso, era bastante distinta da civilização humana universal que havia dado ao mundo a ciência, a tecnologia e a democracia, pois toda comunidade tinha a sua própria cultura, com seus valores específicos, que a distingue de todas as outras (PARSONS apud KUPER, 2002).

Sendo este um conceito importante de cultura, questionava-se a necessidade de se estudar a cultura? Parsons respondia que as pessoas conhecem um mundo de símbolos a partir de ideias recebidas, e que essas ideias se chocam com as escolhas que estas pessoas fazem do mundo real.

As pessoas não só apenas constroem um mundo de símbolos. Na verdade, as pessoas vivem nesse mundo que elas próprias constroem para si. Seguindo este pensamento, os mais importantes antropólogos americanos da geração seguinte, Clifford Geertz, David Scheider e Marshall Sahlins criaram uma galeria de personagens nativos de espiritualidade sem paralelo. Esses personagens pareciam viver somente para as ideias.

No entanto, existia um problema: era necessário continuar a investigação sobre cultura. Parsons, neste momento, contribuiu pouco, pois não forneceu mais nenhuma orientação a esse respeito. Porém, anos depois surgiram dois modelos nos Estados Unidos, sendo um modelo mais novo e outro velho.

O modelo novo recomendava explorar com maior destaque a visão de mundo de um nativo, buscando traduzi-la e interpretá-la. Geertz chegou à conclusão de que embora a cultura possa ser interpretada, ela não poderia ser explicada, nem também justificada, a cultura não contava com leis interculturais.

Os seguidores de Geertz não aceitavam qualquer afirmação de que podia haver uma ciência da cultura. Para eles, a cultura era bastante semelhante à linguagem, no entanto o modelo de cultura que eles preferiam era o texto. Para isso, era necessário recorrer à teoria literária e não à linguística. Essa foi uma abordagem que se desenvolveu, e o interpretativíssimo se transformou na ortodoxia da principal corrente da antropologia cultural americana.

Os discípulos de Geertz mais novos não aceitaram essa opinião, em vez de optarem por um projeto mais científico, tomaram a mesma direção dos pós-estruturalistas franceses. Nessa visão, uma cultura não podia ser tão prontamente compreendida por um estranho que viva sozinho. Para eles, a cultura realmente

pode ser um texto, porém um texto fabricado, recebendo interferências de outras culturas.

Em Geertz, o pantanal conceitual sobre a teorização *pot-au-feu* tyloriana sobre cultura é evidente naquela que ainda é uma das melhores introduções gerais à antropologia, o *Mirror for Man (1944)* de Clyde Kluckhohn.

Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz.

Diante dessa espécie de difusão teórica, mesmo um conceito de cultura um tanto comprimido e não totalmente padronizado, que menos seja internamente coerente e, o que é mais importante, que tenha um argumento definido a propor, representa um progresso (como, para ser honesto, o próprio Kluckhohn perspicazmente compreendeu).

O ecletismo é uma autofrustração, não porque haja somente uma direção a percorrer com proveito. Porque há muitas nas sociedades. Sendo necessário escolher.

> O conceito de cultura que estudamos, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico (teoria que estuda os símbolos). Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma

> doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 2008, p.4).

Os antropólogos pós-modernistas preferem imaginar o domínio da cultura como algo mais semelhante a uma democracia sem tanta rigidez e não como um estado teocrático ou uma monarquia absolutista. Robert Brightman afirma que construir ou reconstruir um conceito de cultura busca a essência das orientações teóricas contemporâneas.

Assim, a cultura passa a ser trabalhada e inserida nos discursos de desenvolvimento. Sendo este um novo passo para o debate sobre a cultura e o desenvolvimento. Buscamos fazer uma ligação entre os conceitos de cultura e desenvolvimento para compreendermos até que ponto a cultura traz desenvolvimento para uma cidade que tem no turismo de evento, através das festas, uma fonte de renda econômica para a população.

O desenvolvimento que ocorre nos países ocidentais, tendo como mentor principal o capitalismo, voltado para a cumulação de riqueza e competitividade, amplia as diferenças e desigualdades mundiais. No entanto, existe uma força que caminha na direção contrária.

Esta força pode ser considerada à parte da população e de entidades que pensam no social e no cultural como forças que ajudam a sociedade a viver com mais equilíbrio e igualdade.

Observa-se que essas afirmações entram em desacordo com os teóricos progressistas que negavam que o desenvolvimento seria capaz de responder a um determinante cultural. Os mesmos afirmavam que não era nem legítimo nem eficaz fazer essa conexão entre a cultura e o desenvolvimento.

No entanto, existe a corrente que defende o direcionamento cultural. Esta ressalva que a cultura não incomoda e sim ajuda numa visão geral sobre o desenvolvimento.

> Nos dias atuais, contrariamente ao que parecem pensar os impugnadores do “culturalismo” em matéria de desenvolvimento como em qualquer outra matéria, já ninguém ou quase ninguém, compartilharia a opinião que o filósofo inglês John Stuart Mill, há quase um século e meio escreveu que semelhantes aos orientais pela cobiça e pela inanição são certos habitantes do sul da Europa (HERMET, 2002, p.11).

Entretanto, nesta mesma época, os habitantes da Europa foram os primeiros a demonstrar que suas culturas não constituíam um obstáculo para o desenvolvimento. “Invertendo a postura dos progressistas que negavam que o desenvolvimento pudesse responder a um determinante cultural qualquer” (HERMET, 2002).

O capital social e a participação da população cada vez mais passam a ser determinantes para a valorização das culturas locais, estes tendem a ser decisivos para obterem índices de qualidade de vida entre os povos e seus Estados.

Entendemos cultura como a matriz em constante evolução, os sentimentos e as maneiras e a forma de agir das comunidades tornando-as únicas, com características e valores próprios. Isso é a verdadeira riqueza de um povo.

Partindo dos conceitos de cultura e concepções de desenvolvimento presentes nas teorias acadêmicas, como o proposto em Laraia (2009), o qual afirma que os interesses nos costume e modos de comportamento dos diferentes povos do mundo são antigos. Como o proposto por Heródoto (484-424 a.C). O historiador grego já afirmava que se surpreendia quando se estudava o sistema social dos Lícios, pois considerava seus costumes diferentes de todas as outras nações do mundo.

Observa-se como existem diferenças entre os costumes e formas de comportamento das sociedades, tornando-as únicas devido as suas culturas. Entretanto, o conceito de cultura aparece apenas no final do século XVIII e início do XIX, proposto por Edward Tylor, trazendo para o vocábulo inglês *culture*, termo identificado na língua germânica Kultur – que servia para identificar aspectos espirituais de uma comunidade específica.

Posteriormente a palavra francesa *civilization*, que servia para identificar as realizações materiais de um povo, servira para aproximar o discurso teórico e a população de forma mais abrangente.

Utilizando o debate proposto por Pfeiffer, (2012) no seu artigo sobre Desenvolvimento e cultura: parâmetros para a reflexão dessa complexa relação, destacamos o resumo de Tylor, que define a cultura como o todo complexo que inclui conhecimentos, tudo que está relacionado com o ser humano como, por exemplo, as crenças, a arte, amoral, as leis, os costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

No entanto, existia um grupo de estudiosos que defendia o contrário, estes antropólogos afirmavam que as várias definições propostas por Tylor serviriam mais para proporcionar uma confusão do que ampliar os limites do conceito.

Criam-se, então, novas preocupações para identificar as origens de determinada cultura. Krober (apud) Kuper (2002) defendia que todo ser humano é capaz de produzir cultura a partir do momento em que o seu cérebro se desenvolve, ou seja, cada pessoa tem a capacidade de fazer cultura paralelamente com o seu cotidiano, tudo está relacionado; como caminhar de uma forma espontânea ou produzida pelo mundo ao seu redor. Mas, para isso acontecer, Krober chamava a atenção “o ser humano deve evoluir a cada dia”.

Cria-se, neste momento, um forte debate sobre o conceito de cultura. Outros autores entram nestes estudos, como é o caso de Santos (2003) que levanta a ideia de que a cultura tem duas concepções básicas. Primeiramente, refere-se a tudo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, sendo mais frequente quando se fala de culturas e realidades diferentes da vivida por um determinado povo, fazendo com que se tenham poucas características em comum. A segunda concepção de cultura refere-se mais ao conhecimento, às crenças, ao mundo das ideias e como se relacionam com o meio social.

No entanto, em nenhum dos dois casos deve-se entender que a cultura é algo imóvel, ao contrário, é um processo de movimento constante, pois a cultura é a própria sociedade.

Até a década de 1980, a ideia de cultura era tida como o que melhor foi pensado e produzido pela humanidade, permitindo compreender formas de vida baseadas em condições materiais e simbólicas.

Atualmente, a cultura é entendida como uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não é vista apenas como um recorte de um determinado povo e seus costumes, mas sim, a cultura é vista como um todo. O homem cria o seu próprio processo evolutivo.

De acordo com as suas necessidades e desejos, no decorrer de sua história de vida, mesmo sem se submeter a modificações biológicas radicais, adapta-se às mais diferentes condições de vida que lhe são necessárias para sua vida.

O homem, segundo Krober, supera o superorgânico, de certa forma, liberta-se da natureza, possibilitando que este mesmo homem consiga se adaptar a qualquer

parte do planeta, independente das condições climáticas. Nenhum outro animal tem esse poder de adaptação.

Isso o torna único, pois a sua racionalidade possibilita uma vivência em sociedade. A cultura é algo característico de cada lugar, cidades, região. Onde existem grupos de pessoas que apresentam identidades comuns: na forma de se vestirem, falarem, alimentarem-se e nas suas tradições, existe uma cultura específica neste lugar, independente de escalas.

Assim nos remetemos a teóricos antropólogos para entendermos a cultura como a forma de comportamentos, costumes, crenças, modos de se viver numa sociedade peculiar, e suas instituições sempre relacionadas umas com as outras e que funcionam conjuntamente. Constituídos com fundamentação nos costumes, crenças, valores, que são adquiridos de geração em geração e que são reconhecidos, dando sentido à existência das pessoas que a compõem, sendo então cada vez mais praticados e repassados para gerações futuras.

Entretanto, a corrente literário-filosófica do Romantismo que prosperou na Alemanha e em outros países, entre os séculos XVIII e XIX, também enfatizou o sofrimento, pelo distanciamento da relação do homem com a natureza, pela separação da natureza e pela impossibilidade da comunhão com o todo. No Romantismo, o sofrimento tornou-se, enfim, fonte de inspiração poética, sinal de sensibilidade.

No Brasil, as pessoas ainda se amparam mais, entretanto, em alguns países essa postura é exacerbada. A cultura dos prazeres está associada à cultura do excesso do consumismo, atual fase do capitalismo. Para melhor contextualizarmos a cultura com o desenvolvimento, propomos um debate a respeito dos conceitos de desenvolvimento, para assim relacionar com o objeto de estudo da nossa tese.

Neste sentido, é importante continuarmos tentando fazer esse paralelo entre cultura e desenvolvimento. Como as Nações, Estados e principalmente as cidades conseguem fazer essa relação e conexão entre a cultura e o desenvolvimento? Perguntamo-nos: como a cultura contribui para o desenvolvimento de uma cidade?

A cidade de Areia vem passando por um processo de mudanças culturais, especificamente com a implantação do turismo de grandes eventos, como é o caso da Bregareia e do Festival de Arte. Vendo dessa forma, indagamos se esses eventos trazem desenvolvimento para a cidade de Areia e, ainda, pretendemos

identificar as transformações causadas pelos eventos no Patrimônio Histórico e Cultural, observando se tais eventos são satisfatórios para os habitantes da cidade de Areia.

Percebe-se que com a chegada do século XXI, a globalização assusta a economia dos países, pois ela determina as decisões tomadas mesmo fora do âmbito nacional, passando a ter determinação na escala internacional e isso influencia em todos os segmentos da sociedade moderna, inclusive nas questões culturais e sociais.

Pouco se percebe as atividades consideradas estratégicas resumidas a um pequeno território, as escalas atingem cada vez maiores espaços e maior número de pessoas. A cultura passa a ter muitos desafios, pois como manter-se única numa sociedade global?

O Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO (1997), constituído por um número de renomados e independentes economistas, cientistas sociais, artistas e pensadores, sob a coordenação do ex-secretário geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuéllar, publicado em 1997 cita:

> O desenvolvimento divorciado do seu contexto humano e cultural não é mais do que um crescimento sem alma. O desenvolvimento econômico, em sua plena realização, constitui parte da cultura de um povo. Essa idéia (*sic*), contudo, não é comumente aceita. A visão convencional trata a cultura como fato catalisador ou como obstáculo ao desenvolvimento econômico (...) a tese contida nesse relatório é a de que desenvolvimento compreende não apenas o acesso a bens e serviços, mas também a possibilidade de escolher um estilo de coexistência satisfatório, pleno e agradável. Os bens e serviços presentes na visão convencional e estreita de desenvolvimento só têm valor porque contribuem para nossa liberdade de viver de acordo com os nossos próprios valores. A cultura, por conseguinte, mesmo tendo em vista sua importância como instrumento de desenvolvimento (ou obstáculo a ele), não pode, em última instância, ser reduzida à posição subsidiária de mera promotora (ou freio) do crescimento econômico. O papel da cultura não se esgota no de servir a certas finalidades – embora o conceito, em seu sentido estrito, possa ter efetivamente essa função; constitui, de forma mais ampla, o fundamento social das próprias finalidades (...). Ao contrário do meio ambiente físico, onde não poderíamos ousar aprimorar o que a natureza já fornece de forma perfeita, a cultura é fonte permanente de progresso e de criatividade. Quando tivermos superado nossa visão do papel instrumental da cultura, e tivermos reconhecido seu papel construtivo, constitutivo e criativo, teremos de pensar o desenvolvimento de maneira a englobar o crescimento

> cultural (Nossa Diversidade Criadora, *apud* PFEIFFER, 2012, p.21 - 22).

Após apresentarmos alguns conceitos de cultura e de desenvolvimento, observamos que tanto o desenvolvimento quanto a cultura podem ser compreendidos como um caminho no qual, as pessoas almejam e convergem para suas vidas.

Buscando compreender a relação entre cultura e desenvolvimento, dentro desta lógica capitalista, acreditamos que terá um processo de junção e de conexão dos dois propostos, a cultura e o desenvolvimento, se as lideranças locais, regionais e nacionais e até mundiais tiverem interesse em reconhecer a importância e a valorização da cultural para o desenvolvimento de uma sociedade.

Principalmente a cultura local precisa deste apoio governamental, pois o andamento e a evolução do desenvolvimento resultarão nos modos de viver, adequando os desejos da população em conseguir relacionar dentro das suas formas de viver a cultura e o desenvolvimento.

Utilizando Pfeiffer (2012), observamos a importância dos governantes reconhecerem a importância da cultura local. Quando ocorre o contrário, os processos de desenvolvimento poderão causar a desintegração das culturas locais, diagnosticando pelo menos dois ambientes distintos para a cultura local, nos quais a cultura não esteja completamente submetida à lógica e às práticas capitalistas existentes, como também para as populações que neles vivem.

Observamos que ocorrem momentos e lugares nos quais a cultura é reconhecida pelos seus representantes, como também valorizada. Fazendo com que a sua população participe dos processos sociais e políticos, resultando em formas de viver adequadas às suas características, necessidades e desejos. Por outro lado, há os locais onde os elementos de sua cultura são identificados como mercadorias vendáveis no mercado capitalista e sua população se envolve e participa deste processo relacionando à cultura e ao lucro.

Neste sentido, em qual destes segmentos a população da cidade de Areia está inserida? Como a população local tem conseguido fazer uma conexão entre a cultura local e o desenvolvimento da cidade? Pretendemos compreender como funciona a relação entre os dois grandes eventos com o turismo local.

2.2 A Cultura: um caminho para o desenvolvimento de uma sociedade

Para melhor compreendermos os fatores determinantes que atuam sobre o desenvolvimento em certos lugares do mundo, como também no Brasil, buscamos compreender a relação existente entre o desenvolvimento e a cultura na cidade de Areia. Teremos uma visão mais voltada para o desenvolvimento associado à cultura. Antes de fazermos esta conexão entre a cultura e o desenvolvimento, citaremos um conceito de Celso Furtado, o qual nos serviu como aporte teórico.

> O desenvolvimento dos últimos decênios teve o seu centro dinâmico nos grandes investimentos industriais. O crescimento das indústrias é que permitiu a expansão do emprego nos serviços e, concomitantemente, a urbanização, que atuou como fator dinâmico sobre a agricultura, permitindo a ampliação da área cultivada (...). Esse caminho, muito provavelmente, apontará em duas direções. A primeira é o aumento de produtividade nas indústrias e da transferência dos frutos da maior produtividade para os setores assalariados (...). A segunda direção é a da transformação direta da estrutura agrária (...). Mas desde já, podemos estar seguros de que o desenvolvimento somente se realizará se se criarem condições para uma participação mais ampla em seus frutos das massas urbanas e rurais (FURTADO, 2011, p.232-234).

Percebe-se que, neste momento, Celso Furtado começa a destacar outros indicadores que não fossem apenas a indústria e a transformação da agricultura como fatores determinantes para classificar o desenvolvimento. Nestes indicadores, está a cultura inserida.

Celso Furtado faz uma análise da cultura em quatro momentos. O primeiro ocorreu no final da década de 1970, quando Celso Furtado escreveu os ensaios em 1978. Posteriormente, organizou esses momentos no livro *Criatividade e Dependência na civilização Indústria* (1978), conforme comentou Octavio Rodrígues, que é um grande estudioso da dimensão cultural da obra de Celso Furtado. Nesta época, Furtado já destacava a importância da cultura para a teorização e compreensão do desenvolvimento econômico.

No segundo momento, Furtado diminui o enfoque econômico em favor da cultura. O artigo “Quem Somos” (1984) ficou conhecido como “Sete teses sobre a cultura brasileira”. Nesta fase, Celso Furtado esteve à frente do Ministério da Cultura, entre os anos de 1986 a 1988. Furtado afirmava que a cultura e o Estado são entidades conflituosas, não só no Brasil, mas no mundo de forma geral.

Dando sequência aos trabalhos sobre cultura, entre os anos de 1992 a 1995, Furtado integrou a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (CMCD). Ação conjunta da UNESCO e da ONU. Nos três anos que ficou na Comissão, Furtado retomou a reflexão sobre a temática cultural, mas sempre criando uma relação com a temática do desenvolvimento. Fato tão importante e necessário para esta pesquisa. Estamos nos propondo a fazer um paralelo entre cultura e desenvolvimento. Celso Furtado é uma referência para as discussões econômicas no Brasil, porém seu debate sobre cultura é pouco conhecido.

Neste determinado momento, Furtado (1988) considerou a cultura como “meio maior e fim último do desenvolvimento, tendo um papel chave no desenvolvimento da vida do espírito; a cultura vista não como simples dimensão da vida humana, mas como um fator essencial do desenvolvimento, da economia, da preservação do meio natural”.

Por fim, o último momento que Celso furtado debate sobre aspectos culturais foi em 1997, quando então entra para a Academia Brasileira de Letras. Nesta etapa, ele foge das discussões econômicas e se vale dos recursos sociais, trazendo uma série de reflexões sobre grandes nomes da cultura brasileira.

Quando o fator econômico entra em crise, a cultura é o primeiro segmento a ser sacrificado. E quando se trata de cultura local, o Estado à deixa de lado, ficando apenas nas mãos de pessoas que, independentemente, e por razões pessoais, não deixam certas tradições serem esquecidas. Apenas os grandes eventos, que para os poderes públicos geram retorno financeiro, são os únicos setores artísticos culturais que passam a ser importantes para os governantes.

No caso do nosso objeto de estudo, as duas grandes festas que acontecem na cidade de Areia-PB (Bregareia e Festival de Arte e Cultura), surgem os questionamentos: Os grandes eventos ajudam ou atrapalham a política cultural na cidade de Areia-PB? A população local está satisfeita com os dois eventos que ocorrem anualmente, deixando esquecidos projetos culturais menores?

Observamos que a atual política cultural que prevalece hoje no Brasil, é muito recente. Celso Furtado apresenta este debate numa reunião em São José de Costa Rica, fevereiro de 1994, o qual lembra que o ponto de partida para a cultura é a tomada de consciência que a qualidade de vida das pessoas não está totalmente associada ao enriquecimento material da sociedade.

Muitas nações ricas economicamente estão longe de realizar todas as suas vontades e desejos, pois não conseguem desenvolver suas atividades culturais, sejam elas de qualquer forma, mas que preenchem vazios que o homem dito moderno termina sendo lançado.

Identifica-se que o elevado nível de bens materiais está longe de ser seguido de melhores padrões de vida cultural, pois o que ocorre é observado quando essas sociedades enriquecem, terminam criando uma indução ao aumento do desperdício e não uma variedade nos hábitos de consumo e de valores sociais e culturais.

Este debate trazido por Furtado (2012) está vinculado à visão crítica dos modelos de desenvolvimento que estavam sendo difundidos e apresentados como perfeitos para enriquecer as nações, a partir dos anos 1950. Esses modelos baseavam-se na ideia do crescimento do sistema de forças produtivas e devem prevalecer sobre fatores que determinam os fatores sociais e consequentemente os culturais.

Nesta época, prevalecia o fundamento da política de desenvolvimento, que era melhorar a qualidade de vida das pessoas, e seu ponto de partida teria de ser a compreensão dos fins. Sendo assim, formava uma visão dos modelos de desenvolvimento partindo da industrialização, embora se destacassem fatores que levariam aos processos de produção e que gerariam esgotamento das fontes de energia e, consequentemente, destruiriam recursos naturais não renováveis.

No entanto, os líderes das nações ricas não estavam preocupados com o discurso ecológico, pois este só passa a fazer parte das novas discussões naturais só no final da década de 1980.

Este era um momento da globalização e do neoliberalismo e as nações ricas do ocidente, apesar de terem suas políticas culturais bem implantadas e desenvolvidas, não abriam espaços para os países pobres e em desenvolvimento tentarem construir ou até mesmo resgatar suas tradições e torná-las como bens culturais e classificá-las como possíveis meios de desenvolvimento.

Por outro lado, a cultura não estava em pauta nas referidas nações e seus governantes não tinham interesses de entender e favorecer as políticas culturais. Estas teriam de ser observadas a um só tempo como um processo de junção de valores e de resgates e que não se explicavam em sua totalidade pelo significado de partes soltas e individuais. Dessa forma, distanciava-se mais ainda a noção de compreender a cultura como um caminho que levaria estas nações ao desenvolvimento e, por conseguinte, a um enriquecimento econômico.

Essa era uma das razões que demorou a inserir uma política cultural nas sociedades em desenvolvimento e que se fazia necessária. É nestas sociedades que se manifesta a importância do conceito de identidade cultural. Segundo Furtado (2012), as identidades culturais traduzem formas de manterem uma ligação com o passado e uma relação capaz de favorecer um enriquecimento presente.

Compreendemos desta forma que a identidade cultural é um caminho para entendermos os nossos sistemas de valores de um duplo ponto de vista. Os sentidos são: sincrônico e diacrônico. O encontro do sincrônico (dizer atual e simultâneo) com o diacrônico (dizer já dito em momentos diferentes). Só uma nítida percepção dessa identidade pode determinar sentido e direção ao esforço criativo de uma sociedade.

Em 1992, a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (UNESCO) e a Organização das Nações Unidas (ONU) juntaram-se em várias partes do mundo e passaram a discutir um tema que estava preocupando as lideranças mundiais. Perguntas surgiam: por que o aumento da riqueza que trouxe o desenvolvimento deixou tanta gente insatisfeita e tem permitido que a miséria continuasse a se alastrar? Que caminhos seguir para não continuar acumulando problemas sociais e ecológicos de natureza cada vez mais grave?

1 – Assegurar as bases institucionais para que a temática cultural/ desenvolvimento seja discutida e analisada no plano internacional;

2– Iniciar um procedimento pelo qual normas que expressam princípios éticos que já vigoram no nível das nações sejam estendidas à área internacional e global;

3– Instituir um fórum no qual se possa alcançar consenso em torno dos temas básicos que vinculam os valores culturais ao desenvolvimento.

Segundo Furtado (2012), a partir deste momento, cria-se, no âmbito internacional, uma forma de unificar a cultura ao desenvolvimento para compreender a dinâmica contemporânea da mudança cultural. As culturas tidas como marginalizadas passam a ter práticas e políticas que lhe são direcionadas. As dificuldades da preservação da herança cultural, considerada patrimônio da humanidade, é tratada de forma oficial.

Os Direitos Culturais passam a ser objetos de consideração especial, assegurando-lhes a prioridade de direitos humanos e a elaboração de um inventário. Sendo este encaminhado para a aprovação de um Código Internacional de Conduta Cultural que assegura a preservação da diversidade dos valores culturais compatíveis com os princípios éticos.

A forma como o neoliberalismo determina as novas conjunturas econômicas, no qual, o capital pode circular livremente, competindo no mundo inteiro, impõe ao próprio homem que produz, trabalhar certas limitações, não podendo circular, fechando-se no seu mundo e deixando o mundo global fora do seu universo. Torna-se contraditório observarmos o homem isolado por exigências do capitalismo, pois ele precisa produzir para que o mundo globalizado possa se expandir. A cultura torna-se a válvula de escape, a sua liberdade, que o capitalismo reprime, surge forte e dinâmica através dos seus valores e tradições.

As nações que percebem e fazem essa relação entre Cultura e desenvolvimento passam a oferecer muito mais qualidade de vida aos seus habitantes, pois o homem feliz consegue viver melhor e assim produzir mais. A relação dele com a sua escala regional é mais bem resolvida. Criando um entrelaçamento de ideias, culturas e ações. As escalas regionais passam a ter sua própria identidade e também sua liberdade.

Comentando sobre Sen (2000) *apud* Silva (2002) sugere encararmos o processo de desenvolvimento como alargamento das liberdades, contrasta com outras perspectivas mais restritas, que o identificam com o crescimento da produção, com o aumento dos rendimentos, com a industrialização, com o progresso tecnológico, ou com a modernização social. Esta mudança de paradigma orienta a ação para os fins que tornam o desenvolvimento importante, em vez dos meios que desempenhem papéis de destaque.

Discute-se frequentemente se uma certa liberdade política ou social, como a liberdade de voto ou a oportunidade de receber educação básica, induz o desenvolvimento, de uma forma que passa ao lado da ideia central do desenvolvimento, e é aqui que reside a natureza radical desta concepção. As liberdades, além de um papel instrumental, têm um papel constitutivo do desenvolvimento.

Para Amartya Sen (2000), a liberdade é central para o processo de desenvolvimento por duas razões: a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas, e a segunda seria a Razão da Eficácia: a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas. No entanto, esta visão de desenvolvimento dependendo da liberdade é bem questionável por muitos outros autores como veremos a seguir.

Um exemplo é o da discussão da importância dos mercados livres utilizado por Sen (2000). A contribuição dos mercados para o crescimento econômico é amplamente reconhecida na literatura. Porém, a liberdade de troca não é apenas um meio. É, como afirmou Adam Smith, uma liberdade básica.

Já karl Marx elogiou o capitalismo por comparação com a falta de liberdade dos esquemas de trabalho pré-capitalista, caracterizando a guerra civil americana como “o grande acontecimento da história contemporânea”. A liberdade foi considerada na avaliação da mudança econômica e social por muitos outros, como Stuart Mill, que protegeu e fomentou a liberdade e Hayek que submetia o sucesso do progresso econômico a uma formulação geral das liberdades e autonomias.

O estudo da importância do capital humano para o desenvolvimento comete a mesma omissão, pois avalia a educação unicamente pelo aumento da capacidade produtiva. A diferença crucial corresponde à distinção entre meios e fins. Sendo instrumental pela sua influência sobre a produção econômica, a potencialidade humana tem também um papel constitutivo. É um bem em si, aumentando diretamente o bem-estar e da liberdade das pessoas.

Termos em consideração o papel constitutivo das liberdades não implica o seu papel instrumental. As liberdades políticas, como a livre expressão e as eleições promovem a segurança econômica. As oportunidades sociais (sob a forma de serviços de educação e de saúde) facilitam a participação econômica. E a

oportunidade de participar no comércio e na produção permite gerar tanto a riqueza pessoal como os recursos públicos destinados a serviços sociais. As liberdades de diferentes espécies reforçam-se mutuamente. A expansão da liberdade é, simultaneamente, o fim prioritário e o meio principal do desenvolvimento.

O debate proposto por Sen (2000) *apud* Silva (2002) destaca que, no século XVIII, o filósofo Condorcet previa uma redução voluntária das taxas de fertilidade. Pois as pessoas começam a perceber que têm um dever para com os que ainda não nasceram. Tal dever não é o de lhes dar a existência, mas o de lhes dar a felicidade. Em oposição, o seu contemporâneo Thomas Malthus defendia o controle populacional coercivo.

Considerava que só a impossibilidade de suprir as necessidades básicas levaria as famílias a controlar a natalidade, opunha-se a uma lei conhecida como Leis dos Pobres e ao auxílio aos indigentes. Esta controvérsia ilustra o debate com relação à visão de desenvolvimento, entre as abordagens pró e contra a liberdade.

Essas atenções especiais e vigilância sobre preconcepções de liberdade e desenvolvimento possibilitam compreender a relevância dos temas abordados por Sen (2000). Com relação ao Brasil, estes estudos ajudaram a criar novas reflexões e valores para a democracia, a capacitação e a ampliação de liberdades, dando mais autonomia social e ajudando no desenvolvimento socioambiental.

O mérito de Amartya Sen (2000), também esteja na própria condição *aberta* e *reflexiva* da sua análise, nesse sentido, diferencia-se sensivelmente de teorias da economia e da política que costumamos posicionar como sendo de "esquerda" ou de "direita" e, muitas vezes, acabam por desejar "impor verdades". Em certo sentido, coloca em xeque a própria existência dessas instituições, quando contribuem negativamente ao "desenvolvimento como (e com) Liberdade"; Sen chega a apontar que seus colegas (economistas ou não) apresentam a costumeira dificuldade de enxergar determinadas posições que escapam ao crescimento econômico ou a modernização da economia. A participação sociopolítica, por exemplo, é um fator muito pouco levado em conta nas avaliações sobre desenvolvimento.

É importante destacar que Sen (2000) aponta sistematicamente que há interpretações que buscam reduzir o desenvolvimento aos traços do desempenho econômico de uma nação, ao crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), como também a uma industrialização e a eficiência tecnológica.

Tais noções formaram uma visão estreita do que seja desenvolvimento, por não incluir diversas outras parcelas da vida e da organização social, seja a participação e a liberdade, ou seja, a condição da mulher (e relações de gênero). As visões "simplistas" parecem dizer respeito das teorias de desenvolvimento, não conseguem nem ao menos perceber como crucial a participação política e a liberdade, sendo constitutivas do próprio desenvolvimento.

O ponto que deve ser reforçado é que a "estrutura" ou a condição social em que o indivíduo está inserido pode, segundo Sen (2000), limitar as oportunidades do que as próprias pessoas considerem o que seja o "bem-estar". Assim, esse autor afasta-se totalmente das concepções neoliberais que não compreendem a "inexistência do Estado" como possível complicador da vida das pessoas (em determinadas situações). Por isso, argumenta Amartya Sen: o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidade econômica e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva dos Estados repressivos.

A expansão da liberdade é o fim prioritário e, simultaneamente, o meio principal do desenvolvimento para Sen (2000). Consistindo na remoção de vários tipos de restrições que possibilitam às pessoas poucas escolhas e oportunidades para exercerem a sua ação racional.

Esta teoria proposta por Sen (2000) destaca que os vários fatores sociais estão associados ao desenvolvimento, como é o caso da liberdade. Entretanto, a nossa discussão parte do pressuposto de analisarmos os caminhos que podem atingir certo nível de desenvolvimento e até de crescimento econômico, partindo de uma visão cultural, buscando valorizar o que a sociedade tem de cultura, na sua região ou território, que faz este lugar ser único dentro desta conjuntura global.

Observamos que, nas últimas décadas, a questão do meio ambiente ficou em segundo plano com relação ao crescimento econômico. Os acréscimos positivos estão sendo direcionados para promover o desenvolvimento humano, definido por Sen (2000) como a capacidade de as pessoas exercerem sua condição de atuantes que podem escolher o tipo de vida desejada, sendo neste sentido a cultura fundamental para essa transformação.

Observamos também que Wolfe (1991) *apud* Sen (2000) acreditava que desenvolvimento deve ser colocado não apenas na questão de desenvolvimento econômico, mas sim numa visão social, onde os desejos do homem são capazes de modificar estruturas, tendo uma nova visão de tempo, cultura para construir uma nova escolha social.

Depois de observarmos algumas conquistas conseguidas em nível mundial, na década de 1990, com relação à cultura e aos valores culturais das sociedades, surge mais um questionamento com relação a nosso universo de estudo, pois buscamos identificar se estas leis realmente atingem todas as sociedades. Será que estas leis fazem parte das culturais locais, municipais e estaduais, no Brasil, nos anos atuais e, especificamente, na cidade de Areia?

Guerra (2012) traz um debate crítico com relação à cultura e ao desenvolvimento, envolvimento este que está em pauta no momento atual no Brasil. Dessa forma, a discussão que surge sobre as possibilidades de compreender a cultura dentro dos novos processos de produção, leva em consideração a importância dos tipos de cultura propostos e seus efeitos sobre a população.

Com relação a definir cultura, Guerra (2012) sugere duas formas de defini-las: a primeira que foi chamada de ampla ou antropológica, pois, nesta forma, a cultura é compreendida como um conjunto de valores que formam o modo de vida de uma comunidade; entretanto existe uma outra forma de se ver a cultura, a qual o autor chamou de específica, neste caso, a cultura está mais associada às artes de uma forma geral. Assim, vamos compreendendo esta nova crítica da cultura ao desenvolvimento.

Na cultura antropológica, as definições são encontradas nos estudos de Harrison (2000), Huntington (2000) e Landes (2000), estes criaram um discurso que alicerça a implantação de políticas de formação para o empreendedorismo e para a inovação. Este tipo proposto se encaixa muito bem nos dois eventos propostos neste estudo, que é a Bregareia e o Festival de Arte.

No entanto, tem um diferencial, pois estes eventos estão inseridos em outra forma de entender a cultura, visto que, nas sociedades tradicionais, o desenvolvimento é muito mais complexo para se traçar um paralelo e complementar cultura e desenvolvimento. Nessa forma de entender a cultura como uma via de

desenvolvimento não se aceita que a cultura e as ações culturais possam contribuir para o desenvolvimento.

Uma outra forma de se classificar a cultura é encontrada nas pesquisas de Escobar (1995, 2002), Hall (1992) e Fergunson (1994, 2002), nesta a crítica cultural ao desenvolvimento tem uma visão mais questionadora dos discursos propostos pelos países de economia dominante e que recebem apoio do FMI (Fundo Monetário Internacional), como também do Banco Mundial.

Neste discurso, é proposta uma forma de colocar a cultura como fator classificador e que determina a posição socioeconômica dos países, tendo como efeitos negativos o maior distanciamento entre países ricos e pobres. As tradições, os costumes ficam de fora, pois não geram renda e consequentemente não ajudam as referidas regiões atingirem certo grau de desenvolvimento. Nesta corrente, a cultura não está atrelada ao desenvolvimento.

Compreendendo estas duas categorias, mais precisamente focadas num novo discurso proposto em meados do século XX, o qual tem uma forma de entender a cultura como parte do ser humano de uma forma profunda, e estando esta ligada a uma nova visão de classificar como uma ponte para o desenvolvimento.

Por fim, Guerra (2012) destaca a importância de trabalhar com este discurso, que classifica e identifica as formas de cultura e como elas agem e atuam numa sociedade capitalista. Dessa forma, observamos que o poder das nações hegemônicas propõem modelos de desenvolvimento e o papel da cultura no enfrentamento de encontrar possibilidades de relacionar a cultura com o desenvolvimento.

Existem pontos problemáticos nas diversas sociedades, e estes problemas, muitas vezes, determinam definitivamente os meios nos quais as pessoas vivem. Assim, fatores sociais são atingidos por não compreenderem que a cultura poderá gerir novas formas de se entender pontos como o turismo, diminuir a pobreza, a educação e, por fim, o espaço urbano e suas formas de pensar a mobilidade e a valorização dos pontos que mais orgulham os habitantes de seus determinados lugares, pontos estes que são suas tradições, costumes, sabores etc.

Buscando compreender cada vez mais o termo cultura, para podermos relacionar com desenvolvimento, utilizamos o proposto por Ortiz (2008) que define a

cultura como todas as expressões materiais e não materiais de um povo, como também as formas como essas expressões são transmitidas através de fatores sociais, intelectuais, artísticos.

A cultura possibilita criar semelhanças entre pessoas de um determinado território físico ou emocional. Ela tem poder suficiente de influenciar a vida das pessoas, tanto de forma ativa como passiva, contribuindo para modificar ou mesmo fortalecer seus valores, atitudes, comportamentos.

Voltando um pouco ao passado, mais precisamente às décadas de 1950 e 1960, a cultura recebeu uma atenção satisfatória com relação ao desenvolvimento. Estudiosos da teoria da modernização defendiam a ideia de cultura como “um sistema autorreferente de traços que distinguem uma comunidade / região de outra” Bauman, (1973) *apud* Guerra (2012). Esta citação remete à ideia de que as sociedades modernas e as tradicionais poderiam ser identificadas e que elas seriam antagônicas, nas quais os fatores culturais estariam, de certa forma, dificultando ou até mesmo atrapalhando o desenvolvimento das referidas sociedades por valorizarem e preservarem suas tradições.

Como nosso objetivo é fazer essa relação entre cultura e desenvolvimento, sentimos a necessidade de trazer novamente um debate a respeito do desenvolvimento e sua relação com a cultura. A palavra desenvolvimento apresenta vários sentidos, por exemplo: crescimento, progresso, sustentabilidade etc.

Para os economistas, o fator econômico é determinante, como também os índices de produtividade de setores e os de tecnologias. Outras áreas determinam o desenvolvimento com aspectos políticos, sociais e culturais com o objetivo de estabelecerem formas de identificar o desenvolvimento nas sociedades de formas quantitativas e qualitativas.

O conceito de desenvolvido é determinado pelos países ricos do hemisfério norte do centro capitalista. Dessa forma, os modelos culturais locais ou regionais dos países do hemisfério sul, ditos como pobres ou em desenvolvimento, sofrem coações das culturas ditas como desenvolvidas.

Segundo Guerra (2012), a influência e a determinação dos países desenvolvidos caracterizam aspectos dominantes sobre o planejamento urbano, o de turismo e até mesmo nas definições arquitetônicas, como também na implantação das políticas públicas, nas publicações científicas e na educação. Todo

esse conjunto de ações pressiona os países pobres a adotarem um modelo determinado pelos países ricos.

Em 2009, um documento escrito com o título *towards* a UNESCO *culture and development indicators suíte*, o qual direcionava um número de determinações colocadas pela UNESCO sobre a cultura e o desenvolvimento, oferecendo elementos para compreender a importância do desenvolvimento para modificar a conjuntura mundial. No entanto, percebemos que, na realidade, as práticas são diferentes. Na citação abaixo, identificamos que o documento foge da realidade atual do mundo capitalista:

> Durante os 60 anos passados, apoiar e assegurar o desenvolvimento dos países pobres tem sido uma das principais prioridades da comunidade internacional. Investimentos significantes têm sido feitos em termos de ajuda e infraestrutura, acompanhados de modelos propostos para dar suporte ao crescimento econômico e ao desenvolvimento sustentável. (UNESCO *apud* GUERRA, 2012, p.211).

Os teóricos da dependência, como também os estudiosos de cultura têm identificado os fatores de exploração e de força que foram colocados aos países pobres e que são colocados como ajuda internacional para o desenvolvimento. Percebe-se, nos últimos 60 anos, que a história do desenvolvimento está muito mais voltada para a preocupação com o crescimento econômico. A cultura não era e não é tida como instrumento de desenvolvimento. A ideia de que a cultura teria um papel decisivo nos processos de desenvolvimento teve e tem uma visão neutra.

O que pretendemos é entender como se formou e o que significa essa nova forma de ver a cultura como mecanismo de desenvolvimento. A UNESCO (2009) coloca e cria textos e determinações para incluir a cultura no patamar de desenvolvimento internacional, entretanto, ficam muitas vezes apenas colocações no papel.

Um exemplo claro dessa afirmação ocorre nos anos de 1980, quando o modelo de modernização entra em crise, afetando os países desenvolvidos. Cria-se uma nova forma de avaliar os processos de desenvolvimento. Assim incluíram investimentos na educação, alfabetização, igualdade, agricultura e cultura como fatores também de desenvolvimento.

Segundo a UNESCO (2009), a cultura determina a maior parte dos aspectos que demarcam a vida das pessoas, tanto no sentido individual como no coletivo. A sociedade é influenciada e determinada pela cultura. Observando neste sentido, era para compreendermos e identificarmos realmente essa relação tão importante entre cultura e desenvolvimento. No entanto, na prática, não se observa realmente dessa forma.

Nas três ultimas décadas de conferências internacionais, observamos uma grande importância conferida à cultura de uma forma geral, devido ao trabalho de unidade e do consumo imposto pelo capitalismo, produzindo uma enorme massificação e homogeneização das sociedades, e a cultura passa a ser um diferencial entre as nações, território, regiões e cidades. Assim compreendemos que a cultura funciona como uma válvula de escape para diminuir diferenças tão profundas e de certa forma amenizar o poder supremo do bloco dominante perante os dominados.

Estamos muito distante de presenciarmos momentos da história global em que as culturas tradicionais, nas quais, o homem regional valoriza e cultua seus hábitos de forma simples e repassa para seus sucessores as tradições culturais. Este tipo de cultura atualmente está se perdendo, devido a novos hábitos impostos pela cultura de massa; a internet unifica as pessoas, o homem moderno vive em ambientes que são os mesmos em qualquer parte do planeta. A cultura passa a ser um objeto de admiração, de diversão e não de desenvolvimento e principalmente não é visto como algo que leva ao crescimento econômico.

Com relação ao crescimento econômico, a cultura tem sido associada a grandes eventos para gerar renda e unificar os valores sociais. E o verdadeiro costume de um povo onde fica? Ainda existem as “ilhas de resistência” que tentam se reafirmar no novo modelo internacional econômico. A UNESCO (2012) destaca uma tendência nos debates entre as práticas e as discussões sobre cultura e desenvolvimento. O discurso muda, pois a inclusão da cultura nas novas políticas de desenvolvimento passa a ser mais significativa, a UNESCO (2012) está abrindo novas frentes de desenvolver a cultura, com o objetivo de modificar a forma de observar a cultura, passando então a ser totalmente reconhecida como um elo de desenvolvimento.

As indústrias culturais aumentam a atenção aos valores culturais dos países em desenvolvimento. Sendo os eventos culturais de grande proporção um caminho para atrelar a cultura ao desenvolvimento. No nosso estudo, pretendemos identificar se os dois grandes eventos de Areia – PB, no caso a Bregareia e o Festival de Artes, estão conseguindo trazer desenvolvimento e crescimento econômico para a cidade. Caso essa questão seja confirmada, a cultura da cidade de Areia está inserida nesta nova forma de classificação cultural proposta pela UNESCO.

Observamos que a cultura tem sido mais valorizada nas agendas dos programas de desenvolvimento, tanto para os estados como para as cidades e destacamos, ainda, as potencialidades que geraram rendas e empregos. Na última década (2000-2010), observam-se o crescimento e a valorização da cultura e sua maior relação com o desenvolvimento.

Nestes segmentos, estão incluídas as atividades intelectuais e as artísticas. Exemplo disso é o grande número de equipamentos culturais inaugurados nos últimos anos no Brasil. Os cinemas, teatros, museus e casa de shows estão fazendo parte da vida das populações, não só das grandes cidades, mas também das cidades do interior. A cultura está se equiparando as outras amostras das economias tradicionais, quando se refere a valores monetários.

A cultura tem gerado postos de trabalho diretos e indiretos, colocando no mercado recursos e investimentos que aumentam a renda das regiões e cidades. Entretanto, as políticas culturais e os serviços oferecidos à população das suas cidades e aos turistas que buscam o turismo cultural precisam ser contabilizados e diagnosticados para identificar-se, com precisão, o tamanho desses crescimentos econômicos.

Nossa discussão volta para o setor econômico, para compreendermos a conjuntura econômica e social do Brasil e especificamente do Nordeste, para assim fazermos uma conexão entre os fatores econômicos e culturais. Utilizaremos o texto de Tânia Bacelar – *Desenvolvimento regional do Brasil* (2010). Neste, Bacelar faz um resgate histórico do Nordeste na época conhecida como “fase de ouro”. Em seguida, debateremos sobre a atual situação do Nordeste com relação ao desenvolvimento. Achamos pertinente este debate para fazermos uma ligação com o nosso objeto de estudo: A cultura e o patrimônio histórico em Areia – PB. Queremos entender se aquele momento que o Nordeste passou, na década de

1950, foi importante para a atual estrutura da cidade de Areia enquadrar-se e transformar-se em uma cidade que predominava o turismo arquitetônico, e passava a investir no de eventos.

Com relação ao debate nacional, existia uma confusão muito forte de opiniões a respeito dos caminhos que o desenvolvimento deveria seguir. Neste momento, Celso Furtado ainda estava totalmente voltado para a visão do desenvolvimento através da valorização da indústria como um meio de articular o Brasil com os países desenvolvidos. No entanto, os movimentos sociais estavam levantando questionamentos a respeito do regional. Onde entraria posteriormente a necessidade de incluir a cultura como caminho para o desenvolvimento.

Com relação ao desenvolvimento do Nordeste, duas obras (relatórios) ajudaram a construir uma nova visão desta região: o *Relatório Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste* (GTDN), considerado uma política de desenvolvimento econômico e *Operação Nordeste* (1959). Neste momento, Celso Furtado torna-se questionador das teses que determinavam o processo de hegemonia naquele período.

A industrialização estava concentrada na região Sudeste, mais especificamente em São Paulo. Assim, observando e criticando, Furtado desenvolve a tese do comércio triangular, a qual defendia que parte do financiamento da industrialização do Sudeste tinha origem no Nordeste. Ele mesmo, naquele momento difícil, teve a ousadia de denunciar desvios financeiros e intitulou de “comércio triangular”. Isso ocorria porque o Nordeste era obrigado a comprar os produtos industrializados da região Sudeste, podendo comprar mais em conta ao comércio exterior.

Na zona da mata, região que está localizada a cidade de Areia-PB, a produção da cana-de-açúcar foi estimulada, em vez de valorizar as culturas já existentes, pois o objetivo era o Proálcool. Então, o turismo e a cultura, como Furtado propôs, ficavam para um futuro. Numa das suas últimas obras, *A construção Interrompida,* Furtado comenta a grandiosidade e variedade cultural do povo nordestino que estava sendo esquecida e abandonada.

Seguindo esta ideia de como a cultura fica fora deste debate desenvolvimentista, Jessé Souza comenta, no seu livro *A Ralé Brasileira* (2009), como o processo de modernização no Brasil está presente não só nas classes

sociais que tomam posse dos capitais econômicos e culturais. A cultura para Souza é um capital que a classe pobre não tem acesso e não consegue atingir um grau de direitos sociais e morais.

Existe uma classe privilegiada que tem direito à cultura erudita e a classe menos favorecida economicamente está distante dos “capitais impessoais”. O capital cultural, que pode ser adquirido com o conhecimento técnico e escolar, é determinante para a representação da classe favorecida, contribuindo tanto para o mercado como para o Estado.

Souza (2009) traz o debate proposto por Weber, o qual comenta sobre a história humana e como os ricos e cultos não querem apenas ser mais ricos e felizes, eles precisam acreditar que têm esse direito e o Estado tem a obrigação de criar condições para que cada vez mais os ricos possam viver econômica e culturalmente melhores. Mesmo que seja necessário tirar da grande massa alguns direitos, como preservar seus costumes e suas culturas.

Na sociedade moderna, especificamente a brasileira, o que realmente conta é o fator econômico. O dinheiro e os bens materiais são a esperteza dos economicistas do mundo, que permitem tornar legítimo todos os privilégios e vantagens para a classe dominante que detém o poder e ainda decide o que é cultura, que tipo de cultura deve ser rentável e para qual público deve ser direcionada.

O grande mercado não está preocupado com os cocos de roda, nem com as quadrilhas, nem tão pouco com a história do folclore do homem simples que não consegue gerar renda para sua região. O homem sem “cultura” consequentemente não tem escolaridade suficiente para ocupar cargos importantes, então lhe resta ser apenas um mero dispêndio de suas forças físicas. Assim, a classe pobre é explorada dessa forma pela classe média e alta que buscam unicamente o lucro e o acúmulo de bens.

Para buscarmos compreender o processo de desenvolvimento associado com o processo cultural, voltamos ao debate proposto por Celso Furtado em *Criatividade e Dependência* (1978), em que o autor abre o debate sugerindo que o mesmo é um *antilivro-acadêmico*, pois trazia problemas muito amplos para serem debatidos pelas Ciências Sociais.

O crescimento da economia mundial coloca, em evidência, dois tipos de problemas, isso na metade do século XX. O primeiro condizia ao comportamento do conjunto da economia mundial, levado pelas nações que eram centro na época e que, no século XXI, continuam sendo as mesmas nações que ainda determinam o poder econômico. A consequência seria a desestabilização das economias nacionais e a concentração da renda e da riqueza. O segundo problema está relacionado com as consequências que ocorrem dentro das economias nacionais, do enorme grau de complicação entre as relações internacionais e a divisão internacional do trabalho.

Furtado (1978) sugere dois planos independentes que podem servir de eixo para analisar a economia. Estes seriam os agentes individuais e capacitados para não modificar ou sugerir mudanças no sistema, e o outro plano seria a dos agregados nacionais, sustentados na ideia de que a intenção está associada aos comportamentos de determinados agentes e suas orientações.

Percebe-se que as relações econômicas e de desenvolvimento internacional cresceram no sentido mais complexo e o poder do Estado se desloca para as grandes empresas, ou seja, para o capital internacional. As escalas regionais e locais vão perdendo força e importância, principalmente, quando se trata de assuntos ou temas que não estão diretamente ligados ao fator econômico. Dessa forma, a cultura local e regional perde força e importância.

Segundo Furtado (1978), a revolução burguesa trouxe um crescente processo de criação cultural, produzindo, dessa forma, dois poderosos instrumentos da mente humana: o racionalismo e o empirismo. Este era um momento que a sociedade estava aberta a novas propostas, o futuro era mais importante do que as memórias do passado. O futuro estava associado ao progresso e este poderia unir os homens de forma mais consistente do que a fé. Esta ascensão da burguesia nada mais é que a consolidação das forças sociais através da acumulação, da produção e do consumo. Os padrões culturais começam a mudar e surgem as ideias de modernidade.

Esse processo de mudança social que ocorria, no mundo, no período pós-revolução industrial, Celso Furtado chama de desenvolvimento e está relacionado com a ideia de criatividade. Não se tratava mais de uma questão de reproduzir o que já existia, mas de ampliar as potencialidades humanas. O excedente abria espaço

para a invenção e consequentemente a cultura passa a ter mais destaque. Essa força liberadora de energias humanas, que une o progresso, o crescimento e a cultura, Celso Furtado entende como desenvolvimento.

Quando observamos o grande número de culturas que existem na Terra, identificamos o tamanho que é o poder de criatividade da humanidade. O processo de criatividade e de cultura é para Celso Furtado infinito. Este autor faz uma comparação com a filosofia grega que influenciou o homem moderno, pois era totalmente direcionada à sensibilidade e à inventividade humana. A dialética do novo encontra limites apenas quando surgem novas descontinuidades. E o homem dentro de suas referências pessoais e sociais vai criando e repassando novas formas de se expressar, classificar e identificar seus espaços sociais e territoriais.

Esta cultura que surge com a revolução industrial e consequentemente com a revolução burguesa traz consigo a racionalidade, passando esta a ser um determinante para a criatividade. Os países que lideram a industrialização orientam-se em dois caminhos: o da eliminação dos obstáculos que aparecem nas estruturas sociais e o da confrontação.

Percebe-se, neste debate, a necessidade de relacionar a cultura com o desenvolvimento, pois este é importante para o homem poder encontrar um verdadeiro desenvolvimento e o seu bem-estar. Pois como comenta Furtado (1978), as novas formas sociais devem constituir um domínio da invenção cultural, pois é mais difícil estabelecer as linhas que determinam os fins e os meios.

Ao proporcionar essa conexão, favorece-se a capacidade criadora do homem em suas formas mais nobres. O Estado possibilita e direciona os caminhos econômicos para que os grupos possam desenvolver suas atividades culturais, sem perder o ritmo imposto pela sociedade moderna. Assim, no progresso do capitalismo moderno, as invenções e criações das sociedades tidas como anônimas, que apresentam uma vida indefinida, transformam-se em um grupo com identidade e costumes próprios.

Percebe-se que as sociedades que surgem da revolução burguesa, como sugere Furtado (1978), revelam expectativas extraordinárias para um desenvolvimento mais concreto, ou seja, com mais qualidade de vida tanto para as questões econômicas como para as sociais e culturais. O processo de acumulação determina e passa a ser fundamental nas forças sociais de grande complexidade, na

sociedade capitalista. Vendo desta forma, a criatividade pode ser determinante para as relações de causa e efeito.

Nas sociedades em que a industrialização fundamentou um rigoroso controle social para ter melhores resultados econômico, a acumulação deveria pautar-se num programa social completamente definido. No caso das nações que tiveram uma industrialização tardia, muitas vezes, o crescimento econômico ficou limitado para uma grande quantidade de pessoas. Estas, pelas necessidades de acompanharem o ritmo imposto pelo sistema global capitalista, abandonam suas origens, seus costumes e suas tradições. Tornando-se apenas reprodutoras de culturas universais.

Percebemos que a relação entre a cultura e o crescimento econômico, nas sociedades de forma geral, proporciona um número bem maior de possibilidades de se encontrar o desenvolvimento. Independente da escala que estas sociedades fazem parte, pois os pequenos grupos se organizam e encontram formas de viverem e de crescerem, ou de sobreviverem sem deixarem de lado seus costumes e suas tradições.

2.3 Do desenvolvimento na América Latina aos atores culturais: O capital social e as indústrias culturais

Nesta etapa, buscamos compreender o termo e a origem do desenvolvimento propriamente dito. É um caminho para chegarmos às formas de interligarmos a cultura com o desenvolvimento. Sendo importante conhecermos os atores que favorecem o caminhar da cultura e o seu capital social dentro da nova conjuntura das indústrias culturais.

Acreditamos que, nessa altura do debate proposto pelo tema da nossa pesquisa, os caminhos que tentamos seguir para interligarmos o desenvolvimento com a cultura, devem estar mais claros. No entanto, sentimos a necessidade de compreendermos melhor por que a América Latina – especificamente o Brasil – demorou aceitar as ideias de desenvolvimento associado à cultura, diferente da América do Norte, como também da Europa. Para isso, vamos utilizar os conceitos e teorias propostos por Guy Hermet (2002) em *Cultura e Desenvolvimento* (2002).

Compreende-se o desenvolvimento como um processo de transformações que visa atingir o maior número de pessoas, as quais tendem a aumentar a qualidade de vida. Não somente econômico, apesar de observarmos que o crescimento e as formas de desigualdades entre as pessoas são determinantes para caracterizarem o desenvolvimento.

Para entender melhor o que é desenvolvimento, é importante entender fatores que fazem com que uma nação não seja desenvolvida. Um exemplo perfeito é o caso da América Latina, nas décadas de 1950 e 1960, quando a economia estava diversificada e em processo de evolução. Nesses países, a industrialização era tida como o caminho para o desenvolvimento, como comenta Furtado (2009), quando cita os seis fatores que determinavam uma nação desenvolvida. Em primeiro lugar, a criação de um excedente de produção; em segundo, está a apropriação dos excedentes por um grupo minoritário; em terceiro, estão os padrões altos de consumo, abrindo assim um comércio entre as nações ricas; em quarto lugar, temos o intercâmbio com outras nações, importante lembrar que de preferência as nações ricas; em quinto, está a concentração de riquezas, adquirida com o comércio e, por fim, o acúmulo de capital pelos comerciantes, aumentando a movimentação e circulação de capital e incrementando suas rendas, transformando o excedente de produção em fonte de renda.

É importante percebermos que o desenvolvimento das nações não está ligado diretamente a teorias, como a da “decolagem econômica” sugerida por Rostow. A qual propunha uma sequência de momentos de acumulação que foram determinantes para os Estados Unidos, a Europa e, por fim, o Japão. Esses países passaram por processos de uma indústria sequenciada, indo da revolução na agricultura, passando pela indústria pesada, até atingirem o consumo de massa. Observamos que é importante separar a ideia de desenvolvimento e de sociedade moderna para melhor compreendermos a importância de cada um, apesar de ambos contribuírem para melhorar a vida das pessoas. Entretanto, os fatores sociais são mais importantes para essa sociedade viver de forma organizada e equilibrada, tendo direito à liberdade e à cultura.

A cultura recebe influência total do desenvolvimento e vice-versa, pois as nações só se tornam efetivamente desenvolvidas se houver uma sequência de determinantes sociais, os quais possam modificar as hierarquias e os atores. E estas

apoiadas por uma dinâmica capaz de possibilitar mobilizações que possam ser em nível de produtividade, valores morais e sociais. As atividades culturais serão fortalecidas pelo Estado que tem estrutura e condições de preservar e incentivar a cultura nos seus variados níveis de escala desde o local até o nacional.

Fizemos um resgate histórico para localizarmos o início das ideias desenvolvimentistas. Percebemos que, no século XIX, não se questionava sobre tais possibilidades. No máximo, as ideias e pensamentos progressistas faziam parte dos debates nos Estados Unidos e Europa. A América Latina não apresentava possibilidades nem condições de pensar em mudanças que viessem a melhorar a vida da população. Entretanto, alguns países, no caso a Argentina e o Uruguai, buscavam encontrar formas de melhorarem a vida das suas populações. Em especial, a Argentina que na pessoa de Domingo F. Sarmiente (1811 – 1888) colocava todas as expectativas num sistema educativo, pois acreditava que a educação seria capaz de tirar a população de condições tão cruéis.

Esse era um momento que os habitantes da Argentina e também do Uruguai não se consideravam latino-americanos, eles se achavam muito próximos dos países da América do Norte e da Europa. Os positivistas que seguiam as concepções ideológicas de Augusto Conte na América Latina, com o início do novo século (1900), passam a não acreditar mais na possibilidade da América Latina, até mesmo os países como Argentina, Uruguai e México atingirem níveis de desenvolvimento. Percebemos que o Brasil não fazia parte e nem entrava nestas questões de desenvolvimento na época.

Os positivistas começam a criar uma visão negativa dos países latinos. A preguiça, as questões raciais e as desigualdades eram fatores que levavam os países latinos não conseguirem atingir graus de crescimento que outros países estavam atingindo, como os da Europa e Estados Unidos. Entretanto, no México, o governo do ditador Porfírio Díaz (1828-1915) favoreceu criar novas infraestruturas que pudessem agilizar os processos de modernização. Só que o ditador era contra a democracia e demonstrava um interesse enorme pelo positivismo, que pregava a ideia de transformações enormes nas composições administrativas que pudessem favorecer as oligarquias.

As classes pobres reprimidas só viram uma saída: unirem-se e organizarem uma *Revolução Pequeno-burguesa*, tendo início em 1911, com o apoio das

multidões camponesas, que lutavam pela reforma agrária. Mas só conseguiram resultados promissores no México, depois dos anos de 1930, que abriu caminhos para uma industrialização e uma estabilidade política só em 1940. Países como Peru, Cuba e Nicarágua não seguiram o exemplo do México e realizaram uma reforma agrária com interesses de favorecer o poder dos líderes governamentais e lideranças econômicas. No caso específico do Brasil, a situação foi pior ainda, pois não houve reforma agrária de forma alguma.

Com a grande crise de 1929-1932, nos Estados Unidos e consequentemente em todo o Ocidente, a América Latina fica dividida em dois grandes blocos, quando se referia a políticas econômicas. No primeiro bloco, estão países com maior número de habitantes e de problemas sociais e econômicos. O outro grupo era formado por Argentina, Chile, Uruguai e Brasil, que a adotaram e se pegaram ao protecionismo e às estratégias que viam na industrialização uma saída para a crise, diminuindo as importações, uma vez que iriam produzir e consumir dentro do próprio país.

Percebe-se que é, neste momento, que a América Latina passa a tomar parte das políticas de desenvolvimento, embora tardia, ajudou a incentivar outros países do mundo a seguirem tais exemplos. Mas observando os fatores negativos destas revoluções, diagnosticamos que as políticas de desenvolvimento criadas e executadas nestes países, em especial o Brasil, não chegaram a surtir os efeitos desejados e necessários.

Dessa forma, não existiam uma ligação e uma preocupação em caminharem juntos o desenvolvimento e a cultura, pois esta era vista como algo superficial e que atrasaria o crescimento econômico, porque tinha que haver investimentos nos segmentos culturais. Os movimentos artísticos e sociais eram tidos como marginalizados e os artistas eram vistos como baderneiros e de má influência para a sociedade que produzia capital financeiro. Consequentemente, a educação e os valores sociais eram deixados de lado, pois o homem precisava produzir nas fábricas para o país seguir na luta pelo lucro e o desenvolvimento.

Com o começo da guerra fria, os países ricos tendem a criar discursos para diminuírem as desigualdades e as crueldades sociais dos países da África, Ásia e também da América Latina. É nesse contexto que surgem pela primeira vez o conceito e o debate a respeito do subdesenvolvimento. O Presidente americano

Harry Truman em 1949 cria um programa para diminuir a pobreza no mundo subdesenvolvido. O objetivo era o primeiro mundo, os ditos como países ricos, ajudar e criar os meios para que países pobres entrassem nas ideias do desenvolvimentismo, sendo o Estado o centro do poder. Essas ideias duraram pouco, duas décadas, entre os anos de 1950 – 1960.

A América Latina tentava a todo custo acompanhar o ritmo de industrialização imposto pelas ideias desenvolvimentistas, que não pregavam modelos únicos, quanto mais diversificação nas indústrias mais lucro e crescimento econômico viriam a ter as nações. Neste mesmo período, surge a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), tendo à frente o Argentino Raúl Prebisch, o qual acreditava que a industrialização era o instrumento mais importante para o desenvolvimento. No entanto, as opiniões divergem entre vários segmentos, Roberto Simonsen defende o desenvolvimento privado e de curto prazo.

Os brasileiros tiveram destaque na CEPAL, entre eles, podemos citar Roberto Campos e Celso Furtado (1960) que defendiam que a economia brasileira tinha forças para caminhar sozinha. Via uma possibilidade de um desenvolvimento fácil, rápido, em que a crescente exportação de matérias-primas seria o caminho correto para levar o Brasil para um patamar de crescimento econômico. No entanto, as importações se esgotaram porque surgiam indústrias de várias modelos em todas as partes, fazendo com que a indústria, na América Latina e especificamente no Brasil, tivesse uma queda. Celso Furtado, seis anos mais tarde, retrata-se, pois acreditou que seria mais fácil encontrar o caminho do desenvolvimento e isso não ocorreu.

Percebia-se que as ideias desenvolvimentistas não alcançavam os resultados esperados. Até mesmo Raul Prebisch reconheceu tal fato e, em 1978, apresentou um documento tendo como título **“**El nuevo ordem econômico internacional y los valores culturales**”**. Neste documento, era admitido o erro de não ter inserido nas políticas de desenvolvimento o capital social como importante ferramenta para melhorar a economia das nações. A classe trabalhadora não conseguiu acompanhar o ritmo imposto pela modernização. Não havia mão de obra qualificada para produzir e para receber melhores salários e assim consumiria mais, melhorando a renda do país. Com isso, nos anos de 1960 e 1970, a América Latina aumenta sua dívida externa, levando os seus países, dentre eles o Brasil, a um período de estagnação e atraso nos anos de 1980.

A conjuntura econômica muda novamente e o poder do Estado enfraquece em função do crescimento econômico, surgindo o Neoliberalismo que abandona as ideias desenvolvimentistas e lança mão de novos conceitos de acumulação. A teoria da acumulação prevê três fatores básicos: primeiro, a orientação econômica passa a ter um caráter técnico, as áreas sociais passam a sofrer grandes desfalques; em segundo, o neoliberalismo não é uma política econômica voltada para os países da América Latina, é uma visão de reordenar o capital de uma forma geral, com o objetivo da prosperidade rápida. Como consequência disso, vem o alto número de demissões, redução dos gastos públicos nos setores da saúde, educação, assistência social e na cultura; e, em terceiro lugar, o neoliberalismo prega a privatização, a liberalização do comércio e a circulação livre dos capitais, beneficiando apenas as nações já ricas, fazendo com que a cultura perca mais espaço.

Neste momento, a cidade de Areia, universo do nosso estudo, também estava vivendo um momento de crise, tanto nas questões econômicas como na manutenção de suas tradições artísticas e culturais. Areia deixava de ser rota cultural dos espetáculos que passavam pela cidade, pois quando vinham para a capital da Paraíba - João Pessoa - passavam por Areia e se apresentavam no Teatro Minerva. Em seguida, rumavam para Campina Grande, onde as atividades culturais, principalmente nos segmentos de teatro e dança, estavam tomando dimensões maiores, desde a inauguração do Teatro Municipal na década de 1960, precisamente no ano de 1963. No entanto, é bom destacar que após os anos de 1980 e se agravando nos anos de 1990, a cultura na Paraíba entra numa crise muito forte, em especial na cidade de Campina Grande. Os grupos de teatro mantidos por órgãos públicos deixam de existir, como é o caso do Teatro Vivo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o qual foi muito importante para a cultura paraibana, representando a Paraíba em festivais nacionais durante duas décadas.

Com a diminuição dos espetáculos e dos artistas em Areia, a população passou a sentir falta das influências dos artistas que traziam ares de modernidade para a cidade, bem como para o comércio, pois movimentavam as pousadas e restaurantes da época. A cidade passa a investir numa cultura de massa e os eventos, A Bregareia e o Festival de Arte, passam a fazer parte do cenário social, cultural e econômico de Areia.

Durante um período de 20 anos, início de 1960 até final dos anos 1970, os especialistas que defendiam e pregavam o desenvolvimento como fundamental para alavancar as economias, passam a se preocupar com os índices de pobreza nos países tidos como terceiro mundo. Surge uma corrente que defende o “capital social”, pois o termo fazia parte das falas dos economistas. A cultura também vem junta no discurso, não que fosse importante e necessária, mas não tinha como deixá-la de fora. Primeiro falavam-se de cultura de empresa, depois com Johnston, a cultura passou a ser tratada por culturas organizacionais, mais voltadas para os grupos específicos e com pouco poder de comunicação.

Apesar das restrições e dificuldades, a cultura volta a fazer parte dos debates. Não que tivessem interesse nessa nova estrutura social, mas com o objetivo de levar as populações a atuarem dentro de seus propósitos. O Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a Organização Internacional do trabalho, a CEPAL, o PNUD e a UNESCO decidem promover eventos para trazerem a questão cultural para o centro do debate. Em 1995, a cultura passa a ser um elemento importante para a luta contra a miséria, tanto é que, em 1998, os Estados Unidos promovem em Washington a conferência sobre a cultura, “A Cultura no desenvolvimento sustentável”.

Percebia-se que as recomendações do Presidente do Banco Mundial, na época, James Wolfensohn, não estavam sendo colocadas com as melhores das intenções. Tudo era uma questão de articulação para inserir os conceitos de cooperação, de confiança, de etnicidade, de comunidade e de amizade nas ideias da teoria e da política do desenvolvimento.

Entretanto, o discurso sobre a valorização da cultura foi o argumento dos países capitalistas para favorecer o desenvolvimento econômico. Percebemos que a diversidade cultural possibilita uma maior articulação entre os habitantes e mesmo os excluídos, que não se encaixam nos padrões da modernidade ocidental, passam a fazer parte de grupos sociais, seus valores e suas tradições mantêm vivas suas verdadeiras identidades. A economia empurra a globalização, tornando o mundo um só, onde o lucro é o fator determinante, o que Anthony Giddens chama de “universalização da modernidade”. Esse discurso traz uma preocupação que é a forma de trabalhar e divulgar a cultura, pois pode ser entendida de dois aspectos: no sentido mais antigo, no qual a cultura era chamada de “alta cultura” para pessoas

cultas e ricas e favorecia mais a classe dominante que detém o poder econômico, e o grupo menos favorecido que luta pela preservação dos valores e tradições por mais simples que sejam.

O capitalismo quer tirar proveito de todos os segmentos, é tanto que dentro deste debate surge a indústria cultural que iremos discutir em outro momento. Dentro de toda essa questão econômica e de desenvolvimento, o lado social fica quase apagado. No entanto, os especialistas em desenvolvimento viram, na expressão “capital social”, uma forma de justificar uma relação mais próxima do homem. Esse termo não foi criado junto com todas essas necessidades, pois o Americano Thorstein Veblen, em 1899, utilizava esse conceito para identificar um tipo de classe ociosa e que vivia à custa dos trabalhos dos outros. Essa discussão não tem nenhuma relação com a ideia desenvolvida pelos economistas que pregavam o capital social como algo que deveria cuidar e dar melhores condições de vida a um determinado grupo de pessoas.

O capital social passa por outros problemas, como criar comodismo em alguns grupos, pois esses acreditam que o distanciamento de suas culturas da globalizada dá mais originalidade. No entanto, esses grupos ficam fora dos editais e verbas públicas e privadas que pudessem ajudar e solidificar suas tradições. De certa forma, o capitalismo ocidental fica protegido, pois oferece os investimentos e os patrocínios necessários para os pequenos, médios e grandes grupos executarem seus projetos. No entanto, os grupos não podem ou não conseguem as verbas que são destinadas a eles devido à burocracia.

Destacamos que BOURDIEU *apud* HERMET (2000) comentou que o capital social retirou a ociosidade como ponto integrante da ideia principal e passou a considerar o capital social como algo que favorece grupos privilegiados, os quais estão apoiados em três pilares. No capital econômico que possibilita a segurança e a estabilidade material; no capital cultural que favorece o uso dos idiomas e no capital relacional ou social, este voltado para as relações entre as pessoas e grupos. Já o sociólogo americano James Coleman via no capital social, uma forma de organizar a vida, tanto nas questões econômicas, quanto nas sociais das populações, e este capital era coletivo, não individual.

A questão do capital social passou a fazer parte dos conceitos e teorias utilizados e comentados tanto pelos economistas, como pelos teóricos do

desenvolvimento humano. Para encerrarmos esse momento de exemplos de autores que deram destaque ao capital social, falaremos de Stefan de Vylder, que classificou o capital social em quatro tipos, todos associados à questão de produção, são eles: o capital financeiro, o capital físico (onde estão incluídos os equipamentos e toda a parte de infraestrutura), o capital natural (neste, ele incluía os recursos naturais) e o capital social propriamente dito.

Mesmo diante de algumas constatações a respeito de fatores negativos relacionados ao do capital social e juntamente com a cultura para todos, não podemos deixar de admitir que tanto o capital social como a cultura ajudam na luta contra a pobreza. Principalmente na América Latina, em especial no Brasil, onde passaríamos a pensar num desenvolvimento mais igual.

Acreditamos que o capital social seria capaz de trazer uma cidadania moderna, em todos os seus aspectos: políticos, econômicos e culturais. A população brasileira poderia criar, como tem tentado, nos últimos anos, uma identidade própria, sem precisar reproduzir a cultura americana ou europeia. Assim, o capital social iria de fato ajudar no desenvolvimento social e até econômico de nossa nação, possibilitando um crescimento econômico, mas sem perder o encantamento e a magia das culturas locais, regionais e nacionais.

Em algumas sociedades, existem dificuldades para unir o desenvolvimento e a cultura. Não se podem apenas identificar as questões econômicas que atrapalham essa interligação da cultura e do desenvolvimento. A cultura fica dividida em dois segmentos. Um está mais voltado para entender a cultura e sua ligação com o capital social, no qual os valores e os comportamentos das sociedades são o determinante. No outro segmento, tem um grupo social que classifica a cultura como “alta cultura”. Neste, estão inseridas apenas as atividades de espírito.

Os estilos como a música, a pintura e o teatro se encaixam neste segmento, em que a sensibilidade é o fator determinante, identificando que as pessoas que realizam esta prática não demonstram interesse em fazer a conexão com o econômico porque acham a cultura como privilégio dos ricos.

Nas sociedades que recebem a difícil classificação “menos desenvolvida”, as atividades culturais não estão interligadas ao econômico, elas se misturam numa perspectiva simbólica. Mantêm a identidade, o orgulho e o coletivo do grupo. Esses valores são os seus verdadeiros capitais sociais. Com relação aos grupos que

valorizam o econômico, a produção cultural é organizada e patrocinada por empresas privadas e pelo Estado que cria leis através dos editais. Existem verdadeiros grupos bem organizados que vivem e acumulam recursos financeiros com toda uma proposta de eventos que são definidos como indústria cultura.

A tecnologia da comunicação virou uma parceira perfeita para a cultura. O lazer virou uma gigantesca fonte de renda que privilegia um pequeno grupo de empresários especializados em organizar festas e eventos espalhados por todo mundo. Os eventos de grandes dimensões ocupam espaços e lucros significantes. Os artistas passam a ser ricos ou milionários. Os empresários e os agentes fecham agendas, criam estrelas e montam grandes estruturas capazes de gerarem muitos empregos. As cidades passam a criar seus slogans associados aos eventos, como por exemplo: A capital do forro, A capital do frevo, A capital do samba, O festival da cachaça etc. Este tipo de turismo leva muitas pessoas a conhecerem as festas e se divertirem nos eventos.

Cidades como Areia, que realiza o Festival da Cachaça, recebe em três dias um número de turistas duas ou três vezes mais do que a população da cidade. Estes turistas são de outro tipo, eles não estão interessados em conhecer o patrimônio material tombado, nem a cultura local, mas os shows que são os atrativos e mobilizadores de pessoas.

Este tipo de evento é muito característico no Brasil. Temos como maior exemplo o carnaval, em várias cidades brasileiras. Esta é uma festa interessante de se observar sociologicamente, pois une pobres e ricos em um mesmo lugar. A indústria cultural consegue dentro de sua visão capitalista criar formas e estilos que separam os ricos dos pobres. Colocam cordões de isolamento, camarotes, blocos com pessoas padronizadas, onde a criatividade não existe.

O determinante é o fator financeiro, não o valor cultural e suas tradições. Mas existem os grupos que tentam preservar e resgatar a verdadeira tradição. Através de passeios e fantasias, relembram o valor cultural de determinada região. O carnaval do Rio de Janeiro, com seus desfiles das Escolas de Samba, que são verdadeiros espetáculos que emocionam e divertem pessoas do mundo todo. Sendo considerado o maior evento do mundo. Mesmo assim, os desfiles das escolas têm o fator econômico superando o valor cultural. As expressões artísticas e culturais mais

antigas vão além das fronteiras dos grupos tradicionais, mas isso só ocorre se tiver o fator econômico à frente para divulgar e patrocinar tais ações.

Canclini (2008) comenta os dois segmentos: artístico e cultural, nos quais o culto e o popular são construções culturais. No entanto, existem dificuldades de determinar o que é culto e o que é popular, pois são organizações determinadas pela modernidade. No entanto, as próprias condições impostas pela modernidade demonstram que as diferenças existentes entre o culto e o popular são insustentáveis. A reestruturação da cultura imposta pela modernidade define que não só o econômico e o tecnológico ditam as normas, mesmo tendo grande contribuição. Mas as tradições e a conservação dos valores aumentam cada vez mais as culturais em seus espaços.

3 CAPÍTULO II – DESAFIOS DO TURISMO CULTURAL NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

> “A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato” (Nildo Lage).

Na metade do século XIX, algumas culturas agrícolas na região Nordeste, em destaque no Estado da Paraíba e na Zona da Mata e Agreste, onde está localizada Areia, entraram em declínio devido a vários fatores, como as pragas, baixo comércio, problemas de adaptação. Tanto o algodão quanto a cana-de-açúcar entraram em crise de produção e de comercialização, e a cidade de Areia conheceu um dos períodos mais críticos de sua história econômica, agravada pela construção da estrada de ferro no final do século XIX, que, ao privilegiar a região circunvizinha e excluir Areia, dificultou ainda mais sua condição de competitividade comercial Almeida (1956) *apud* Silva (2011).

Os produtores locais buscando diminuir as dificuldades, já no início do século XX, realizaram as primeiras grandes plantações de café no município. No entanto, devido a novas pragas, a cultura agrícola teve que ser substituída pelo agave, cuja produção conseguiu, enfim, alavancar a economia do município, por ser uma cultura mais adaptável ao clima nordestino, tornando-o novamente competitivo. Porém, as dificuldades do mercado, na segunda metade do século XX, fizeram com que esse produto agrícola, esperançoso para a região, não conseguisse atingir bons resultados. A escolha foi voltar ao plantio da cana-de-açúcar e se deter a produção da rapadura e da aguardente para comercialização.

Os engenhos começam a fazer parte da paisagem rural do município na metade do século XVIII, mais precisamente por volta de 1760. O registro mais antigo data de 1764, e se refere ao Engenho Bolandeira, Almeida (1994). Os primeiros engenhos se caracterizavam como pequenas propriedades que se localizavam próximas umas das outras e, normalmente, estes eram implantados próximos a vales e riachos que ajudavam na irrigação das terras. Inicialmente, o principal produto era o açúcar, mas este logo foi substituído pela produção de cachaça e rapadura, por estas possuírem um processo de fabricação mais rápido e rentável, Almeida (1958), e ainda havia a dificuldade de exportação devido ao relevo acidentado e das distâncias aos portos de embarque.

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Areia vive um breve apogeu devido a um período de prosperidade dos engenhos de açúcar, Almeida (1958). Este foi um período de grande progresso para a cidade, com o desenvolvimento do comércio e a diversificação das atividades culturais, conforme já mencionamos em momentos anteriores. Contudo, uma grande crise leva boa parte das propriedades à

condição de fogo morto. Vários fatores contribuíram para que isso ocorresse, a inconstância dos ciclos econômicos, que alteravam o uso das propriedades, além da implantação da estrada de ferro que, a partir de 1900, se estende apenas até os municípios vizinhos de Guarabira e Alagoa Grande, Almeida (1958), dificultando o escoamento da produção agrícola de Areia.

Um dos fatores fundamentais que corroborou para a decadência dos engenhos foi a instalação da uma usina Santa Maria, no município, no ano de 1931, Almeida (1994). Os proprietários compraram as terras dos engenhos vizinhos que passaram a ser aproveitadas apenas para o plantio da cana, culminando na ociosidade e abandono de boa parte das edificações, posto que muitos agricultores produziam a agricultura de subsistência nas localidades.

A usina Santa Maria manteve seu domínio durante mais de sessenta anos, porém começou a apresentar uma crise, na década de 1990, que levou a sua falência. Atualmente, restam apenas ruínas de suas instalações, mas alguns dos engenhos que haviam sido arrendados durante seu funcionamento continuam produzindo, alguns com novas instalações para substituírem as que foram destruídas durante este período. Chegaram a existir mais de cem engenhos no município no final do século XIX.

Imagem 1 - Engenhos manuais na região rural de Areia / década de 1960

Fonte: Arquivo da Câmara de Vereadores da cidade de Areia.

O patrimônio arquitetônico encontrado no campo, além da cidade, explica a sua valorização patrimonial. Os conjuntos edificados dos engenhos de Areia foram construídos, em sua maior parte, durante os séculos XVIII e XIX, e são frequentemente formados pelos prédios, dos quais fazem parte os engenhos, casa grande, curral, depósitos, casa de moradores e, em alguns casos, capelas, sendo a religião católica predominante na época, como no momento atual, devido à influência das Freiras Franciscanas.

No que diz respeito ao patrimônio imaterial:

> A melhor riqueza que escorria nas bagaceiras de engenhos e que lamentavelmente quase toda se perdeu era a do folclore, na sua expressão mais genuína, manifestado nas artes de curar e do sabor da linguagem brejeira. [...] O declínio da atividade dos engenhos gerou uma série de problemas sociais, como o desemprego e consequentemente o abandono do campo, muitos homens do campo passam a morar nas encostas da cidade e, com isso, deixam de lado as tradições outrora desenvolvidas nos terreiros dos engenhos. Algumas propriedades chegaram a possuir mais de cinquenta casas de moradores, que realizavam festas e danças nas datas religiosas, como o coco de roda e a formação de bandas de pífano, atividades que desapareceram da região sem deixar registros (ALMEIDA, 1958, p.106).

Outra atividade tradicional do engenho, a do “mestre rapadureiro”, que dá o ponto do melaço para preparação da rapadura, e cujo oficio era passado de pai para filho, tem diminuído constantemente, devido à redução das unidades produtoras e do declínio do preço da rapadura. As cantigas por eles entoadas, durante o preparo do doce, têm se perdido no tempo, e várias já foram esquecidas. Era uma grande festa quando iam mexer o mel para fazer a rapadura, todos participavam dançando e cantando músicas ainda da tradição escrava.

Atualmente, alguns proprietários têm procurado investir em novas alternativas econômicas, aliadas à produção da cachaça para melhorarem os lucros e oferecerem outras fontes de renda. A principal atividade é o turismo, sobretudo com a exploração do ecoturismo e do turismo rural, como a criação do projeto “Caminho dos Engenhos” que agenda visitas aos engenhos ainda restantes na região.

Todavia, essa atividade ainda é praticada em poucas propriedades e de forma simples, Morais (2008).

Imagem 2 - Engenhos atuais com suas áreas reservadas para comercialização e atendimento aos turistas

Fonte: Universidade Estadual da Paraíba - Imprensa UEPB / 2016.

3.1 Aspectos físicos, humanos e turísticos da cidade de Areia

Nesta etapa, torna-se de extrema importância fazermos um recorte do nosso universo da pesquisa. Iremos contextualizar física e socialmente a cidade de Areia – PB, a cidade de Areia está localizada numa região mais populosa da Paraíba, que é o Brejo paraibano. Só perdendo em números de habitantes para a capital João Pessoa. Areia tem como limites territoriais os municípios paraibanos de Arara, Serraria, Remígio, Pilões, Alagoinha, Alagoa Nova e Alagoa Grande que são também produtores em menor escala da cana-de-açúcar. Além dessa comunicação com vários municípios da região, a cidade de Areia fica próxima aos dois principais polos econômicos e demográficos da Paraíba, estando localizada a 122 km da capital do Estado, João Pessoa e a 45 km de Campina Grande (CAVALCANTI; CAJU, 2005 *apud* SILVA, 2011).

Com uma área territorial de 266.596 Km e uma população de 22.940 habitantes (IBGE – 2016), apresentando uma densidade populacional de 86,05 habitantes por Km quadrados. Tendo como indicadores econômicos o Índice de

Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,594 sendo considerado baixo (PNUD -2010) e o Produto Interno Bruto (PIB) de 94.525,453 mil e o (PIB) per capita de 3.676,03, fonte (IBGE / 2008). Considerado também baixo para um município que apresenta uma economia prospera e com grandes usinas, isso pode ser um dos indicadores que mostra o grande grau de desigualdade entre a população do município.

Situada no Planalto da Borborema com altitude de 623 metros acima do nível do mar , durante os meses que têm maior índice pluviométrico na região, a umidade toma conta da cidade. Neste período, a nebulosidade passa a fazer parte do cenário local, sendo outro atrativo natural do município. Os estudos morfológicos sempre fazem referência às particularidades de seu núcleo urbano, cujo traçado irregular é adaptado pelo delinear de áreas relativamente planas. O município de Areia apresenta uma área territorial de 269 km^2. A localização da cidade permite ver seu entorno acidentado e sua vegetação esparsa e rasteira:

> A implantação de Areia acompanha as curvas do relevo íngreme e os edifícios se posicionam no alto da serra e contornam a região repleta de acidentes geográficos. Uma das peculiaridades de Areia que lhe dá significância e destaque entre as cidades da região é justamente a sua localização geográfica. Enquanto os demais municípios se formam nas proximidades dos rios, em áreas planas, Areia ocupa o topo da serra, ostentando uma visão pouco comum entre as demais cidades que são encontradas nas proximidades (MORAES, 2008, p.27 *apud* SILVA, 2011).

Com relação aos aspectos históricos, a cidade de Areia é conhecida por alguns estudiosos das ciências sociais, a exemplo de Horácio de Almeida, como um município de grande destaque, enquanto polo econômico do brejo paraibano no século XIX, primeiramente com o cultivo do algodão, principal cultura agrícola da região nos últimos anos, e, no período da referida pesquisa, a cana-de-açúcar é o produto agrícola mais produzido no município. Sua relevância econômica deu os contornos necessários para a sua ascensão política

Nas questões econômicas, a cidade de Areia passa a ser referência na Paraíba, no século XIX, pois a cana-de-açúcar passou a ocupar maior espaço nas zonas de produção agrícola da região, sendo uma cultura muito forte economicamente em toda a região da zona da mata nordestina e especificamente da Paraíba. Esta cultura possibilitou a indústria de beneficiamento da cachaça nos engenhos fabricantes de açúcar e de rapadura.

No que diz aos dados econômicos, de educação, saúde, a cidade de Areia fica numa proporção bem abaixo do esperado. Utilizamos os números e análises do IBGE, para destacarmos as dificuldades econômicas e sociais da população.

Em 2015, o salário médio mensal era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7.2%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 29 de 223 e 139 de 223, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 3020 de 5570 e 4275 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 51.4% da população nessas condições, o que o colocava na posição 94 de 223 dentre as cidades do estado e na posição 1120 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Com relação a educação, em 2015, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 165 de 223. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 174 de 223. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 97.5 em 2010. Isso posicionava o município na posição 106 de 223 dentre as cidades do estado e na posição 2904 de 5570 dentre as cidades do Brasil

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 13.7 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 1.1 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 97 de 223 e 97 de 223, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 2339 de 5570 e 2285 de 5570, respectivamente.

Apresenta 41.9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 35.6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 13.7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 67 de 223, 220 de 223 e 38 de 223, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 2574 de 5570, 4690 de 5570 e 2400 de 5570. Estes dados nos mostra que a cidade de Areia está passando por grandes problemas sociais e econômicos. Seus tempos áureos, ficaram para trás.

> Foi com a cana-de-açúcar que o comércio atravessou sua fase áurea, onde a feira livre era seu principal indicador. (...) A cidade prosperava, contando com sobrados de sólida estrutura, ruas calçadas, escolas, teatros, biblioteca e jornais (CAVALCANTI FILHO; MOURA, 2003, p.30 *apud* SILVA, 2011).

Vários estudiosos de cultura se propõem a analisar como as pessoas modificam e modelam a forma das cidades e suas origens nas linhas de trabalho precursoras da escola alemã, da geografia cultural norte-americana e da geografia histórica anglo-saxã (IBARZ apud MOREIRA & MORAES, 2009). Conceitos como o de paisagem cultural (Otto Schlutter) e estudos pioneiros sobre a cidade de Viena (Otto Hassinger; Hans Bobeck; Lichtenberger) constituíram as bases sobre as quais se realizaram pesquisas posteriores (Escola de Berkeley; Geografia humanística) e se estruturaram em outras disciplinas, como a Geografia Cultural (Carl Sauer) e a Morfologia Urbana. No período entre as duas grandes guerras mundiais, os estudos nesta área se concentraram na distinção de formas, nos elementos topográficos e sua influência para a formação da malha urbana, no papel das vias de circulação, além de outros aspectos da cidade.

Análises posteriores propuseram uma ruptura, introduzindo a ideia de difusão de tipos (Leighly), reconhecendo a influência de meios de transporte e sua relação com os ciclos expansivos da construção residencial e relacionando os diferentes setores da cidade. Alguns estudos da Morfologia Urbana destacavam formas e transformações da cidade. Com o passar do tempo, as pesquisas da geografia atingiram também o campo dos estudos urbanos e rurais, que passaram a ser adotados por planejadores, historiadores da cidade e urbanistas.

Imagem 3 - A cidade de Areia na década de 1960, destacando o Patrimônio Histórico

Fonte: Câmara de vereadores da cidade de Areia.

Algumas visões clássicas, que estavam mais relacionadas ao planejamento urbano e às etapas históricas do crescimento, foram ampliadas de maneira que as perspectivas mais recentes da Morfologia Urbana têm abordado o planejamento da cidade, o parcelamento do solo, a imagem urbana e o edifício. Autores como Conzen sugeriram o entendimento da cidade como sucessão de ciclos alternativos de recessão e crescimento, possibilitando, dessa maneira, a percepção do real impacto dessas etapas históricas na cidade (IBARZ apud MOREIRA & MORAES, 2009). No entanto, Whitehand, ampliando os estudos de Conzen, acrescentou informações quanto aos usos nas franjas ou cinturões periféricos.

Estes autores davam destaque às paisagens urbanas relacionadas aos edifícios; o autor Jean Gottmann buscava a relação entre forma e função e as tecnologias de construção, e Aldo Rossi destacava o edifício como fato urbano. Na década de 1980, as pesquisas, que já se ampliavam para a apreciação dos centros urbanos relacionados aos seus entornos e áreas suburbanas, passaram a contemplar conceitos mais relacionados às políticas de preservação dos centros urbanos, gestão das cidades e conservação integrada.

Dessa forma, as análises se concentram na aproximação entre morfologia e imagem da cidade. O estudo das teorias mais recentes da Morfologia Urbana foi a

escolha adotada para a análise do processo de construção e crescimento de Areia, objetivando a compreensão do aspecto formal da cidade, seu traçado, seus lotes e quadras, o papel dos edifícios religiosos e praças na trama urbana e a relevância do suporte geográfico para a configuração do espaço construído.

As pesquisas de Lynch (2006) permitem o entendimento da forma da cidade, seus elementos e a apreensão e leitura do urbano pelo homem. Lamas (2002) propõe uma visão da cidade segundo escalas de observação da forma; esta classificação é utilizada no estudo para hierarquizar os elementos identificados na análise morfológica e auxiliar na alternância de pontos de observação da cidade (escalas da rua, do bairro e da cidade). Já Rossi (2001) e Panerai (2006) utilizam ferramentas de análise tipológica que auxiliaram os estudos quando confrontadas com as apreciações dos autores que tratam das especificidades da arquitetura brasileira colonial (MARX; REIS FILHO; COSTA apud MOREIRA & MORAES, 2009). Na análise das permanências e da relação direta entre história e forma urbana, recorreu-se à consulta de Kostof (1992) e Panerai (2006), tendo como subsídio o ciclo de crescimento urbano proposto por Mumford (2004). A análise e elaboração de mapas morfológicos foram subsidiadas pelas ferramentas metodológicas de Panerai (2006).

A escolha dos teóricos resultou numa metodologia de estudo que não recorreu a apenas um autor ou método, mas optou por lançar mão dos conceitos e ferramentas de análise propostos por vários autores. Recorrer a um só método ou somente a um autor não seria adequado, tendo em vista que somente a especificidade do sítio urbano estudado foi traçada, constituindo-se um método de análise a partir de vários autores da Morfologia Urbana.

3.2 A criatividade, as festas e os grandes eventos para o desenvolvimento das cidades

Quando se pensa em cultura, automaticamente, pensamos no ato de criar; na criatividade. O que faz os artistas serem criativos? O que torna um evento ou um espetáculo único? A cidade de Areia, o que tem de criativo nela, que a faz se

destacar das outras cidades vizinhas, que não apresentam semelhanças com ela? Como os eventos artísticos e culturais se tornam famosos, capazes de atraírem um grande número de curiosos e turistas? O turismo de evento é muito diferente do turismo natural. No turismo de evento, é necessário existir toda uma infraestrutura para promover e tornar o evento bom e promissor. Não que estejamos dizendo que os outros tipos de turismo não necessitem destas estruturas, pelo contrário toda forma de turismo tem que ser bem pensada e bem executada. Mais especificamente o turismo de eventos, este que vamos nos deter a partir de agora e, em especial, na cidade de Areia.

Buscaremos unir e entender como a criatividade tem ajudado e contribuído no desenvolvimento dos referidos turismo. Utilizaremos alguns artigos de Celso Furtado (2013) que discutem a relação entre a criatividade e a cultura. Tudo que nos rodeia está inserido à cultura, seja através das identidades, dos símbolos, das religiões e dos costumes. Onde existem pessoas, sempre terá uma cultura sendo desenvolvida ou instalada.

Antes de nos determos aos artigos que debatem sobre criatividade, citaremos um conceito de criatividade artística de Celso Furtado, trabalhado pelo mesmo em *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978):

> A criatividade artística - expressão da liberdade em uma de suas formas mais nobres – transforma-se em instrumento de ativação do processo de acumulação. Neste contexto adquire inescapável significação a pergunta de Zaratrusta: Liberdade para quê? Quanto mais avança a acumulação, mais o sistema necessita de criatividade e mais a liberdade se subordina à logica daquela, a qual exclui toda possibilidade de visão global. (...) “a criatividade como liberdade corresponde a um ato de afirmação pessoal que vincula moralmente quem cria a sua obra. Deste ponto de vista, grande parte da atividade criadora no campo da ciência e da técnica tendeu a descaracterizar-se, o que explica o estado de desgarramento moral de muitos cientistas contemporâneos” (FURTADO, 1978, p.164-165)

No artigo *Cultura, criatividade e desenvolvimento*, Filho (2013) destaca a economia cultural, sendo entendida por uma produção social que está localizada em poucos e pequenos lugares. Esta necessita de recursos humanos e materiais, que são organizados com um objetivo maior que o de atingirem um mercado ou um público. Para estes fatos ocorrerem através dos arranjos produtivos culturais, a

criatividade entra em cena, uma vez que esta faz parte de todos os seres humanos e só precisa ser lapidada e trabalhada. Sendo esta criatividade a grande força de estímulo e de capacidade dos atores produtivos.

Na maioria dos casos, a criatividade vem junto da questão necessidade, vendo isto por um lado econômico, como comenta Furtado (1978), pois surgem algumas necessidades de excedentes econômicos e essas pessoas ou comunidades veem a necessidade de criar novas possibilidades de arte e de culturas mais específicas e que poderão trazer recursos para tais grupos. Na modernidade, as grandes cidades são o alvo preferido para a cultura e a criatividade, pois se unem para criar uma economia da cultura ou da criatividade. Nas cidades menores, esta relação cultura econômica e criatividade ainda está um pouco distante, pois os grupos a criam, mas não conseguem atrair recursos financeiros suficientes para compensar sua criatividade.

Segundo (JACOBS *apud* FILHO, 2013), as cidades são vistas como agrupamentos de pessoas que apresentam gostos e vontades diversas e que são nestes lugares que melhor aparece a vontade de unir a necessidade, a cultura e a criatividade. Os bens culturais têm sido cada vez mais consumidos pelas pessoas e quando estes se transformam em grandes eventos, proporcionam tanto para os consumidores, como para os organizadores grandes fontes de renda e de diversão. No entanto, alguns desses eventos, quando fogem do controle, como é o caso da Bregareia na cidade de Areia, surgem diversas consequências, pois Bregareia atrai um grande número de pessoas para participar do evento em um pequeno espaço físico e de tempo, e a cidade não comporta tal infraestrutura.

Furtado (1984) destacava a relação entre cultura, criatividade e desenvolvimento e apresentava dois pontos de vistas muito correlacionados. O primeiro seria visto como a cultura sendo um sistema de valores e o outro seria a cultura como patrimônio e as manifestações culturais, neste caso específico, teriam a identidade cultural. A criatividade entra como sendo a grande capacidade de inventar e combinar coisas e fatos que podem ser desenvolvidos em forma de forças produtivas e econômicas em um contexto cultural. Quando não ocorre a conexão entre cultura e criatividade, os eventos se tornam padronizados, sem inventividade e se tornam base da criação de grandes mercados. Os grupos são padronizados, dançam as mesmas músicas, as mesmas coreografias. Não existe poder criativo,

mas existe o poder do lucro. Esse é um risco que a sociedade capitalista tem passado, e a cultura perde força e torna-se esquecida e sem importância para a economia.

Então, o que é a criatividade? O que a torna tão especial e como contextualizá-la com o desenvolvimento? Segundo Filho (2013), a criatividade pode ser vista como um ato motivado ou impulsionado por uma nova ideia criadora, podendo ou não se alterar em inovação de um produto ou de um processo. O importante é não deixar de existir o ato criativo e a exclusividade do fato ou ação. O homem é a principal e única fonte de criatividade, este cria as organizações por meio de ideias, de aprendizagem que geram inovações e quebras algumas situações existentes e consolidadas, gerando a necessidade de novas criatividades.

Quem trabalha com criatividade e cultura sabe das grandes dificuldades encontradas para desenvolver seus projetos, no entanto, pode-se dizer que existem algumas vitórias neste sentido de promover e valorizar a cultura e seus criadores. O poder público e as novas políticas públicas têm apoiado e criado leis que incentivam os grupos. A questão é que os grupos que conseguem tais patrocínios, na maioria, são grandes companhias ou grandes empresários do ramo cultural. Consequentemente, os pequenos grupos e os artistas de pouco destaque ficam esquecidos, pois não apresentam as condições burocráticas necessárias para executarem e concorrerem aos projetos.

Os artistas das pequenas cidades, mesmo com um grande potencial criativo, que valorizam e resgatam a cultura local, dependem do apoio dos empresários locais e de pequenos patrocínios dos governantes, que em troca pedem apoio político e favores. O artista se torna “o bobo da corte” dos políticos nas pequenas cidades do Brasil, o mesmo fato acontece na Paraíba e em Areia acontece a mesma coisa.

> Aqui artistas locais montam seus espetáculos, suas danças ou até peças de teatro; são criticados, chamados de marginais e no momento que precisam de alguma atração para divertir o público, eles são chamados, muitas vezes em troca de um lanche ou de um carro que leve esses artistas para fazer uma viagem (Gomes, informação verbal).

Por outro lado, percebem-se algumas intervenções nas questões culturais no Brasil. Mas é necessário destacar que estas políticas de apoio não chegam aos

pequenos artistas. As políticas públicas e as intervenções têm garantido à cultura algumas melhorias. Segundo Furtado (1984), o objetivo central de uma política cultural deveria ser a liberação das forças criativas da sociedade. Não se trata de monitorar a atividade criativa, e sim de abrir espaço para que ela floresça.

Mais uma vez identificamos a relação entre o debate proposto por Celso Furtado (1984) e Amartya Sen (2000) sobre a liberdade. O último defendia o desenvolvimento através das liberdades ou então a expansão das capacidades individuais, e o primeiro foi mais adiante e defendia a “liberdade de criar”, sendo para Furtado, a liberdade certamente a mais vigiada e coatada de todas as formas de expressão e que o homem, na maioria das vezes, não tem o direito de exercer.

Se o artista local não tem direito de criar o que deseja, toda sua criatividade e liberdade são limitadas. Os grupos de teatro na cidade de Areia afirmam que têm dificuldade de montar seus trabalhos, pois a sociedade local é muito conservadora e critica algo que não esteja no gosto das pessoas e principalmente do poder público. Se não fizer o que a Prefeitura quer ou a igreja, Areia é uma cidade de muitas tradições religiosas, devido ao convento de freiras, não se consegue apoio, nem liberdade de se apresentar. Geralmente, são montadas peças de cunho religioso, ou com uma temática próxima. No entanto, é necessário destacar que quando o evento da Bregareia vai acontecer, os grupos de artistas locais são convidados para fazer apresentações que divirtam os turistas. Sendo assim, podem ter mais “liberdade” de criar, desde que não atinja os poderes locais.

A criatividade é o tema central em Furtado (1978) que destaca a criatividade como sendo parte fundamental da evolução humana:

> A criatividade humana é apresentada como estruturante da nossa evolução social, uma demonstração da inventividade humana... (a) gama maravilhosa de culturas que já surgiram sobre a Terra testemunham o fabuloso potencial da inventividade do homem. Se algo sabemos do processo de criatividade cultural é exatamente que as possibilidades do homem são insondáveis (FURTADO *apud* ALBUQUERQUE, 2013, p.156).

O autor supracitado destaca que a civilização industrial dificulta, atrapalha e modifica a criatividade humana. Perguntamo-nos então: como os artistas podem criar, numa sociedade capitalista? Como criar uma relação entre os artistas que buscam através de suas capacidades artísticas unirem a cultura e seus segmentos

artísticos e o patrocínio ou apoio do Estado? Para este, a criatividade se torna interessante no que diz respeito ao progresso técnico, não para a qualidade artística.

Quando o homem utiliza a criatividade para inovar, tornando-se rentável, traz retorno econômico e consequentemente crescimento econômico para um determinado grupo da sociedade:

> O progresso técnico é fruto da criatividade humana, da faculdade do homem para inovar. E essa faculdade para inovar é crucial para definir o conceito de desenvolvimento: é essa faculdade que possibilita o avanço da racionalidade no comportamento, que cria o desenvolvimento. O desenvolvimento é sempre tributário de uma atividade criadora (FURTADO *apud* ALBUQUERQUE, 2013, p.157).

Observamos que a revolução científica que ocorre devido ao avanço da tecnologia, que está associada ao processo de criatividades, também é uma revolução cultural. A cultura industrial passa a ser a união de duas formas de criatividade cultural: a revolução burguesa e a revolução científica. Mas esta é uma outra discussão sobre a criatividade que não tem relação com o processo criativo do artista. Neste sentido, a criatividade artística não é vista como uma forma de trazer desenvolvimento para uma sociedade, principalmente se é uma sociedade industrial, com objetivos de obter o lucro e não a arte para sensibilizar e emocionar. O artista fica fora dessa engrenagem necessária para o desenvolvimento.

Com relação à criatividade humana, para Celso Furtado, esta é o grande alicerce da inovação e do progresso, e esta criatividade sofre muito quando se diz respeito à civilização industrial, trazendo uma crítica ao capitalismo. Mas, no nosso entender, está todo o diferencial de Furtado e principalmente para a nossa pesquisa, pois estamos observando que esta crítica enquadra-se nos moldes do nosso objeto de estudo. No nosso entendimento, a cultura na cidade de Areia não está se adequando aos modos de uma sociedade capitalista, mas ainda é necessária muita comprovação para realmente afirmarmos tal posição.

> A elaboração dessa crítica pode ser acompanhada pela discussão do papel de uma característica estrutural da civilização industrial – o processo de subordinação à racionalidade instrumental. A partir de uma demarcação sugerida por Max Weber - racionalidade com respeito aos meios da atividade social e também mostra que as energias criadoras puderam ser progressivamente canalizadas e postas a serviço das forças produtivas (FURTADO *apud* ALBUQUERQUE, 2013, p.158).

Identificamos uma afirmação tanto de Weber como de Furtado que a civilização industrial é vista também como um registro do excesso de subordinação das atividades criativas e artísticas que são prejudicadas pela valorização da cultura industrial. A criatividade humana no sentido mais cultural fica dependente e limitada ao processo de acumulação.

Por fim, observamos que Celso Furtado afirma que a criatividade humana sofre com a civilização industrial, que prega a inovação acima de tudo. Vivemos numa época em que a sociedade pensa e age acima de tudo com o objetivo de enriquecer, isso para um pequeno grupo que se diz privilegiado, ao passo que uma grande maioria de pessoas fica na pobreza, sem poder desenvolver seus sonhos e desejos. Os artistas, principalmente os locais, estão inseridos neste contexto. Não conseguem desenvolver seus projetos em virtude destes não serem interessantes para a economia local.

O desenvolvimento social não está na pauta das prefeituras e, em Areia, não é diferente. Os grupos de artistas imploram por atenção e apoio, mas eles não estão inseridos no contexto de enriquecimento da cidade. O que conta são os números de produção da cachaça, dos engenhos e dos visitantes. A cultura de Areia tem passado por este discurso e o poder público tem investido em cultura. As tradições, as peças de teatro e os grupos de dança existem para amenizar as relações de interesse entre o poder público, o poder privado e os artistas.

A criatividade serve, muitas vezes, para realizar e promover as festas, sobretudo as públicas, nas quais estão inseridos vários interesses e desejos. O que são as festas no mundo contemporâneo? Lima (2004) afirmou as festas como sendo feitas e criadas nos espaços urbanos para serem vistas. As lentes da indústria do turismo, dos grupos políticos locais e nacionais, dos detentores do poder econômico, dos grupos religiosos, da criatividade etc. Sempre ouvimos falar que o Brasil é um país de pessoas alegres e cheio de festas. Que a alegria é uma das principais características do povo, da gente brasileira. Mesmo com dificuldades, nós brasileiros conseguimos nos divertir e sermos felizes.

As festas passaram a ser comercializadas tendo o marketing turístico, econômico, social, político e cultural inserido no contexto de nossas festas. Principalmente as nordestinas, como afirma Lanna (1999). Os antropólogos

comentam que as festas são importantes e necessárias em todas as sociedades. Buscar compreender as festas é de grande importância para a nossa pesquisa porque o nosso objeto de estudo são duas festas tipicamente nordestinas. Apesar de uma festa com características mais universais, como é o caso do Festival de Artes, mesmo assim, está inserida uma série de fatores e de características dos festivais de arte e cultura do Nordeste; e a outra, o Festival da Cachaça, procura resgatar e valorizar uma cultura tipicamente do Nordeste e, em especial, da região da zona da mata.

Strauss (1997) comentou que o desenvolvimento das cidades tropicais, em especial, as cidades de São Paulo e do Paraná, parecia uma festa. Strauss fez um estudo com os índios Tupis e cita que uma característica dos chefes das tribos era dar festas, nas quais eles eram considerados os mestres ou os donos das festas. Este ainda é um termo usado pelos paraibanos para identificar o organizador. Atualmente, os donos das festas, na maioria das vezes, são as lideranças políticas. Nas nossas festas estudadas, temos como "donos": o Governo Estadual em uma delas, e na outra, a Prefeitura e o Governo Federal, havendo rivalidade entre as duas, mesmo sendo elas de uma mesma cidade.

Com relação ao debate sobre festas, é de grande importância destacar que o primeiro autor a estudar e analisar a função de diversão e de liberdade que as festas proporcionam à sociedade foi Émile Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa* (1909). O autor comenta sobre a relação entre o ritual e a festa propriamente dita:

> Toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas. Certamente, não é que se devam diferenciar as duas formas da atividade pública. O simples júbilo, o corrobore profano, não tem objetivo sério, ao passo que no

> seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre finalidade grave (DURKHEIM, 1909 *apud* LIMA, 2002, p.66).

Por essa discussão, percebemos que estão inseridas características idênticas a uma das festas que acontecem em Areia, o Festival da Cachaça (Bregareia), pois é uma festa tipicamente profana, na qual as pessoas se utilizam de muita bebida alcoólica, principalmente a cachaça. Esta tem distribuição gratuita para o público experimentar e escolher as melhores cachaças. Esse fato ocasiona um enorme número de pessoas bêbadas, que brincam e se divertem com as atrações e shows. Também participam de gincanas que exigem equilíbrio e coordenação motora. Toda essa mistura transforma-se numa verdadeira “orgia”, pois a liberdade sexual também aumenta, devido ao alto consumo de álcool. A liberdade é o principal atrativo desta festa.

No que diz respeito ao Festival de Artes, mesmo tendo liberação das bebidas, tem um público menos expansivo, no que diz respeito aos excessos. Este público valoriza mais o patrimônio histórico tombado, visita os museus, as exposições e as atividades artísticas como, por exemplo, as peças teatrais e os grupos de dança. Nesta festa, a arte erudita tem mais espaço. No entanto, as tradições locais e os segmentos artísticos da cidade são menos valorizados. Segundo os participantes do evento, a prefeitura não considera que os artistas locais apresentam “qualidade artística” suficiente para representar a cidade.

Observamos então que umas das grandes características das festas é a possibilidade de superar as distâncias entre as pessoas, que causa um movimento que Durkheim chamou de “efervescência coletiva”. A festa poderia possibilitar mudanças na ordem social cheias de regras e uma retomada da memória coletiva e certo equilíbrio entre as pessoas. Entretanto, vimos que isso não ocorre quando há outros interesses na própria festa. O “dono da festa” quer vender uma imagem de progresso e de desenvolvimento, deixando de lado a verdadeira cultura, a local.

Os artistas locais ficam sem representação e sem voz, isso na maioria das vezes. Perguntamo-nos então: qual o papel social desta festa em Areia? Será que a população como um todo se beneficia? Por que grande parte da população de Areia é contra o Festival da Cachaça e a favor do festival de Artes? Analisaremos a posição da população da cidade, que nos parece ser bastante conservadora em

relação ao direito de liberdade, mesmo que para isso tenha que pagar um preço alto: o enfraquecimento do artista local em prol de uma cultura massificada e padronizada.

Lembramos que a festa é um ritual em que os mitos e mitologias são usados e explorados, os participantes se permitem fazer parte não só do mundo sagrado, mas também do mundo vulgar, e o álcool e as drogas corroboram com esse comportamento. A festa é considerada como um momento de desregramento e de regeneração. Durkheim chama de “válvula de escape”, pois a festa é uma fuga da ordem social. Como diz Jean Duvignaud (1983), é através da festa que se busca um espaço sem estrutura e sem código, a excitação proporciona as mudanças e renovações de posições e de atitudes da sociedade.

No entanto, existem posições contrárias com relação a posições que as festas representam para uma sociedade. O antropólogo Nestor Canclini (1983) comenta que é nas festas que está inserida a totalidade da vida de cada comunidade e consequentemente de cada pessoa, desde a sua organização econômica e as suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças. Para Cancline, as festas são uma espécie de fato social e servem para que a ordem seja mantida e que os homens se situem numa nova ordem, como também para consolidar as relações afetivas comunitárias e o pertencimento à comunidade. A construção de uma identidade é o que prende Cancline a este conceito das festas, ele não consegue visualizar outros motivos que levem as pessoas a realizarem suas festas.

As festas populares brasileiras são estudadas pelos antropólogos brasileiros que as consideram como processos ritualísticos, da mesma forma que autores estrangeiros como Cancline. As festas são vistas de forma separada que permitem a passagem do sagrado ao profano; da discrição ao pecado; a festa vista com caráter lúdico. Carlos Rodrigues Brandão (1989) fez uma análise da festa do Divino, definindo-a como um grande sistema de trocas entre as pessoas e que se concretiza na própria essência da festa popular brasileira. A união entre o profano e o sagrado Brandão chama de bricolagem, pois se apresenta como uma justaposição, mesmo prevalecendo a tradição. Também considera uma união entre os ritos antigos com os modernos de uma forma pacífica e aceitável. Resumindo, Brandão (1989) não entende a festa como um espaço definitivo de relações de saber e de poder. As

festas que nós estamos analisando não se encaixam nos estudos de Brandão, pois identificamos o tempo todo uma grande relação de poder e de saberes regionais, locais e universais num mesmo espaço e nas duas festas.

Roberto DaMatta tem se dedicado aos estudos de ritualização no Brasil. Fazendo uma leitura a partir do ritual que possibilita conhecer a sociedade que está envolvida. Buscando fazer uma análise entre a casa e a rua, o espaço privado e o espaço público, a ordem e a desordem. A intenção do autor era como diz ele **"**O que faz o Brasil, Brasil**"** (1989). Outra obra de Roberto DaMatta (1983) "Carnavais, Malandros e Heróis", o referido autor faz uma análise do Brasil e define como "dilema brasileiro". As dramatizações, os mitos e os ritos que fazem parte da sociedade podem vir a ser um direcionamento para entendermos o que está implícito.

Um tema muito discutido por este autor é o de investigar os fenômenos das festas, estudando dois tipos de festas: as cívicas e o carnaval. Se trouxermos a teoria para analisar as duas festas do nosso objeto, teríamos o Festival de Arte como a festa cívica e o Festival da Cachaça como o carnaval. Considerando as duas festas como rituais nacionais, elas ajudam a construir e a fortalecer a identidade brasileira. Roberto DaMatta compreende que:

> Os rituais não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes (em forma, qualidade e matéria-prima) daqueles que formam e informam a chamada rotina da vida diária. O mundo ritual é um mundo de oposições e junções de destacamento e integração, de saliências e inibições de elementos (DAMATTA 1983, *apud* LIMA, 2002, p.68).

Neste sentido, o autor classifica as festas cívicas como ritos formais, que são uma representação e uma teatralização da estrutura social. Já o carnaval é visto como o outro lado da festa cívica. No carnaval, não existe formalidade, as diferenças são paralisadas. As pessoas se aproximam mais, as relações de poder ficam menos aparentes. O homem brinca sem máscaras reais, aproveitam para vestir suas máscaras de fantasias. Na Bregareia, a cachaça liberta os reprimidos e possibilita criar vários momentos verdadeiros de intensa liberdade e criatividade. É o carnaval fora de época numa cidade conservadora e tradicional; a população mais velha é contra, mas o comércio enaltece a festa mais do que o Festival de Artes, pois, neste

carnaval fora de época, os turistas consomem e se hospedam muito mais do que em qualquer outra época do ano na cidade.

No entanto, existem outros autores que não concordam com as posições de Roberto DaMatta no que diz respeito ao distanciamento do homem e suas diferenças e para a inexistência de leis. Queiroz (1994) publicou um estudo sobre o carnaval do Rio de Janeiro, cidade esta considerada como a cidade carnavalesca por excelência. Neste estudo, ela destaca que mesmo sendo o Rio de Janeiro, a alegria, diversões e excitação não estão espalhados por todos os lugares da cidade. Afirma também que tem as escolas de samba as quais seguem todo um ritual de organização, de ordem e de disciplina durante o desfile, é tanto que não é permitido o uso de bebidas alcoólicas para as pessoas que estão desfilando nas escolas. A autora também comenta que a festa não é para todos, no caso dos desfiles, apenas um grupo que pode pagar é que tem o privilégio de assistir e participar.

Indo um pouco ao contrário dessa opinião, concordamos com Roberto DaMatta (1983), pois mesmo quem não pode pagar o valor de uma entrada, assiste ao desfile ou a outras formas de festa fora dos lugares que são preestabelecidos por um valor econômico. As pessoas quando querem assistir a um espetáculo, ocupam qualquer lugar. Mas estão envolvidos e participando da forma que lhes é possível. Ortiz (1980) concorda com DaMatta (1983) que considera o carnaval como um grande ritual que permite a inversão dos valores sociais, suspendendo as determinações impostas pela sociedade.

Utilizamos o exemplo do carnaval para fazer uma relação com o nosso objeto de estudo, as duas festas de Areia, uma mais profana e outra mais ritualística. Em ambas, existe a tradição como categoria básica para identificar o povo que organiza e que participa. Assim toda festa se torna única, pois leva a marca registrada do seu povo. Utilizaremos um termo de Alfredo Bosi (1987) que considera a festa uma “válvula de escape”, independente de sermos a favor ou contra a sociedade e sua forma, como se organiza e prepara sua festa. Temos que pensar a festa como uma variedade, uma criação de jogos, de relações, de disputas, de confrontos, de fantasias, de rituais criados na, e para a festa.

Por fim, para encerrarmos este debate sobre as festas, é necessário não pensarmos que estes eventos são apenas um ritual para ser vivido ou sentido. Eles precisam ser vistos por vários segmentos, como por exemplo, a indústria do turismo,

os grupos políticos locais, estaduais e federais, as lideranças econômicas e pela população. Toda festa é feita de fragmentos que se unem e se tornam únicos.

Para DaMatta (1991), o fato social importante é a descoberta de uma possibilidade maior de “ler” a sociedade brasileira, observando seu extensivo sistema de festas e rituais e suas diferenças. Todos os ritos públicos geralmente assumem um aspecto próprio, único e são organizados e controlados pelo Estado ou até mesmo pela Igreja. Esses eventos sempre saem da rua para serem inseridos nas casas. No lado inverso, existem os eventos domésticos tradicionais, como por exemplo, os nascimentos, batismos, aniversários, casamentos e até mesmo os funerais. Estes eventos fazem o movimento inverso. Abrem a casa para a rua, transformando o espaço que é particular em um espaço público.

No Brasil, as festas que são realizadas nas ruas são carnavalescas e unem o espaço público com o espaço privado, a casa e a rua, tornando espaços contínuos. A troca de lugar que define a carnavalização é a marca de um elo bem-sucedido entre a rua, casa e outro mundo, visto que o carnaval, as festas religiosas e os santos podem participar. No caso de Areia, as festas, principalmente o Festival da Cachaça, invadem as casas, pois os habitantes se envolvem, participam, mudam as rotinas, recebem visitantes e alugam quartos. Tornando o espaço da casa uma extensão da rua.

Os espaços da rua servem como suporte para as festividades patrocinadas pelo Estado e pelo poder privado. Existem três focos de festividades. Momentos em que o relacionamento, a circulação e a ligação estão presentes. Mais do que celebrações ou comemorações de um certo domínio, data, princípio estrutural, categoria social, os eventos são verdadeiros focos que poderiam ser vistos como uma totalidade. As sociedades que apresentam estas características nas suas festas, as comemorações e inaugurações seriam menos importantes do que os ritos que dão vida e renovam, transformando a própria sociedade nas suas divisões.

Todas estas características nos levam a observar um ponto principal: a sociedade brasileira tem fontes variadas para classificação e filiação de seus membros. Enquanto as sociedades que passaram pela revolução individualista instituíram um código de conduta hegemônico, fundado nas concepções de um cidadão que se relaciona com a sociedade e seus eventos. Este homem se sente inserido nas festas e estas passam a fazer parte da cultura local do espaço. DaMatta

(1991) fala de um “triângulo ritual”, um triângulo de festividades carnavalescas, cívicas e religiosas, não são apenas três modos de comemoração que podem existir em todas as sociedades modernas, mas algo muito mais denso e profundo. As festas nos apresentam uma imagem de nós mesmos como se fôssemos donos de uma grande confiança, criatividade e esperança no futuro.

Observamos que não é somente a esperança de uma festa carnavalesca que se torna positiva, mas também a malandragem dos participantes que se institucionalizam como uma forma de ler e interpretar o Brasil, sua população e seus participantes dos grandes eventos. As manchas culturais estão presentes e unem pessoas com objetivos únicos de se divertirem; para isso, usam a criatividade para tornar suas festas eventos atrativos e famosos.

3.3 O Patrimônio Histórico urbano: para que conservar? Por que destruir e como conviver com o turismo cultural?

Iremos traçar um perfil histórico para compreendermos o processo de quando surge a necessidade do homem conservar e para que conservar partes de uma cidade, ou prédios. Sendo assim, utilizaremos Choay (2001) que ajudará na melhor compreensão dos conceitos. Tentaremos fazer um paralelo entre a trajetória da humanidade diante do patrimônio e o patrimônio tombado da cidade de Areia. Levantamos tais questões para buscarmos responder nesta etapa: A quem interessa o tombamento da cidade de Areia? Quem realmente conserva e cuida do Patrimônio Histórico de Areia?

O conceito proposto por Choay sobre patrimônio busca compreender as origens desta palavra que está ligada às estruturas familiares, às questões econômicas e jurídicas. São heranças passadas de pais para filhos, sendo um conceito nômade, sempre em mudança, buscando atender às necessidades das pessoas envolvidas. Dando uma continuidade do conceito de patrimônio, surge outro que é de maior relevância:

> A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos

> e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade (CHOAY, 2001, p.11).

Percebe-se uma valorização maior atualmente ao Patrimônio Histórico. Porém, é importante levantarmos alguns pontos reveladores, nos quais as sociedades criam categorias e questões que estão mais associadas com a vida das pessoas e de suas cidades. Neste sentido, os monumentos históricos tornam-se a grande referência. A partir da década de 1960, os monumentos históricos passam a ser considerados parte de uma herança de uma sociedade. No entanto, desde os anos de 1837, na França, criou-se uma comissão dos monumentos históricos que eram subdivididas em três categorias distintas: remanescentes da antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos.

No entanto, após a segunda guerra mundial, devido a grande destruição do espaço urbano, aumentou o número de prédios tombados. Vindo basicamente da arqueologia e da história da arquitetura erudita. Em seguida, foram adicionados à categoria de tombamento, às construções eruditas e populares, urbanas e rurais, todos os prédios públicos e privados, santuários e utilitários. Estes recebiam uma denominação de arquitetura menor, termo designado na Itália para identificar as construções privadas que não fossem consideradas monumentais, que não tinham sido planejadas por arquitetos; também conhecido pelos ingleses de arquitetura vernacular. Nestes segmentos, estavam inseridos os edifícios locais e a arquitetura industrial das usinas e das estações.

O patrimônio deixa de ser identificado apenas pelas construções individuais e passam a ser inseridos os aglomerados de edificações e a malha urbana, conjuntos de casas, bairros, até mesmo cidades inteiras passam a ser tombadas e classificadas pela UNESCO. O que podíamos observar, no entanto, é que até a década de 1960, o número de monumentos históricos era praticamente ilimitado e não permitia um controle maior na preservação e conservação. Por isso, muitas construções foram demolidas, como as construções de Haussmann em Paris, pois, na época, tinham apenas uma função corriqueira, sendo assim, não apresentavam condições de serem consideradas monumentos. E ainda tinha outra questão maior, pois eram considerados de muito mau gosto.

Atualmente, a Paris de Haussmann está tombada, como também vários outros lugares espalhados pelo mundo, inclusive Areia, nosso objeto de estudo. No decorrer do tempo, muito já se perdeu e prédios foram destruídos. Para evitar tais destruições, foi criada na França uma comissão que estabelecia critérios para conservar as construções do século XX. Os arquitetos passam, então, a se interessar em identificar suas obras e que estas fossem tombadas. Como referência temos Le Corbusier, que fez com que suas obras, onze delas fossem tombadas, e catorze inscritas num inventário suplementar. Neste momento, a questão de conservação do Patrimônio Histórico deixa os limites da Europa, passa a alcançar outros países, como os Estados Unidos, sendo eles os primeiros a inserir e proteger o patrimônio natural. No entanto, as construções, por serem consideradas recentes, não apresentavam interesse de conservação. Só posteriormente é que as casas particulares passam a ser tombadas. A China também passou a valorizar seu Patrimônio Histórico a partir da década de 1970.

Com relação à América Latina, a atenção voltada para a preservação do patrimônio histórico só começa a ser incentivada a partir da década de 1990, com algumas experiências voltadas para a educação patrimonial. No que diz respeito ao Brasil, as propostas voltadas para o patrimônio aparecem na Constituição da República em 1934, que determinava ao Estado o dever de proteger os bens naturais e culturais. Apresentando algumas mudanças na Constituição de 1937 por meio do Decreto – Lei nº 25 / 1937 – O principal órgão jurídico usado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo este mesmo denominado de IPHAN (PELEGRINI, 2009).

A partir da década de 1940, algumas ações na área de educação voltadas para o patrimônio surgem. Entretanto, só em 1967, o Ministério da Educação adotou para ele a responsabilidade do magistério na esfera da cultura, como também do patrimônio histórico, arqueológico, científico e artístico e dos desportos (Decreto-Lei nº 200, de 25/02/1967). Percebe-se que, no Brasil, tudo ocorria num processo muito lento, pois só depois de trinta anos, este ministério uniu-se à Cultura e voltou a cuidar das propostas voltadas para educação ambiental e histórica e de preservação no Brasil (PELEGRINI, 2009).

Alguns dos centros históricos brasileiros tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de grande destaque são o de São Luís (Maranhão), Ouro

Preto (Minas Gerais), Olinda (Pernambuco) dentre outros. No Brasil, algumas ações foram desenvolvidas que visavam desenvolver atividades para melhor reconhecer as referências culturais, tanto nos segmentos locais, regionais quanto nos nacionais. Entretanto, estas ações não ocorrem de forma contínua.

Mostraremos a evolução do número de países envolvidos no processo de conservação do patrimônio. A primeira conferência internacional para a conservação dos monumentos históricos aconteceu em Atenas capital da Grécia em 1931, antes da segunda guerra mundial e participaram apenas países da Europa. A segunda aconteceu em Veneza, Itália e foi depois da segunda guerra mundial.

A questão da guerra foi destacada porque foi um período no qual houve muita destruição e os países passaram a ter maior preocupação com a história e conservação do patrimônio. É tanto que nesta segunda conferência participaram três países que não eram europeus, foram os respectivos: Tunísia, México e Peru. A terceira aconteceu quinze anos mais tarde e contou com oitenta países dos cinco continentes habitados que assinaram a convenção do patrimônio mundial, na qual prevalecia a tripla extensão que continha a tipologia, a cronologia e a geográfica dos bens patrimoniais e passa a ser acompanhada por um número muito maior de pessoas interessadas na conservação.

Para a população brasileira, sempre foi uma dificuldade compreender o processo de conservar e proteger o patrimônio, uma vez que estas questões de educação nunca foram inseridas de forma definitiva nas grades curriculares do ensino no Brasil. Se não é repassada e orientada a importância de preservar os prédios e sua história, a população não tem a devida consciência dessa necessidade. Fato este que acontece em Areia, pois as pessoas que moram nos prédios e nas ruas tombadas, quando veem a possibilidade de se beneficiar com outra atividade, neste caso comercial, tentam modificar e criar uma estrutura que seja mais adequada ao comércio. Entra, então, o choque entre a conservação, a valorização cultural e a vontade de modificar e reformar os prédios. Importante destacar que antes da criação das festas, a população e os comerciantes tinham uma boa relação com a conservação do Patrimônio Histórico local, pois atraía um número de turista com o interesse de conhecer a cidade e seus prédios.

E quando uma cidade cria outra atividade que ajuda na destruição do patrimônio, o caso fica ainda mais grave. Em Areia, as duas festas (Festival de Arte

e Bregareia) necessitam de mais infraestrutura para comercializar e hospedar o grande número de pessoas que visitam a cidade nestes poucos dias, e os comerciantes veem nestas festas a possibilidade de aumentar sua renda. Para isso, é necessário aumentar o número de banheiros, de quartos, de toda uma série de necessidades fundamentais para dar mais conforto e atratividade para os participantes das festas. Cria-se o atrito entre o poder público e os comerciantes.

De uma forma geral, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (20/12/1996), priorizou a educação superior de “promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos” que formassem o “patrimônio da humanidade”, O Plano Nacional de Educação (aprovado pela Lei nº 10.172 / 2001), destacou que o ensino fundamental deveria promover uma “formação mínima para o exercício da cidadania e para o usufruto do patrimônio cultural da sociedade moderna” (PELEGRINI, 2009, p.102).

Por outro lado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998, já haviam sugerido algumas mudanças que entrariam em contradição com tais determinações anteriores. Estas retiravam obrigações fundamentais das disciplinas com a memória. Sabemos que a memória é de grande importância para uma sociedade, pois esta é capaz e responsável por preservar e resgatar a consciência histórica e diminuir a “amnésia social” que afasta a construção das identidades tanto individual como coletivas.

Muitos debates a este respeito foram levantados para inserir a questão patrimonial nas salas de aula, buscando difundir e valorizar além de conhecer o passado local, regional, nacional e até mundial. Algumas ações eram sugeridas pelos (PCNs), como visitas a museus, bibliotecas, arquivos e áreas preservadas que fossem importantes para a formação e conhecimento da sociedade humana. Porém, as escolas e os municípios não apresentam estruturas físicas, nem também humanas para darem tal suporte. As cidades do Brasil em sua maioria não têm museus, teatros, bibliotecas e também as escolas não têm transporte, nem funcionários suficientes para realizarem as atividades extracurriculares.

As escolas passaram a ter vários debates que envolvessem as diretrizes curriculares na área de história, como também a preocupação com os professores que trabalham com a educação básica. Isso ocorre a partir de 1998 e vai até 2000, para que as equipes educacionais criassem encaminhamentos para capacitar os

professores a exercerem as condições necessárias exigidas pelos (PCNs) para proferirem aulas e palestras sobre a educação patrimonial e sua conservação. Na década 2000, no Brasil, foi inserida nos currículos de história uma ação mais definida com o objetivo de melhorar a identificação e valorização de uma educação patrimonial.

Algumas publicações de trabalhos voltados ao reconhecimento dos bens imateriais e à valorização dos bens intangíveis contextualizam algumas categorias que fazem com que os alunos nas escolas tenham mais aproximação com a temática da preservação patrimonial. Os saberes, as formas de expressão, as celebrações e lugares passaram a receber destaque nos livros de registros do patrimônio nacional brasileiro (Decreto-Lei nº 3.551/ 2000). Algumas obras como *Tesouros do Brasil – valorizando nosso patrimônio* (2004); *Preservando nossa cultura e a edição de Os Sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois: a trajetória da salvaguarda dos bens imateriais no Brasil* (2006) ajudaram na divulgação e conhecimento dos temas culturais, publicados pelo Departamento de Patrimônio Imaterial (IPHAN) e apoiado pelo Ministério da Cultura; como também pela empresa automobilística Fiat do Brasil, que foi editada em São Paulo e se encontram disponíveis na internet. Foram exemplos destas publicações que passaram a fazer parte do *curriculum* escolar e das bibliografias disponíveis aos alunos nas escolas brasileiras.

Outro grande apoio na área de promover o conhecimento da importância de preservar o patrimônio material e imaterial tem sido designado pelos centros históricos espalhados pelo Brasil. No caso de Areia, a secretaria de Educação e Cultura tem priorizado esta valorização, como também incentivado a visita dos alunos, tanto na área urbana como nas construções rurais, criando circuitos e roteiros que levam os alunos tanto das escolas públicas como privadas para visitarem e aprenderem a conservar.

É relevante ressaltar a boa relação existente entre a população de Areia e o seu Patrimônio Histórico tombado. A população se orgulha de morar naquela cidade, conhece a sua história e valoriza suas tradições. No entanto, a população local enfrenta problemas com os turistas que visitam as festas, pelo fato de a cidade ser pequena e não comportar tamanha demanda no período das festas. As causas

desses desentendimentos é que a cidade não tem condições físicas para realizar estas duas festas de tamanha proporção.

Fizemos algumas visitas em outras cidades do interior da Paraíba para acompanhar essas festas temáticas. Essas cidades também ficam bem abaladas após o final de três dias de festas. Praças destruídas e banheiros públicos (quando há) quebrados. A questão é que nas cidades que visitamos (Areial, São Sebastião de Lagoa de Roça, Matinhas e Alagoa Nova) não há Patrimônio Histórico tombado. Então, os comerciantes locais podem fazer suas mudanças estruturais nos prédios para facilitarem o comércio e, assim, oferecerem uma infraestrutura mínima para o povo que visita a cidade, com o objetivo de participar da festa. Diferente de Areia, pois é uma cidade onde a Secretaria de Cultura funciona ativamente, oferecendo cursos e apresentações para a população local.

No entanto, o centro das ações culturais na cidade fica voltado para os dois eventos, que se tornaram mais lucrativos e importantes para a cidade ser conhecida na mídia, como também conseguiu melhorar a economia local neste determinado período. Observamos ainda a compreensão e as impressões dos artistas locais de Areia, como eles se sentem diante das festas, do apoio público e do privado e como a cultura local tem sido beneficiada ou não com o direcionamento das atenções artísticos e culturais, unicamente para as festas. Não somos contra ou a favor de grandes eventos, mas é imprescindível destacarmos os impactos e os benefícios causados nas cidades e na cidade de Areia em especial.

A relação entre educação e conservação do Patrimônio Histórico é fundamental e determinante para que haja uma melhor conscientização da importância de preservar e conservar. A educação patrimonial formal e informal torna-se uma prática educativa e social que proporciona a organização e o encaminhamento de estudos e trabalhos voltados para a conscientização de reconhecer, valorizar e cuidar dos bens culturais que são de toda uma coletividade.

O antropólogo Nestor Cancline (2008) considera o patrimônio como abrangendo os bens simbólicos de todos os grupos da sociedade e as pessoas da sociedade têm direito de usufruir o patrimônio, mas não têm o direito de destruir. Às vezes, estas destruições são até inconscientes. Como não conhecem a importância da conservação e o que aquele patrimônio significa para a história local, nacional e até mundial, terminam danificando as construções.

Esta questão da destruição do patrimônio tem ocorrido em Areia. Alguns comerciantes já se pronunciaram a respeito e alguns disseram que não destruíam por maldade e sim por que necessitavam de mudanças no seu prédio para facilitar o comércio. No entanto, quando a população ficou sabendo que os prédios eram tombados, não compreendeu, pois muitos não sabiam o que era um prédio tombado, como também não absorviam a importância e o que significava para a cidade este tombamento. Preocupado em passar as informações necessárias para a população, o órgão responsável na cidade, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), começou a promover palestras e criar setores responsáveis para conscientizar a população, principalmente os moradores das ruas tombadas.

Retrataremos com detalhes as áreas tombadas e os órgãos responsáveis na cidade de Areia. No que diz respeito à relação entre a população local e à preservação do patrimônio na cidade, existe uma satisfação das pessoas em terem sua cidade tombada pelo Patrimônio Histórico. Depois que as pessoas compreenderam a importância do tombamento dos prédios para o turismo e para a cidade de uma forma geral, criou-se uma relação muito saudável e sem muitos conflitos.

Os moradores dos prédios tombados que realizaram mudanças assumiram as responsabilidades. É necessário destacar que não foram mudanças de grandes dimensões, em quase todos os casos, as reformas foram internas. As pessoas precisam conservar suas residências e, muitas vezes, faziam melhorias, como reformar, colocar cerâmica e trocar madeiras. A questão sanitária é bem mais complexa, pois as pessoas desejam ter um banheiro com mais conforto e quando realizam as reformas, têm que mexer na parte hidráulica e de energia.

> Se, como afirma Manuel Castells, o ato de preservar envolve conservar as raízes que vinculam os cidadãos ao seu passado e às suas origens, torna-se imperioso superar a visão equivocada de que os bens culturais se circunscrevem aos bens materiais. A acepção de patrimônio cultural não compreende apenas aos sítios arqueológicos, a arquitetura, os objetos em desuso e o espaço dos museus. Os bens que conferem identidades aos cidadãos abrangem também as experiências vividas, condensadas nas formas de expressão diversificadas, juízos de valor, celebrações, modos de usar os bens, os espaços físicos e o meio ambiente (MANUEL CASTELLS, 2000 *apud* PELEGRINE, 2009, p.37).

Para se preservar alguma coisa, temos que ter a devida dimensão da importância desse objeto para podermos cuidar. Isso ocorre em todas as dimensões da nossa vida, desde as questões físicas, sociais e, neste sentido, na questão do patrimônio. É preciso que as pessoas tenham a vontade e o interesse de conservar e proteger. Pelegrine (2009) propõe dois conceitos que é de grande importância para melhor compreendermos a relação das pessoas com o seu patrimônio, no caso de Areia, com o Patrimônio Arquitetônico.

> Trata-se da aplicação de técnicas de restauração sensíveis e adequadas aos bens em questão, norteadas pela adaptação apropriada às funções atribuídas aos bens móveis e imóveis. Essa prática necessita estar associada ao planejamento urbano e regional (PELEGRINE, 2009, p.32).

Percebe-se neste conceito que a conservação dos prédios precisa ser executada de forma consciente, para isso é necessário conhecimento específico, técnicas adequadas e profissionais capazes de executarem tal trabalho.

Em Areia, a população não via os prédios como uma forma de desenvolvimento, nem cultural, nem social e muito menos econômico. Os prédios faziam parte da cidade, essa era uma impressão que os moradores tinham, antes de conhecerem a importância de um espaço tombado pelo Patrimônio Histórico. As pessoas herdavam tais prédios e como estes se localizam na parte central da cidade, onde ocorre todo o comércio e parte administrativa, terminavam adequando estes imóveis às necessidades do comércio local. É importante lembrar que isto ocorria antes do processo de tombamento da cidade, em 1979 em nível estadual. Mesmo assim, muitas casas já passaram por transformações, principalmente internas. O que pretendemos com isso é afirmar que a população de Areia não tinha o desejo de destruir sua história. Pelo contrário, é uma cidade que valoriza demais suas tradições; como eles se intitulam de “Europa paraibana”. O que estamos estudando é como esta população está lidando com as duas festas que aumentam o número de pessoas circulando e consumindo na cidade de uma forma enorme. O poder público tem criado as condições necessárias para dar condições ao turista que vai para a festa se divertir e para o morador que utiliza os prédios tombados e

aproveita os momentos das duas festas para “fazer um extra na renda”, conforme eles dizem. Muitas vezes, essa renda é maior do que o lucro do ano todo.

O outro conceito de Pelegrine (2009) é sobre Memória:

> Disposição de reter, armazenar informações, sentimentos e imagens no cérebro humano. Elemento constituinte da identidade individual e coletiva. Relacionada às culturas e aos modos de entender o mundo, essencialmente para a continuidade das práticas culturais e para a reconstrução de si (PELEGRINE, 2009, p.32).

No caso de Areia, como já mencionamos, a população valoriza muito suas origens e suas tradições. Entretanto, quando estamos discutindo a relação dessas tradições com as duas festas, que iremos retratar com muito mais riqueza de detalhes no próximo capítulo, essas tradições ficam num plano inferior, pois as questões econômicas se sobressaem em relação às tradições.

Estamos destacando a valorização dos fatores econômicos numa sociedade. Entretanto não podemos afirmar que o econômico é mais importante ou menos que outras questões sociais. Estamos nos referindo à Areia, cidade tombada que viu sua economia durante muitos anos estacionada. Porém, depois do advento das duas festas, a cidade deixa de ser conhecida como a “Europa paraibana” - com seus belos prédios tombados - passando a ser conhecida em nível nacional como a terra do Festival da Cachaça e do Festival de Artes. Esse passa a ser o grande orgulho da população. Seus valores culturais e de identidade mudam.

No entanto, tem um grupo menor na cidade que é contra estas festas e, em especial, o Festival da Cachaça. Pois acreditam que estas festas descaracterizam a cidade. Essas pessoas preferem viver numa Areia mais calma, tranquila e que conserve seus valores e sua identidade cultural.

Outro grupo de pessoas na própria cidade não veem a necessidade da preservação do patrimônio material, acham desnecessário. Isto, quando não moram nos prédios tombados, pois os moradores, principalmente os comerciantes, acham algo sem importância. Poderiam conservar as fachadas, mas o interior é mais complicado. Até acham bonitos os prédios, no entanto são pouco funcionais. Choay (2009) comenta sobre os processos de vandalismo e de conservação, os quais derivam de uma conservação reacional que parte de procedimentos mais ordenados, mais refinados, com mais argumentos que ajudam evitar o vandalismo, muitas vezes, por falta de conhecimento.

Para isso, é importante diferenciarmos o que é vandalismo ideológico de outras formas de destruição do patrimônio histórico. Não podendo ser confundidos nem com a destruição que deriva dos atos privados, pelos próprios moradores, nem pelo Estado revolucionário, No caso de Areia, o patrimônio tem sofrido destruição por fins econômicos, como já ressaltamos.

> Qual a verdadeira importância de conservar um prédio, esse aqui, por exemplo que é meu. Eu preciso fazer algumas reformas para ajudar no meu comércio. O governo não vem pagar minhas contas Quando chega a Bregareia é uma loucura, o povo querendo usar o banheiro e eu termino perdendo de vender, pois o banheiro é lá fora e pequeno. Quem fica no prejuízo sou eu (Sobreira, informação verbal 2014).

Percebe-se a importância do turismo na cidade de Areia para a economia local. Também se percebe a grande dificuldade da população local em conseguir conviver com a conservação do patrimônio material tombado, além do grande número de turistas e frequentadores que visitam as duas festas. Sempre estamos destacando a diferença entre o período das festas e o restante do ano, pois o número de frequentadores é muito reduzido na cidade nos demais meses do ano, não causando impactos na infraestrutura da cidade, nem também muda a rotina da população. Fato este que os moradores fazem questão de preservar.

Faz parte da identidade cultural da população: os hábitos, os horários, os encontros. A cidade tem uma formação religiosa muito rígida, devido à influência das freiras franciscanas que por mais de cinquenta anos têm o convento e também o Colégio Santa Rita, muito tradicional em toda a região. As crianças participam das aulas de piano, etiquetas e coral. Isso faz com que os horários e rotina sejam muito determinantes. A cidade é muito calma e tranquila e, no horário do almoço, o comércio fecha. A população frequenta as missas e os cultos. Os bares fecham cedo, a noite na cidade é pacata, com algumas pequenas aglomerações de pessoas da própria cidade. O teatro abre muito pouco. Este é um tema que ainda iremos tratar, porque é de grande preocupação para nossa pesquisa entender a relação entre o artista local e as festas.

Buscaremos relacionar, neste momento, o turismo local e o turismo cultural; sendo assim, utilizaremos o conceito de turismo proposto por Valene Smith (1970)

> Aquele tipo de turismo que inclui o pitoresco ou o colorido local, um vestígio do estilo de vida tradicional camponês (tecidos, olaria, construções, etc) que, talvez, pudesse coincidir com o passado da própria cultura (SMITH, 1992 *apud* CAMARGO & CRUZ, 2009, p.15).

Seguindo o caminho e percebendo o crescimento do turismo cultural, o (Internacional Council on Monuments and Sites) ICOMOS propõe um novo conceito, no qual destaca que o que pode definir o turismo cultural, é quando se tem por objetivo descobrir lugares e monumentos, exercendo sobre eles um considerável efeito positivo à medida que, para seus próprios objetivos, visem manter viva a proteção dos lugares.

Greg Richards (1996) propõe um novo conceito de turismo cultural que é o deslocamento de pessoas desde seus lugares de origem, de suas casas, até os lugares que estes turistas têm interesse de conhecer, novos destinos pela sua cultura e que têm como objetivo recolher informações e experiências para satisfazer seus desejos e vontades na área da cultura. Em 2008, Patricia Camargo, definiu o turismo cultural como “o deslocamento de pessoas interessadas por destinos de vocação cultural ou atraídas por certos aspectos da oferta que se possam considerar como culturais” (CAMARGO, 2008, p.15-16).

Diante destes conceitos, podemos observar que Areia se enquadra nestas propostas, quando não estão ocorrendo as duas festas, uma vez que os turistas buscam na cidade as referências culturais, seu patrimônio, sua história e sua cultura, tanto urbana como rural. Observamos quais as motivações e estratégias de planejamento que devem ser desenvolvidas para que a comunidade local e os visitantes possam valorizar mais a sua riqueza cultural local. E os próprios moradores da zona rural do município de Areia encontraram, através da culinária e das bebidas tradicionais, uma forma de montar restaurantes que movimentam e geram renda para a população principalmente nos finais de semana.

O turismo rural também tem crescido muito e este segmento não está atrelado ao turismo de evento. Entretanto, percebemos que durante as festas, todos os restaurantes ficam com bastante movimento, tanto os da cidade como os da zona rural.

No entanto, percebemos durante a pesquisa que esta forma de economia cultural não tem nenhum planejamento, como também nenhum acompanhamento de

instituições competentes que possam dar um apoio aos donos dos estabelecimentos. Todos são instalados sem estratégia administrativa, nem de marketing. Infelizmente, tudo é muito intuitivo.

4 CAPÍTULO III – A CIDADE DE AREIA, O PROCESSO DE TOMBAMENTO E SUA RELAÇÃO COM A RELIGIÃO E A POPULAÇÃO LOCAL

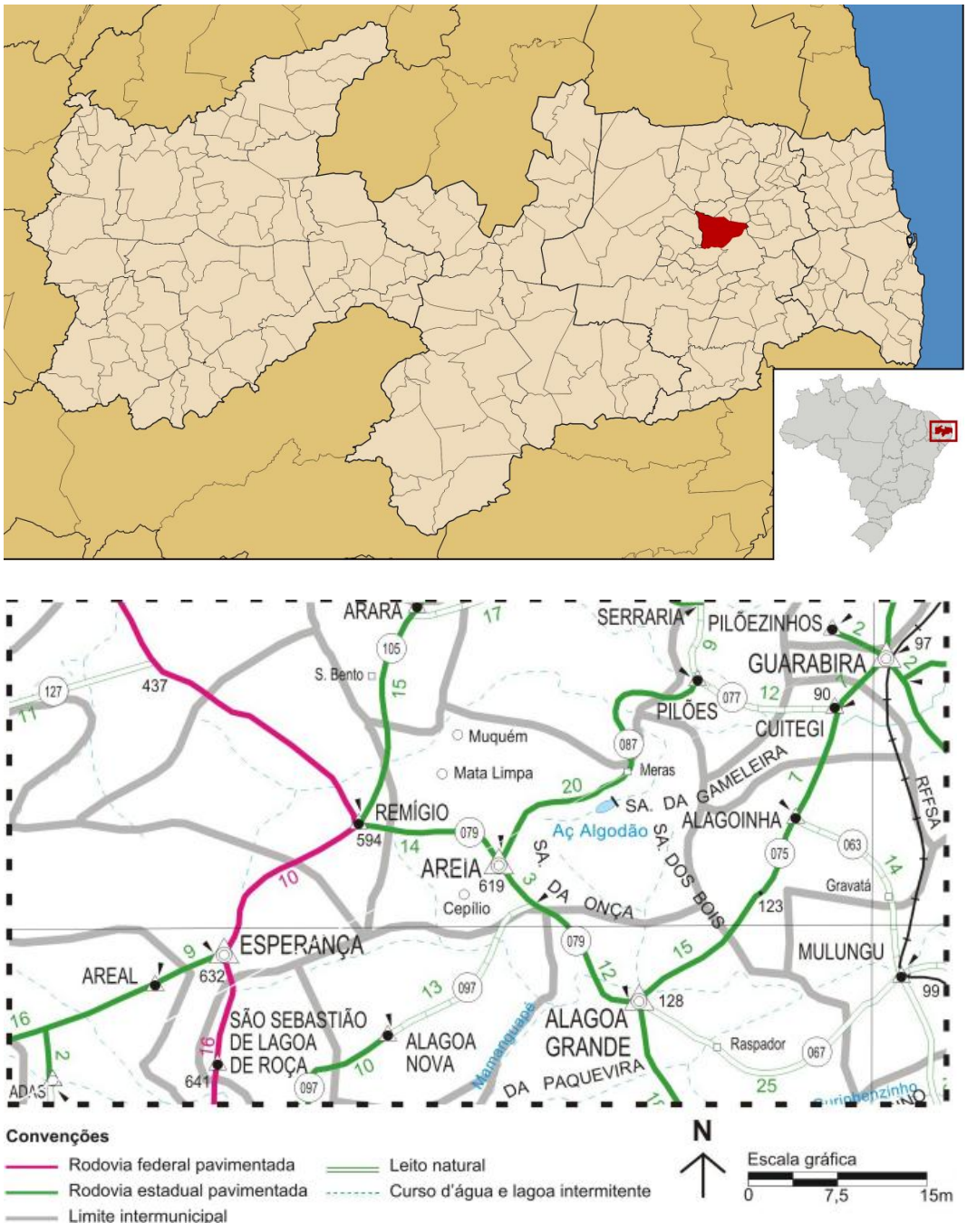
> “Preservar um Patrimônio Histórico não é apenas manter de pé um passado mumificado, é, antes de tudo, conservar a cidadania de um povo” (André Raboni).

O processo de tombamento da cidade de Areia, fator que foi de grande importância para o desenvolvimento, principalmente no que diz respeito ao setor econômico. Este fato aumentou o número de turistas que desejam conhecer o patrimônio histórico tombado. Também aumentou o número de pousadas e restaurantes que oferecem uma melhor infraestrutura para os turistas. No entanto, não podemos deixar de destacar o recorte do nosso objeto da pesquisa que é a cultura local. Para tanto, levantamos mais uma questão: Os artistas locais e seus grupos tiveram ganhos ou perdas com esse tombamento?

Segundo Silva (2011), mesmo a cidade de Areia apresentando momentos de crise no decorrer de sua história, que afetavam sua economia, foram nos seus momentos de ascensão econômica e social que Areia conseguiu erguer construções ricas em detalhes arquitetônicos. Esta arquitetura assume aparência característica das construções do século XIX, com fachadas trabalhadas e sobradas ricos em detalhes que sugerem a prosperidade do local.

Embora boa parte desses imóveis notórios e representativos de uma época tenham sofrido intervenções diversas que os descaracterizaram, seu valor histórico permanece, haja vista que muito pode se apreender com os elementos que ainda são observados, inclusive entre os casos dos prédios que estão completamente conservados e que entram na categoria de análise utilizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), que prima pela integridade do imóvel com as características originais resguardadas, tanto na fachada quanto no interior da edificação

Imagem 4 - Mapas do estado da Paraíba que destacam a localização física do Município de Areia.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2016).

4.1 O processo de tombamento do Patrimônio histórico da cidade de Areia – PB

Os técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) chamam a atenção para a necessidade de se fazer uma diferenciação entre “o tombamento do sítio” e o “tombamento de edificações isoladas”. Algumas dessas construções, a exemplo do “Museu Casa de Pedro Américo”, fazem parte do tombamento do sítio por estarem inseridas no perímetro de tombamento do (IPHAEP), sendo este um órgão do Governo da Paraíba, vinculado ao Ministério da Cultura do Brasil, cuja função é a preservação do acervo patrimonial, tangível e intangível do Estado da Paraíba. O órgão foi fundado em 31 de março de 1971 pelo Decreto - lei nº 5.255, assinado pelo Governador da época, Ernâni Sátiro. Até então, o patrimônio do Estado era administrado pelo (IPHAN), ao qual o (IPHAEP) está vinculado.

Utilizamos informações da 20ª Superintendência do IPHAN (2007) o qual destaca que um dos motivos que favoreceu a ação de tombamento da cidade de Areia em nível nacional foi, além de sua arquitetura diferenciada para uma cidade do interior paraibano, a paisagem que também contribuiu, pois a vegetação e o próprio clima tornam Areia uma cidade de características próprias para a região e ainda a história econômica e cultural.

Artistas de renomes internacionais liderados pela obra do artista plástico Pedro Américo e pela produção literária de Aurélio de Figueiredo, José Américo e de Horácio de Almeida tornaram a cidade um local onde pessoas visitam seus museus e galerias (IPHAN, 2007 *apud* SILVA, 2011).

Areia é destaque pelo seu pioneirismo na Paraíba em determinados aspectos, tais como: a primeira cidade a abolir a escravatura; como também na cidade foi criado e inaugurado o primeiro teatro do Estado, em 1859 (Teatro Minerva); o primeiro município a possuir uma escola de ensino superior voltado às questões agrárias (Escola de Agronomia, hoje passou a ser Centro de Ciências Agrárias - UFPB); e, por fim, a primeira cidade paraibana a ser tombada em nível estadual (1979 – IPHAEP) e em nível nacional (2005/2006 – IPHAN).

Com relação a dados demográficos, Areia se encontra submetida a fatores que fazem parte do processo de urbanização nacional, observamos que no Brasil o

número de habitantes urbanos tem crescido consideravelmente nas últimas décadas. Este processo também está presente no município de Areia, onde um acentuado processo de despovoamento tem ocorrido na zona rural.

De acordo com os dados do IBGE, em 1970, o município tinha um total de 29.975 habitantes e no Censo de 2010 foram registrados 23.829. No referido período, apresenta-se um decréscimo populacional de 6.146, representando um percentual de 20,5%. No entanto, há uma importante transformação quanto ao assentamento no território.

A partir do ano de 2000, o município de Areia passa a ser predominantemente urbano, sendo a urbanização da cidade de certa forma reconfigurada devido ao palco de dinâmicas sociais valorativas de seus elementos formadores. O centro histórico recebe novas representações, constituídas com base nas relações sociais dos vários grupos que estão presentes no espaço. Segundo dados do IBGE (2010), o município possuía uma população de 23.829 habitantes, sendo que 14.598 se encontram na zona urbana e 9.231 na zona rural. A densidade demográfica apresentada em Areia, não é considerada baixa, apesar de ter havido uma queda no número de habitantes, se comparados aos dados com o censo do IBGE de 1970.

Embora tenha havido uma redução do índice populacional no município em geral, nos últimos anos, o espaço urbano passou a ter uma predominante ocupação, tornando-se mais frequentes as mudanças e transformações, causando, nesse espaço, maior mobilidade econômica, social e cultural em Areia. Os variados grupos que chegam de diversas regiões, mediante representações plurais, revestem a cidade de novos valores, os quais geram movimentos convergentes quanto ao gerenciamento do espaço e como são aproveitados esses novos espaços explorados.

Surgem alguns movimentos divergentes, responsáveis pelos conflitos ideológicos, como por exemplo, uma nova forma de se compreender a cultura local, pois esta era muito voltada para uma cultura erudita, com concertos e peças teatrais e, nos últimos anos, a partir do início do século XXI, Areia passa a ter um número crescente de atividades culturais de massa.

Imagem 5 - Plano aéreo da cidade de Areia na década de 1990, destacando o Patrimônio Histórico

Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura de Areia.

No que diz ao Patrimônio Histórico Material, este tem apresentado algumas modificações, pois para alguns novos moradores a compreensão dessa valorização não chega a ser importante, visto que a sobrevivência passa a ser determinante. Às vezes, a conservação e preservação de alguns prédios atrapalham a comercialização de produtos expostos pelos novos moradores.

O valor arquitetônico do centro histórico de Areia foi um dos principais aspectos que motivou seu tombamento em nível estadual e federal. Sobretudo no tombamento estadual, o valor arquitetônico pode ser tomado como preponderante. No âmbito federal, existem outros valores concorrentes, como a questão histórica, a implantação no topo da serra, a paisagem circundante e a morfologia urbana. Por isso, Areia foi tombada como sítio histórico, urbanístico e paisagístico, em 2006.

O patrimônio edificado faz alusão a construções materiais, cuja importância sugere relevâncias históricas e culturais para determinados grupos sociais.

Intrinsecamente, as edificações do centro histórico de Areia se mostram importantes por possibilitar a reconstrução da memória cultural e da história da localidade, elementos de abstração da evolução construtiva por que passa o espaço no decorrer dos tempos.

Uma das mais expressivas edificações da cidade é o Teatro Minerva que, além de ser a comprovação da prosperidade econômica da região no século XIX, traz em sua estrutura características emblemáticas da época em que fora construído: sua arquitetura reflete, com discrição, aquela própria das casas de espetáculos construídas em várias cidades brasileiras, quando a imponência do edifício e sua fidelidade a um estilo arquitetônico eram componentes essenciais no processo de embelezamento e melhoria dos espaços urbanos (CAVALCANTI FILHO; CAJU, 2005 *apud* SILVA, 2011).

O aspecto arquitetônico se fortalece por possuir elementos constitutivos de uma cultura e história que perduram há várias décadas. As relações econômicas, sociais e culturais que se desenvolvem na atualidade têm suas bases na importância de um passado representativo, capaz de constituir a identidade do local. O espaço urbano sofre, portanto, modificações estruturais por abrigar não só antigas práticas e elementos, mas por se confrontar também com as novas demandas que ocasionam outras funções e usos aos lugares. É o encontro de temporalidades diferentes, uma das características dos centros históricos, sedimentados em representações distintas e iniciativas de crescimento que buscam atender anseios, muitas vezes, divergentes.

“O tombamento de Areia é um motivo de orgulho, por ter sido ela escolhida para ser guardada na memória coletiva com referência para formar nossa identidade”. Trecho proferido por um dos funcionários do IPHAN numa audiência pública realizada pelo órgão em 2006, com a participação da Prefeitura Municipal de Areia, IPHAEP e empresários locais.

Mesmo tendo um distanciamento grande nos discursos e ações desses órgãos, as modificações ocorridas, nos últimos anos, permitem-lhes visualizar o patrimônio não apenas sob a ótica que o sugere como herança de grande opulência, atribuindo-lhe a importância enquanto elemento vinculado ao uso prático, cotidiano, embora sob fortes restrições.

Essa elaboração discursiva de enaltecimento ao patrimônio material é assumida pela Secretaria de Administração e pela Secretaria de Turismo do município. Seus gestores afirmam serem as edificações “motivo de orgulho para os areienses” por darem ao espaço urbano características diferenciadas, porque as localidades circunvizinhas não apresentam a constituição arquitetônica que Areia ostenta.

A ocupação do sítio se deu no século XVIII em virtude das inserções de colonizadores e comerciantes no interior da Capitania da Paraíba. A região se situava em rota de passagem entre Litoral e Sertão (ALMEIDA, 1980, p.5; MEDEIROS, 1950 apud ANDRADE, 1997, p.27-28; MARIZ, 1945) e nela se iniciou um arraial para albergar viajantes (CAJU& CAVALCANTI FILHO, 2005; OLIVEIRA SOBRINHO, 1958). Areia alcançou, em 1818, a alcunha de Vila Real e, anos depois, em 1846, foi nomeada cidade. Sua economia esteve pautada, sobretudo, em culturas de subsistência, algodão, café e agave, mas o pilar de seu desenvolvimento foi o cultivo da cana-de-açúcar da zona rural (ANDRADE, 1997, p.21). Com a decadência dos engenhos, que remonta ao final do século XIX, surgiram usinas de açúcar, enquanto os engenhos dedicaram-se à produção de aguardente e rapadura, exportadas para outras regiões do Estado e para Estados vizinhos.

No entanto, como já mencionamos, em virtude de questões da política paraibana no final do século XIX, o traçado de ferrovias não contemplou a cidade de Areia, que tendo sido por dois séculos a segunda cidade mais importante da Paraíba, ficou muito prejudicada a partir de então, definhando frente a outros centros urbanos privilegiados e inseridos nas rotas de comunicação e escoamento de mercadorias. A redefinição de traçados impulsionou o crescimento econômico e demográfico dos núcleos urbanos do Sertão e Agreste paraibanos (CÂMARA, 1997, p.87-88) e reforçou o papel econômico e político da capital (MARIZ, 1939 apud ANDRADE, 1997, p.31-32; CÂMARA, 1997, p.81-82).

Em consequência desses fatores, a exclusão das rotas de comércio do Estado provocou o ocaso de Areia, que continuou a depender de sua agricultura e de dois importantes empreendimentos do século XX: a Usina Santa Maria e a Fábrica de Fiação e Tecelagem Arenópolis. Estes dois empreendimentos, quando inseridos no contexto urbano de Areia, alteraram sua feição original e abalaram, além da economia do município, sua própria aparência urbana. A instalação da

Usina Santa Maria provocou uma transferência da produção canavieira e das relações de trabalho e repercutiu diretamente na configuração do espaço construído em Areia ao provocar o êxodo de moradores rurais para a cidade e a ocupação desordenada dos terrenos urbanos (FIÚZA apud MOREIRA & MORAES, 2009).

Imagem 6 - Plano aéreo da cidade de Areia na década de 1970, destacando o Patrimônio Histórico

Fonte: Arquivo fotográfico da Câmara de Vereadores de Areia / PB.

As transformações no espaço urbano são notadas mais claramente nos dias atuais, sendo possível flagrar a ocupação das encostas, vales e margens de rios, num processo danoso para Areia e comprometedor para a paisagem urbana do seu entorno. Como resultado, a morfologia tradicional da cidade tem sido expressivamente transformada. Apesar destas mudanças periféricas, é possível identificar, no centro tradicional, um casario ainda preservado, com vários sobrados do século XIX, que configura, apesar das mudanças, reformas, remodelações de fachadas, descaracterizações e ampliações, um espaço de expressividade urbana, com ocupação residencial e vitalidade comercial até os dias atuais. Várias mudanças neste espaço central da cidade são causadas devido à necessidade dos

comerciantes adaptarem os prédios para receber melhor os turistas, principalmente nos dois grandes eventos locais.

Enquanto o núcleo inicial de Areia está predominantemente sobre o planalto, suas áreas de expansão recentes descem a serra, acompanhando o desenho das curvas topográficas. Os edifícios do centro se posicionam nas altitudes maiores, dependurando-se no topo da montanha e com seus quintais voltados para os despenhadeiros do entorno, onde predomina a vegetação remanescente. As vias e praças do centro são estruturadas a partir das duas principais igrejas da cidade (Matriz de N. S. da Conceição e Igreja de N. S. do Rosário) que funcionam como marcos da estrutura urbana, delineando as linhas de crescimento.

A fase que se refere ao desenvolvimento recente de Areia se dá por volta dos anos 1900 aos dias atuais. É caracterizada por uma retomada do crescimento urbano e pelo inchamento da cidade, devido às migrações da população da zona rural para a zona urbana, motivadas pela instalação da Usina Santa Maria (1920) e da Fiação e Tecelagem Arenópolis S.A (1925). Diferencia-se da fase anterior por representar nova ruptura, saindo da fase de desintegração e estagnação territorial e populacional para uma nova fase de crescimento e esgarçamento do tecido urbano, e não somente de modificações na arquitetura tradicional.

O desenvolvimento urbano causa a transposição dos limites tradicionais e a retomada do ciclo de crescimento. A expansão linear da cidade foi substituída por uma ampliação de caráter diferenciado, seguindo os eixos secundários e substituindo o caráter centralizado de Areia por uma estrutura multipolar. Causando a transposição de limites a dissolução da noção de centro, a perda da identidade dos bairros e o antagonismo entre as partes, instituindo-se uma nova cidade e nela, novas centralidades. A cidade experimenta sucessivos processos de adensamento urbano e populacional, chegando a ter 43.451 habitantes em 1920 e 46.300 em 1950, aumentando em mais de 100% a população de Areia no intervalo 1900-1950.

A partir da década de 1970 até o presente, a ocupação urbana dos arredores do centro antigo se intensificou de maneira tal que o núcleo urbano oitocentista representa atualmente pequena parcelada atual município. A ocupação de encostas e terrenos muito íngremes nas áreas de expansão, o crescimento a partir do prolongamento dos eixos urbanos coloniais, o preenchimento dos vazios nos lotes urbanos tradicionais, a reforma dos imóveis e a remodelação das fachadas no centro

tradicional são alguns eventos da atual conjuntura, decorrentes da intensa urbanização ou da ampliação e adaptação dos antigos edifícios às novas funções urbanas.

Para o gestor da área de turismo, é necessário que haja um movimento integrado entre as ações governamentais que almejam a conservação dos elementos materiais e as tomadas de decisões pelos empresários que desses bens fazem uso para sua promoção socioeconômica. As Secretarias citadas se revestem de representações e ações que as fazem oscilar entre o grupo dos conservacionistas monumentalistas (por vangloriar-se dos aspectos distintos da arquitetura do seu centro histórico) e o grupo dos participacionistas (quando levam em consideração as necessidades dos usuários com relação aos bens tombados).

Para assegurar a conservação dos bens históricos frente à dinamização urbana em Areia, os órgãos de preservação tanto estaduais como federais se valem do processo de Tombo dos imóveis. O sítio histórico delimitado e protegido pelos polígonos de tombamento não deve sofrer intervenções aleatórias à análise prévia do IPHAEP e do IPHAN, que agem em consonância com a Prefeitura Municipal da cidade. Aos órgãos de proteção, cabem o reconhecimento e delimitação do espaço a ser protegido por meio da definição de um perímetro de salvaguarda e acautelamento que possibilitará sua gestão.

Como esses processos de tombamento tornam lícitas as intervenções municipais, estaduais e federais, mesmo sendo o imóvel particular, é válida a apresentação das prerrogativas patrimoniais deferidas pelo IPHAEP e IPHAN frente ao patrimônio urbanístico da cidade de Areia. A área central da cidade possui significância por nela se encontrarem as primeiras iniciativas de cunho urbanístico, ou seja, onde surgiram os primeiros aglomerados populacionais. Almeida (1956) apresenta o primeiro núcleo urbano concebido na cidade.

Esses espaços são artifícios que permitem conceber a relação dos homens com seu passado, por possuírem lugares marcados pelas disputas, construções, vivências de lazer, entre outros pontos que abrem caminho para a reflexão dos projetos fincados na história da comunidade local. Assim, o patrimônio emerge como um elemento de identidade própria que possibilita enunciações históricas com caráter memorialista. Entretanto, mesmo possuindo características do passado, o espaço urbano continua sendo o lugar de construções cotidianas múltiplas com

dinâmicas e processos de renovação constantes. Sendo esse mais um problema para o tombamento, pois os moradores sempre estão querendo fazer reformas nas habitações.

São essas importâncias atribuídas ao perímetro urbano que motivam análises sobre a estrutura material do espaço urbano. Estudos realizados por Cavalcanti Filho e Moura (2003) sugerem a divisão do centro histórico analisado em oito setores. Essa divisão tem por objetivo precisar informações mais detalhadas referentes ao uso, época e estilo das principais edificações. Foi tomado como registro o perímetro tombado pelo IPHAEP em 1979.

Eis suas indicações:

. SETOR 1 – Rua da Gameleira, na qual se defende que o povoamento da cidade teria se iniciado – uso predominantemente residencial;

. SETOR 2 – Rua Simeão Leal, com edificações do final do século XIX e início do século XX – uso predominantemente residencial;

. SETOR 3 – Rua José Evaristo, com prédios do início do século XX, e uma representativa edificação do século XIX, datado de 1862 – uso predominantemente residencial, onde se encontra uma boate;

. SETOR 4 – Rua Epitácio Pessoa, afora o Teatro Minerva (edificação do século XIX), a maior parte das construções são da primeira metade do século XX – uso predominantemente residencial, excetuando-se duas edificações, cujo uso é comercial;

. SETOR 5 – Rua Dr. Cunha Lima, que possui suas principais edificações a partir de meados do século XX – uso predominantemente comercial, de serviços e residencial;

. SETOR 6 – Rua Getúlio Vargas e Rua Vigário Odilon, área mais central da cidade, marcada pela heterogeneidade temporal, com edificações do século XIX e outras da contemporaneidade – uso predominantemente comercial e residencial;

. SETOR 7 – Rua Pedro Américo, tendo como principal edificação o prédio do pintor Pedro Américo que dá nome à rua ,mas tem como principal característica a heterogeneidade temporal que também compreende edificações do século XX – uso predominantemente residencial;

. SETOR 8 – Rua Prof. Xavier Jr., caracterizada por construções posteriores a 1920 – uso predominantemente residencial e de serviços.

A – Casa Pedro Américo B – Igreja N. Sra. Da Conceição L – Igreja do Rosário
C – Colégio Santa Rita D – M useu Regional
E – Solar José Rufino F – Praça João Pessoa M – Praça Min. José Américo de Almeida
G – Praça 3 de M aio H – Praça Doutor Cunha Lima
I – Teatro M inerva J – Praça Solon de Lucena

Imagem 7 – Delimitação do perímetro do conjunto histórico, urbanístico e paisagístico da cidade de Areia/PB
Fonte: IPHAN, 2007.

Embora, nos dias atuais, a Rua Coelho Lisboa não possua edificações tombadas, ainda assim faz parte do conjunto patrimonial, o que inviabiliza modificações arbitrárias e sem consulta prévia aos órgãos de preservação e à Prefeitura Municipal de Areia. Por sua importância visual e os usos que são feitos do lugar, é pertinente sua inclusão à análise. É na parte central de Areia que podem

ser encontrados os principais estabelecimentos comerciais, várias moradias e os mais importantes pontos de socialização (restaurantes, bares, pousadas, igrejas, teatro, praças, museus, escolas). A diversidade de usos e discursos que o patrimônio de Areia estabelece os valores que o fazem um dos mais expressivos exemplares do processo urbanístico, histórico e artístico da Paraíba.

Há de se fazer referência ao seu valor urbanístico e de socialização que motivam reflexões acerca da natureza das questões sociais, territoriais e culturais. Se a cidade é vista como espaço concreto, no qual se formulam dinâmicas inter-relacionais, ela pode ser vista a partir de sua trajetória de desenvolvimento e transformação. A construção cotidiana do espaço citadino se dá mediante ações diversas dos seus agentes, protagonistas sociais do lugar em que vivem.

A cidade como organização é um espaço múltiplo de ação coletiva, elaborada em muitas dimensões, plena de significados, construtora de identidades e identificações, a cidade é uma megaorganização – real, virtual, concreta e simbólica. Diferentes dimensões de espaço e de tempo convivem, nem sempre em harmonia. Os universos locais são multifacetados, singulares e diversos formando teias organizacionais mais ou menos densas. Em suas falas, sugerem ser a cidade uma ideia símbolo das variadas mudanças, das criações e das realidades vividas. Dentro dessa abordagem, verifica-se a importância de Areia enquanto espaço de transformação, de continuidades, de relações múltiplas e de expectativas variadas. Nela, percebe-se o cruzamento de necessidades individuais e de construções grupais. Seu espaço, muitas vezes, é visto como intocável por sugerir particularidades de momentos passados, marcadamente presentes nas edificações do centro histórico. É o que suscita determinadas narrativas saudosistas as quais apresentam o largo central da cidade como um ponto de comercialização desde seu nascimento e de manifestações culturais e cívicas.

O Patrimônio edificado faz referência a construções materiais, cuja importância sugere relevâncias históricas e culturais para determinados grupos sociais, sendo expressivos e representativos de determinadas épocas e estilos.

As construções do centro histórico de Areia se mostram importantes por permitirem a preservação da memória cultural e da história da cidade, elementos de abstração da evolução construtiva por que passa o espaço no decorrer dos tempos. Para Cavalcanti Filho e Caju (2005), uma das mais expressivas edificações da

cidade é o Teatro Minerva que, além de ser a comprovação da prosperidade econômica da região no século XIX, traz em sua estrutura características emblemáticas da época em que fora construído: sua arquitetura reflete, com descrição, aquela própria das casas de espetáculos construídas em várias cidades brasileiras, quando a volumetria do edifício e sua fidelidade a um estilo arquitetônico eram componentes essenciais no processo de embelezamento e melhoria dos espaços urbanos.

Destacam-se definições encontradas no patrimônio da cidade de Areia que fogem da realidade construída nas cidades que seguem um padrão moderno e, muitas vezes, sem planejamento algum. Observa-se que a maioria das cidades paraibanas não teve planejamento urbanístico. No caso de Areia, mesmo não tendo essa preocupação em seguir um modelo, percebe-se que os temas das ruas centrais se encontram num elo de formação conjunta, no qual todos os valores têm sua importância ímpar.

O aspecto arquitetônico se fortalece por possuir elementos constitutivos de uma cultura e história que perduram há várias décadas e que se torna o grande destaque e referencial da cidade. Com relação aos aspectos econômicos a cidade de Areia têm seus fundamentos na importância de um passado representativo, capaz de constituir a identidade do local.

Os espaços urbanos passam constantemente por mudanças estruturais que são necessárias para acompanhar e abrigar o desenvolvimento e o crescimento econômico da cidade. Este fator em Areia ocorre com grande frequência. O que se percebe é que as antigas práticas, formas e elementos da conservação e valores culturais sofrem degradação e destruição. É o encontro de temporalidades diferentes uma das características urgentes aos centros históricos, solidificados em representações distintas, que entram em confronto com as novas iniciativas de crescimento que buscam atender anseios muitas vezes divergentes.

De acordo com Canclini (2008), percebem-se nitidamente as diferenças entre os grupos de uma sociedade. Tanto os tradicionalistas quanto os modernizadores quiseram construir objetos puros na visão deles, todos tinham os mesmos objetivos que eram se expressar através de suas artes. Os tradicionalistas imaginaram, desenvolveram culturas nacionais e populares “autênticas” e procuraram preservá-las da industrialização, da massificação urbana e das influências estrangeiras. Os

modernizadores conceberam uma arte pela arte, um saber pelo saber, sem fronteiras territoriais, e confiaram à experimentação e à inovação autônomas suas fantasias e progresso. As diferenças entre esses campos serviram para organizar os bens e as instituições.

Areia tem passado por essas condições perfeitamente, não é uma questão de encontrar os certos e errados, não existe um vilão, pois como observamos, as representações sobre os objetos que se encontram no espaço, anunciadas por Canclini (2008), como concepções distintas sobre a arte, dividem os grupos sociais em tradicionalistas e modernizadores. Cada um deles tem seus interesses e seus motivos. Em Areia e especificamente no seu Patrimônio Histórico, é compreensível essa atuação articulada das diferentes visões. Sendo esse um dos motivos que estimula a nossa pesquisa, pois os atores pesquisados são os que lutam pela conservação e preservação do patrimônio material, e o outro grupo é formado por pessoas inovadoras que pensam nas questões econômicas como as primordiais.

Diante desses pontos de vista e levando em consideração a distribuição dos agentes sociais em quatro grupos, realizada por Canclini (1994), os empresários locais que têm seus comércios em prédios tombados do centro histórico de Areia podem ser caracterizados, de certa forma, por grupo “mercantilista”. Suas representações atribuem ao patrimônio edificado um valor econômico, o que motiva discursos e ações em defesa de sua conservação, desde que essa medida lhes proporcione dividendos. O lucro é o determinante para esses grupos e os fatores culturais só atrapalham e atrasam o crescimento econômico e o desenvolvimento de uma cidade.

Esse grupo de comerciantes investe na diversidade do comércio e dos bens edificados, potencializado dentro de um mercado crescente e cada vez mais exigente que tem como elemento de comercialização o patrimônio cultural. Para tanto, buscam associar a conservação de determinados elementos à revitalização de outros. Neste sentido, foi criada uma associação que tenta equilibrar os conflitos existentes entre os grupos que apresentam ideias divergentes. Os discursos e ações da Associação dos Amigos de Areia (AMAR) são os que mais se aproximam do grupo visto como o mais equilibrado e que se encaixa aos moldes necessários para a população da cidade de Areia: o modelo participativo que tem sido a forma mais usada na Associação.

Segundo (SILVA, 2011), a associação AMAR é uma representação importante, pois cria conciliações entre os grupos interessados e que tentam promover a valorização da comunidade com o patrimônio de Areia, criam-se parceiros locais, interligando empreendimentos educacionais, tentando envolver empresas privadas e órgãos governamentais em movimentos de integração social, objetivando a democratização e a valorização da cultura. Mesmo defendendo a conservação do patrimônio, suas realizações mostram a importância de serem levadas em consideração as necessidades dos que dele fazem e utilizam o patrimônio tombado no uso do seu dia a dia.

Percebe-se que os órgãos oficiais responsáveis (IPHAN e IPHAEP) pregam um discurso atual que defende a utilização do patrimônio edificado, afirmando não querer “engessar” os elementos materiais arquitetônicos. Suas práticas os aproximam do grupo conservacionista monumentalista, posto que determinam os bens a serem conservados com base em prerrogativas simbólicas que sejam emblemáticas de uma elaboração nacional. Numa perspectiva de garantir a conservação dos bens históricos frente à dinamização urbana em Areia, este fator tem sido motivo de tanta discordância, os órgãos de preservação estaduais e federais se valem do processo de Tombo dos imóveis.

Com o processo de tombamento, surge outro problema agravante na cidade como em todo o espaço urbano que passa pelo processo de tombamento, pois se tornam lícitas às intervenções municipais, estaduais e federais, mesmo sendo o imóvel particular, é necessária a apresentação das prerrogativas patrimoniais deferidas pelo IPHAEP e IPHAN frente ao patrimônio urbanístico da cidade de Areia.

A formação do espaço citadino de Areia se dá em momentos diversos, por meio dos quais há a ampliação do território ocupado e a construção de uma dinâmica social estruturada de acordo com as elaborações econômicas a qual se destina a rua, a localidade, o bairro ou até mesmo uma cidade inteira.

A área urbana que hoje está inserida na área de tombamento do IPHAEP e do IPHAN representa o espaço em que se encontram as principais edificações, cuja importância é conferida desde sua implementação. É neste setor que estão localizadas a parte comercial da cidade e a administrativa, sendo elas atividades de fundamental importância para a cidade por serem o propulsor do desenvolvimento econômico. Nessa área, a população rica da cidade via o espaço como facilitador de

empreendimentos de socialização, e o que também determinou as construções para uso residencial, características do final do século XIX e início do século XX por ser a área nobre da cidade.

As principais ruas da cidade estão no trecho principal que engloba as ruas Pres. Getúlio Vargas, Dr. Cunha Lima, Dr. José Evaristo, Epitácio Pessoa, Coelho Lisboa, Pedro Américo. Por serem representativas de uma época histórica, as edificações do centro comercial passaram a receber atribuições de cunho cultural, artístico e urbanístico. Neste setor, estão localizados os museus, as igrejas e o Convento da Ordem Franciscana.

Na possibilidade de viabilizar a conservação dos elementos constitutivos da base territorial da cidade de Areia, houve processos de tombamento em dois momentos, num primeiro em âmbito estadual (1979), e depois em nível federal (2005/2006). O Tombamento em nível Estadual da cidade foi no ano 1979; no entanto, até o final da década de 1970, não havia um órgão estadual que gerisse os interesses da Paraíba quanto ao tombamento, à preservação e manutenção de seu Patrimônio Histórico e Cultural. Apenas sendo criado em 1971, a partir do Decreto-Lei nº 5.25513, o IPHAEP se volta exclusivamente para 13 Art. 1º - Fica Criado, na Secretaria de Educação e Cultura, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, com a finalidade de preservar os bens culturais do Estado, que não se encontram sob proteção e guarda do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, compreendidos os setores histórico, artístico, folclórico, florístico e arqueológico. Diário Oficial do Estado da Paraíba, Ano IV, João Pessoa – 1º de Abril de 1971 – nº 2653.

Este órgão responsável pela preservação e tombamentos na Paraíba tinha sua estrutura organizacional vinculada à Secretaria de Educação e Cultura, gradativamente o instituto passa a ter autonomia administrativa e financeira própria. É importante ressaltar que sua origem está associada às necessidades de integração da Paraíba aos demais Estados brasileiros, com base no desenvolvimento pautado no turismo. A partir da década de 1970, o Brasil passa a receber mais investimentos no setor industrial, terciário e, no que concerne às atividades turísticas, visando a um maior crescimento econômico. É na década de 1970, que o turismo e a cultura no Brasil passam a ser vistos como impulsionadores de geração de renda.

De acordo com (OLIVEIRA, 2002 *apud* SILVA, 2011), o IPHAEP só consegue se firmar e atuar com mais autonomia em 1978, devido à falta de uma legislação consistente e verbas plausíveis à execução das funções a ele atribuídas. A partir de 24 de outubro desse ano, o Decreto-Lei nº 7819 lhe dá o aval para dispor sobre o Cadastramento e Tombamento dos Bens Culturais, Artísticos e Históricos no Estado da Paraíba e, portanto, esta Lei se concretizava como a possibilidade que o Instituto adquiria para as ações de preservação/conservação do patrimônio no Estado da Paraíba (OLIVEIRA, 2002).

A demora da implantação das leis de tombamento e preservação na Paraíba deve-se ao fato de pessoas influentes que se sentiam prejudicadas com as mudanças propostas, faziam movimentos para atrasar ou pôr abaixo tais decisões. No caso da cidade de Areia, podem ser encontrados vários exemplos dessa não aceitação às medidas impostas pelo IPHAEP. Muitas edificações sob a determinação de conservação total ou parcial foram derrubadas ou consideravelmente modificadas, dando lugar a novos prédios que pouco lembram as antigas edificações.

Dada à relevância das edificações tradicionais do centro de Areia e as constantes modificações decorrentes das novas funções urbanas (como a ampliação comercial e o adensamento populacional), foram implementadas as primeiras políticas de conservação do Patrimônio Histórico estadual sob coordenação do IPHAEP. Este passa a agir e atuar com base no ato de tombamento do centro histórico, sob o Decreto 8.312, de 04 de dezembro de 1979.

Outra constatação identificada pelos técnicos era a de que a ampliação e adaptação das antigas edificações tombadas do centro urbano da cidade estavam sendo realizadas sem aprovação e não apresentavam nenhuma lei ou órgão responsável para realizar um planejamento prévio na cidade. Eram levadas em consideração apenas as necessidades dos comerciantes e moradores locais com interesse no lucro e nos aluguéis, devido ao aumento da população urbana que fica na cidade apenas por um tempo. É necessário o maior número de imóveis para alugar, já que boa parte destes moradores são alunos, muitos preferem ficar em quartos no centro da cidade. Esse fator se dá devido à cidade de Areia ser uma urbe universitária, o que propicia uma ampliação do número de habitantes temporários. Alguns grupos permanecem em Areia numa média de cinco a dez anos, porque a

cidade possui um dos centros universitários de maior significância da Paraíba: a Universidade Federal da Paraíba, um Campus voltado às áreas agrícolas.

Segundo Silva (2011), a pesquisa realizada em 2005 por Ivan Cavalcanti e Náhya Maria Lyra Caju propôs uma forma de identificar a nova divisão do centro histórico de Areia das edificações presentes no polígono de tombamento do IPHAEP. Os oito setores catalogados anteriores passaram a ser definidos em apenas três: no primeiro, estão incluídas as Ruas Presidente Getúlio Vargas (lado direito indo na direção oeste/leste), Rua Dr. Cunha Lima, Rua Dr. José Evaristo, Rua da Gameleira, Rua Semeão Leal, Rua Epitácio Pessoa (lado esquerdo indo na direção leste/oeste) e Rua Coelho Lisboa (lado esquerdo na direção norte/sul); o segundo setor engloba a Rua Epitácio Pessoa (lado direito na direção leste/oeste), e Rua Santa Rita; o terceiro é formado pela Rua Coelho Lisboa (lado direito no sentido norte/sul), Rua Getúlio Vargas (lado direito no sentido leste/oeste), Rua Pedro Américo e Rua Vigário Odilon. Essa divisão seguiu o novo levantamento geográfico, social, econômico e histórico da cidade o qual foi reorganizado pela Prefeitura Municipal de Areia e pela Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA). Desta forma, visava a uma facilidade em identificar os endereços e pontos estratégicos do comércio e do turismo local.

4.2 A influência das Freiras Franciscanas de Dilligen na cultura de Areia - PB

As freiras franciscanas contribuíram bastante para inserção de uma cultura mais erudita e com valores europeus na cidade de Areia. Características estas que permanecem até hoje na sociedade mais tradicional. A classe média e alta de Areia foi praticamente toda educada por uma educação religiosa católica. Essa população e, principalmente, os idosos sofrem com as transformações na cidade, causadas pelos dois grandes eventos que modificam a estrutura tradicional da cidade e prevalecem a cultura de massa e uma grande massificação dos valores culturais e sociais da cidade. Para melhor entendermos essa chegada dessa congregação europeia no interior da Paraíba, foi necessário fazermos um resgate histórico da

Europa neste período, em especial na Alemanha. Para esse estudo, fizemos conversas e entrevistas com as Freiras Franciscanas.

Em 1919, Adolf Hitler se filiou ao "Partido Alemão dos Trabalhadores" que, um ano depois, passou a chamar-se "Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores", o partido nazista. Em julho de 1921, assumiu a chefia do partido na Alemanha. Com a morte de Paul Hindenburg, presidente da Alemanha, ocorrida em 02 de agosto de 1934, Adolf Hitler que era chanceler (cargo equivalente a 1º ministro) se nomeou presidente, comandante supremo das forças armadas e "Führer" do Terceiro Reich. Através da "Gestapo", polícia política, Hitler governou a Alemanha com mão de ferro e, por fim, provocou a eclosão da 2ª Guerra Mundial, de 1939 a 1945.

Quando por um Decreto nazista, as escolas católicas foram fechadas na Alemanha e as Irmãs Franciscanas de Dillingen procuravam se engajar em outras atividades, Deus já escolhera o Brasil como lugar de missão para elas. As freiras vieram a convite da Diocese de João Pessoa, que lhes abriu as portas, quando o Decreto nazista as fechou. Na homilia da Missa solene do Envio da 1ª turma de Irmãs para o Brasil, o Dr. Vicente Fuchs, capelão da Casa Mãe, assim falou: "*Se em nossa pátria não se quer mais o trabalho das Irmãs, o amor a Cristo as impele a partir para o apostolado além do oceano. Claro que o Brasil não é terra de pagãos, é um país católico, mas está necessitando de pessoas para o apostolado".*

Mesmo estando no Brasil, as 17 Irmãs pioneiras viveram o pesadelo da 2ª Guerra Mundial, ao receber notícias de mortes e de destruições causadas pela guerra e, mais tarde, ao ficarem impossibilitadas de se comunicarem com seus familiares e com a "Casa Mãe". Conforme depoimentos dados por algumas Irmãs, elas se sentiram muito inseguras, quando em 1942, o Brasil declarou guerra à Alemanha e sofreram interiormente, ao presenciarem a euforia do povo brasileiro com a derrota final da Alemanha. Em 1945, termina a 2ª Guerra Mundial e começa a Guerra Fria entre os Estados Unidos e a "União das Repúblicas Socialistas Soviéticas".

Quando as Irmãs pioneiras chegaram ao Brasil, este era governado por Getúlio Vargas. Ele assumira o poder em 1930, por um Golpe Militar, que marcou o término da "Revolução de 30" e só o entregou em 1945, quando foi deposto pelas

Forças Armadas. Vargas mantinha em suas mãos os mais amplos poderes: extinguiu os partidos políticos, suspendeu as eleições democráticas, mantendo no governo dos Estados Interventores Federais de sua confiança, proibiu as greves e manifestações populares contra o governo e criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), imenso aparelho ideológico para o culto à sua personalidade. Para manter-se no poder, ele conseguiu, habilmente, o apoio da Igreja e das massas trabalhadoras, utilizava a concessão de benefícios sociais, como forma de manipular as massas populares, iniciando assim o populismo no Brasil. Mas, seu governo teve um lado positivo: ele fundou a "Companhia Vale do Rio Doce", a "Companhia Siderúrgica Nacional" e criou inúmeras leis trabalhistas, que, em 1943, foram reunidas na "Consolidação das Leis do Trabalho" (CLT). Em 1945, as Forças Armadas obrigam a renúncia de Getúlio**.** Em 1946, é promulgada nova "Constituição da República" e o Brasil passa a ser governado pelo general Eurico Gaspar Dutra que, em 1947, decreta a extinção do Partido Comunista. Em1951, realizam-se eleições e Getúlio Vargas torna-se presidente da República. Em 1953, ele cria a PETROBRAS e, em 1954, concede aumento de 100% aos assalariados. Em 24 de agosto de 1954, ele se suicida no Rio de Janeiro.

A exemplo de outras congregações, na Igreja Católica, a espiritualidade que as Freiras Franciscanas viviam, no período de 1937 a 1964, expressava-se na devoção aos santos, haja vista a predominância de livros e autores nas bibliotecas do convento, de biografias de santos e de outros livros de espiritualidade. Pouco se utilizava a Bíblia. Viviam, sobretudo, a espiritualidade franciscana, com o enfoque na dimensão da cruz. Por exemplo: cada sexta-feira, rezavam a Via-Sacra, e no percurso da capela para o refeitório, rezavam o Salmo 50.

Cada noite, antes de dormir, as freiras rezavam, individualmente, a "Estação" de joelhos, com os braços erguidos, rezavam o Pai Nosso, a Ave Maria e o Glória ao Pai e, em seguida, beijavam o escapulário. A recepção do Sacramento da Penitência era muito frequente. No dia a dia, eram estimuladas a fazer pequenos sacrifícios, ou seja, pequenas renúncias e oferecê-las em alguma intenção. Costumavam rezar "jaculatórias", ao caminhar pela casa e no trabalho, Observavam o pequeno e o grande silêncio. Diariamente, direcionavam-se à capela meia hora antes das "Laudes", para a Meditação, em seguida havia a Celebração Eucarística.

Os Retiros eram “fechados” (em silêncio total) e as prescrições do livro “Usos e Costumes Conventuais de Dillingen e Espírito Religioso-Seráfico” eram levadas a sério. Essa obra veio do alemão e editada em 1954, para ser estudada no Noviciado e retomada por cada Irmã.

Quando o Brasil estava entrando na fase desenvolvimentista, iniciada no governo de Juscelino Kubitschek, a atuação das Irmãs estavam em fase de expansão. Entre 1945 e 1963, ampliaram-se as construções dos colégios de Areia, principalmente, e de Catolé do Rocha, os quais entraram em florescimento. Ambos os colégios mantinham Internato, desde o início de sua fundação. O número de Candidatas à Vida Religiosa aumentava, gradativamente. Muitas dessas vocações chegaram até Areia, através de “Recrutamento Vocacional”, feito por Frei Bruno Moos e Frei Álvaro Formiga. Muitas jovens chegavam, sem ter muita consciência do que queriam e em breve retornavam às suas famílias, mas um número razoável permaneceu. No início da década de 50, Candidatas e Postulantes começaram a catequese das crianças pobres, na periferia de Areia.

No final da última sessão do Capítulo Provincial de janeiro de 1982**,** foi apresentada à Assembleia Capitular a proposta para se fechar, gradativamente, a 2ª Fase do 1º Grau do Colégio Santa Rita. Considerando as muitas reflexões, que já vinham sendo feitas, sobre a situação do Colégio Santa Rita, bem como sobre a situação dos outros Colégios da Província e considerando igualmente os motivos apresentados, oralmente, à Assembleia Capitular, esta, sem aprofundar muito a questão, votou a favor da referida proposta, que lhe foi feita. Segundo as próprias freiras, este foi um momento em que a influência delas na cultura e na sociedade local, começa a enfraquecer. Criando espaços para os políticos locais começarem a inserir as festas populares. Os alunos do Colégio Santa Rita que terminavam seus estudos iam embora e os que eram moradores da cidade, geralmente, para não dizer a maioria, viajavam para a capital João Pessoa, dando continuidade aos seus estudos.

Vencendo muitas dificuldades pela desconfiança da população brasileira e em especial de Areia, por serem alemãs, as irmãs continuaram sua missão de educadoras, iniciaram o Curso Primário, a partir da reforma da educação, passam a trabalhar com o fundamental um, e o Curso Normal livre de quatro anos.

> Como alemãs, as Franciscanas de Dillingen valorizavam a ordem, a pontualidade, a disciplina no porte e no andar, no gosto pela arte e pela música. Estes valores foram incutidos nas alunas, tanto nas internas quanto nas externas. Além das disciplinas próprias do currículo, as alunas foram orientadas para a confecção de trabalhos manuais como: bordados, crochê, tricô que faziam como esmero e perfeição. Hoje, ainda se percebem estes frutos, valores passados de geração em geração (...). O colégio ganhou fama, não só pelos trabalhos manuais, como também pelo ensino de qualidade e as peças teatrais desenvolvidas de ano para ano. As festas de formatura da Escola Normal tornaram-se famosas pela beleza artística e pela mensagem que transmitiam. Irmã Siegfrieda Heinrich escrevia as peças teatrais, combinando elementos da cultura europeia e brasileira que eram representadas pelas alunas com desenvoltura e beleza (SENDRA, 2007, p.160).

Vejamos os motivos colocados pelas freiras para encerrarem parte do ensino fundamental do Colégio Santa Rita:

*Resultados obtidos na educação não correspondem aos esforços e desgastes das Irmãs na luta por uma educação evangelizadora;

* Necessidade de concentrar forças e tempo das Irmãs: a) no processo de reestruturação da Escola, com vistas a uma educação evangelizadora. b) nos cursos: primário (fase básica da Educação), magistério (curso marginalizado, mas de importância fundamental);

* Reconhecimento de que prestamos um melhor serviço a Areia no campo da educação se colaborarmos com as demais Escolas da comunidade areiense e as da vizinhança, isso da seguinte maneira: a) preparando melhor os professores que vão atuar nessas Escolas; b) posicionando-nos contra a atitude daqueles que querem uma educação mais aprimorada para os seus filhos, por isso os colocam em nossas Escolas, nada fazendo no entanto para que as demais Escolas de Areia melhorem as condições de ensino.

A pressão feita pela sociedade areiense, contrária à referida decisão, gerou insegurança nas Irmãs do Colégio Santa Rita e estas dirigiram um Requerimento à Coordenação Provincial, solicitando a convocação de um Capítulo Provincial. Com este objetivo, realizou-se, no dia 02 de outubro de 1982, o Capítulo Provincial Extraordinário, que revogou a referida decisão, tomada pelo Capítulo Provincial de janeiro de 1982 (cf. Carta Circular da Província: 24.10.1982).

Mesmo com todas essas dificuldades na época, com o passar dos anos, o ensino e as atividades culturais no colégio só diminuíram. Perdendo, assim, a cidade de Areia uma grande referência de cultura com influência europeia. No entanto, entre os anos de 1939 a 1967, a fim de atender o grande número de procura das classes ricas da região pela educação rígida do colégio Santa Rita, este foi sendo ampliado, oferecendo a escola interna.

> Cada irmã contribuía com seus dons para que estas apresentações tivessem um cunho bem festivo. Irmã Inviolata Scheckenbach colocava música nos textos e executava com suas alunas através do piano e violino, ou nos cantos orfeônico. Irmã Irnholda Brumm e Iluminaris Allger assumiam os bailados e danças, e Irmã Rafaela Hitzler, com a ajuda de Irmã Irnholda, cuidava da confecção dos cenários e figurinos (SENDRA, 2007, p.160).

4.3 Os impactos e Experiências existentes em cidades brasileiras que são tombadas pelo patrimônio histórico e que realizam grandes eventos

Da mesma forma que a cidade de Areia, que realiza suas festas e enfrenta o desafio de preservar o patrimônio material tombado, relataremos dois exemplos que vivenciam os mesmos desafios. No caso de Olinda, em Pernambuco, e Ouro Preto, em Minas Gerais, que também enfrentam sérios problemas para lidar com a preservação da cultura local e a preservação da cidade. Antes de citarmos os exemplos, relataremos informações importantes sobre as leis e setores tombados pelo Patrimônio Histórico no Brasil. Para isso, utilizamos o Relatório de Gestão do (IPHAN, 2011).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no seu Artigo 2º o IPHAN tem por finalidade institucional proteger, fiscalizar, promover, estudar e pesquisar o patrimônio cultural brasileiro nos termos do art. 216 da Constituição Federal, e exercer as competências estabelecidas no Decreto-lei no 25, de 30 de novembro de 1937, no Decreto-lei no 3.866, de 29 de novembro de 1941, na Lei no 3.924, de 26 de julho de 1961, na Lei no 4.845, de 19 de novembro de 1965, no Decreto no 3.551, de 4 de agosto de 2000, na Lei no 11.483, de 31 de maio de 2007 e no Decreto no 6.018, de 22 de janeiro de 2007 e, especialmente, coordenar a implementação e a avaliação da política de preservação do patrimônio cultural

brasileiro em consonância com as diretrizes do Ministério da Cultura; promover a identificação, a documentação, o reconhecimento, o cadastramento, o tombamento e o registro do patrimônio cultural brasileiro; promover a salvaguarda, a conservação, a restauração e a revitalização do patrimônio cultural protegido pela União; elaborar normas e procedimentos para a regulamentação das ações de preservação do patrimônio cultural protegido pela União, orientando as partes envolvidas na sua preservação; promover e estimular a difusão do patrimônio cultural brasileiro, visando a sua preservação e apropriação social; fiscalizar o patrimônio cultural protegido pela União, com vistas a garantir a sua preservação, uso e fruição; exercer o poder de polícia administrativa, aplicando as sanções previstas em lei, visando à preservação do patrimônio protegido pela União; desenvolver modelos de gestão da política de preservação do patrimônio cultural brasileiro de forma articulada entre os entes públicos, a sociedade civil e os organismos internacionais; e promover e apoiar a formação técnica especializada em preservação do patrimônio cultural.

As responsabilidades do (IPHAN) implicam em identificar, reconhecer, preservar, gerenciar, promover e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para as gerações atuais e futuras. Desde a Constituição Federal de 1988, as competências do órgão vêm sendo ampliadas significativamente, sobretudo com as incorporações da dimensão do patrimônio imaterial como objeto de preservação a partir do ano 2000; da administração dos bens móveis e imóveis de valor artístico e cultural da extinta RFFSA em 2007; dos novos procedimentos de Licenciamento Cultural Instituídos pela Portaria Interministerial 419/2011 bem como, com a regulamentação de procedimentos determinados pelo Decreto Lei 25/1937 até então não implementados: Cadastro de Negociantes de Obras de Arte; procedimentos de Fiscalização e Aplicação de Multas e Análise da Aprovação de Projetos. De modo a estruturar a organização para cumprir com os novos desafios apontados, a Instituição consolidou em 2010, por meio de um amplo processo de consulta e capacitação dos dirigentes e suas equipes, seu referencial estratégico, redefinido sua missão e apontando para novas formas de atuação e propósitos bem como para seus objetivos e metas num horizonte temporal.

São estimados em torno de 40 mil edifícios tombados, 83 conjuntos urbanos tombados e outros 27 em processo de tombamento, perfazendo aproximadamente 110 cidades históricas e 20.085 sítios arqueológicos cadastrados. Somam-se a estes mais de um milhão de objetos, incluindo acervo histórico; cerca de 830 mil volumes bibliográficos e extensa documentação arquivística, além de registros fotográficos e cinematográficos em vídeo, sob guarda das diversas unidades do IPHAN.

Para além do reconhecimento nacional, o IPHAN, como país signatário da Convenção sobre a proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, é responsável pela guarda dos bens que apresentam interesse excepcional para a humanidade, inscritos na Lista de Patrimônio da Humanidade, sob responsabilidade da UNESCO. Cabe ressaltar que, em 2011, não ocorreu nenhuma inscrição do Patrimônio Cultural Brasileiro na referida lista da UNESCO que é da responsabilidade do Governo Brasileiro, por meio do IPHAN e do Ibama, a preservação dos 18 bens culturais e naturais inscritos na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco. São eles: Cidade Histórica de Ouro Preto/MG (1980); Centro Histórico de Olinda/PE (1982); Ruínas jesuítico-guarani, de São Miguel das Missões/RS (1983); Centro Histórico de Salvador/BA (1985); Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo/MG (1985); Parque Nacional de Iguaçu, em Foz do Iguaçu/PR (1986); Plano Piloto de Brasília/DF (1987); Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato/PI (1991); Centro Histórico de São Luís do Maranhão/MA (1997); Centro Histórico da Cidade de Diamantina/MG (1999); Mata Atlântica - Reservas do Sudeste SP/PR (1999); Costa do Descobrimento - Reservas da Mata Atlântica BA/ES (1999); Parque Nacional do Jaú/AM (2000); Complexo de Áreas Protegidas do Pantanal - MS/MT (2000); Centro Histórico da Cidade de Goiás/GO (2001); Áreas protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas/GO (2001); Ilhas Atlânticas Brasileiras: Reservas de Fernando de Noronha/PE e Atol das Rocas/RN (2001) e Praça São Francisco em São Cristóvão (2010).

Utilizaremos duas cidades que vivenciam os desafios de conviverem com as festas e a preservação do patrimônio. Destacando os impactos causados na conservação das áreas tombadas e a quantidade de turistas que procuram as cidades no período das grandes festas. Primeiro iremos relatar a experiência de

Ouro Preto no Estado de Minas Gerais e, em seguida, o caso de Olinda em Pernambuco. Estas duas cidades recebem turistas o ano inteiro, no entanto no período do carnaval o número de turistas aumenta de forma considerável.

O motivo de tais escolhas é devido estas duas cidades serem referências no Brasil no que diz respeito a turismo, patrimônio e festas e também mostrar semelhanças das duas cidades com a cidade de Areia na Paraíba, nosso objeto de estudo. Temos o objetivo de fazer um paralelo e identificar que a cidade de Areia tem problemas que são próximos aos de todas as cidades que são tombadas e que realizam eventos voltados para um grande público.

No ano de 1974, a Fundação João Pinheiro publicou o denominado “Plano de Conservação: Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto”, elaborado em decorrência do convênio celebrado em 21 de maio de 1973, entre o Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a Fundação, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG e o Município de Ouro Preto em virtude do Contrato de Prestação de Serviço Técnico firmado entre estas mesmas instituições e a FJP. O trabalho contou com a cobertura financeira da FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, e do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais – BDMG, tendo sido executado entre os meses de dezembro de 1973 e janeiro de 1975, pelo Centro de Desenvolvimento Urbano da FJP. Tendo como fonte precisa o Plano realizado pela FJP, podem-se destacar alguns fatores que comprovam a destinação turística do Município de Ouro Preto. As primeiras preocupações com o planejamento urbano da cidade de Ouro Preto só se revelaram no século XX, quando algumas resoluções tentam arruamentos regulares e fazem certas disposições sobre a construção de residências. Iniciou-se a fixação da chamada “memória nacional”, através da conservação de monumentos, obras de arte e documentos.

Com a elevação de Ouro Preto à categoria de Monumento Nacional, em 1933, cresce o empenho no trato de suas coisas. Assim, no Rio de Janeiro, o Museu Histórico Nacional cria a Inspetoria de Monumentos Nacionais, em 1934, com vistas, sobretudo, a Ouro Preto e Mariana. Em 1935, a Inspetoria apresenta ao Ministro de Cultura um Plano de Restauração de Ouro Preto. Passo além seria dado com a ampliação das tarefas, quando o Governo Federal criou, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A UNESCO despertou sua atenção para a cidade de Ouro Preto, incumbindo, em 1968, o arquiteto português Alfredo Viana de Lima de uma missão ao Brasil, com o objetivo de elaborar um relatório. Ainda que a preservação e a valorização do Patrimônio Histórico e Artístico tenham merecido relevo notório no escopo do Plano de FJP, estes aspectos foram considerados em constante confronto com as necessidades de desenvolvimento econômico e social dos dois Municípios, sendo fruto dessa abordagem os diversos documentos que tratam detalhadamente 19 os assuntos referentes à infraestrutura urbana, aos aspectos sociais, econômicos e institucional-administrativos. De outro lado, os Governos municipais, os mais diretamente envolvidos e beneficiados com a expansão da economia local, dispõem de poucos instrumentos de política econômica. As características de cidades-monumentos como Ouro Preto requerem que a vitalização das atividades produtivas e o crescimento dos serviços não sejam feitos em prejuízo do ambiente urbano, o qual, entre outros significados, apresenta uma constatação econômica, como fator de atração de fluxos turísticos.

Tendo em vista esta constelação de fatores, a Fundação João Pinheiro optou, no caso do setor econômico, pelo planejamento indicativo, visando fornecer orientações e diretrizes para a ação das Prefeituras e subsídios para a política estadual e federal de desenvolvimento, notadamente no que se refere ao Turismo. Os equipamentos voltados essencialmente para o setor turístico foram analisados em separado pela FJP, dado o papel fundamental que a função turística desempenha. Tais equipamentos foram reunidos em três grupos principais: a) fabricação e comercialização de objetos de artesanato; b) serviços de hotelaria e alimentação (hotéis, pensões, restaurantes e lanchonetes); c) equipamentos institucionais, tais como Secretaria de Turismo, museus, igrejas, teatros, etc. Verificando-se o aspecto qualitativo dos equipamentos, observou-se, de modo geral, uma boa qualidade de atendimento e instalações, o que parece evidenciar a consciência do valor da função turística para a economia local.

Em Ouro Preto, a estrutura de suporte ao turismo já se encontra em fase de desenvolvimento. Observa-se uma forte concentração de equipamentos em torno da Praça Tiradentes, embora exista uma ramificação em direção ao Rosário, pela Rua São José, ao Pilar e em direção a Antônio Dias. No que se refere ao setor de artesanatos, já se encontram alguns equipamentos ao longo da rodovia MG-56. No

setor institucional de apoio, poucos equipamentos de suporte ao turismo foram registrados. Evidenciou-se, todavia, a partir do diagnóstico, a vocação turística de Ouro Preto, como centro turístico, de valor cultural e, paralelamente, como centro educacional de nível superior. Em ambos os casos, esta vocação transcende mesmo o nível do Sistema Interurbano, 20 ganhando proporções regionais e estaduais no campo educacional, e nacionais e internacionais no campo turístico-cultural.

Pode-se considerar a função turística como principal em Ouro Preto. Dentro deste enfoque, todo o perímetro urbano deste núcleo deverá ser objeto, em maior ou menor intensidade, de tratamentos e estímulos, visando maior desempenho desta função. A atividade turística hoje, ainda, restrita, em parte, às áreas centrais, vem, aos poucos, ganhando a região periférica imediata, que tem uma estrutura consolidada de valor histórico cultural. Entretanto, podemos prever que seu desenvolvimento venha a exigir a incorporação daquelas áreas de periferia que, se não congregam condições para assumir o papel de foco de interesse histórico e artístico, devem abrigar equipamentos de suporte à função turismo, tais como equipamentos comerciais e de serviços complementares, espaços de recreação ativa ou passiva, etc. Assim, a atividade turística e recreativa deverá ter caráter principal em Ouro Preto, atuando como elemento de dinamização do desenvolvimento local, seja pela conservação e incorporação de áreas hoje marginais ao conjunto, com a função de suporte às atividades principais.

Outro exemplo de referência para o nosso estudo é a cidade de Olinda em Pernambuco. Pois é outra cidade tombada pelo Patrimônio Nacional e que realiza o carnaval. A cidade de Olinda realiza um dos carnavais mais famosos do Brasil, que vem atraindo, nos últimos anos, mais de um milhão de visitantes, vindos de vários municípios de Pernambuco, de outras cidades do Brasil e, até mesmo, do exterior. Os foliões, tradicionalmente, concentram suas brincadeiras nas ruas e ladeiras do sítio histórico em frente ao casario. Até a década de 1980, eram os moradores do sítio histórico que cuidavam dos preparativos e da realização dos festejos carnavalescos; a partir do final dos anos 80, a municipalidade assumiu a organização do evento. Atualmente, o Carnaval de Olinda é um empreendimento econômico e cultural cujo sucesso depende da afluência do grande público. O turismo costuma ser um fator de desenvolvimento econômico e social das cidades

históricas, constituindo importante fonte de recursos para a conservação do patrimônio, além de gerar emprego e renda para a população local. No entanto, o turismo massivo e desordenado pode ameaçar a preservação dos bens e valores patrimoniais.

O Plano Diretor de Olinda apontou o atual Carnaval como um dos problemas de conservação do sítio histórico, pois a trepidação provocada pelos festejos representa perigo de dano para os monumentos e o casario do sítio histórico. Além disso, a afluência massiva de visitantes, durante o Carnaval, ocasiona inúmeros transtornos ao bem-estar dos moradores, cuja qualidade de vida é afetada pelo aumento da violência, pela sujeira e mau cheiro das ruas, pelo ruído excessivo, pela dificuldade de locomoção causada pela presença desordenada de vendedores ambulantes e pela depredação das residências.

Sendo assim, a municipalidade da cidade de Olinda, na qualidade de principal responsável pela conservação do patrimônio, precisa encontrar uma forma de preservar as seculares edificações do sítio histórico, garantindo, ao mesmo tempo, a continuidade do Carnaval de Olinda, com as características que lhe conferirem singularidade no cenário nacional, e resguardando o bem-estar e a qualidade de vida dos moradores, tudo isto sem abrir mão dos efeitos positivos do turismo. Como proceder para conciliar os conflitos decorrentes de valores em oposição, em patrimônios interdependentes, é um importante desafio que se apresenta à gestão municipal da conservação patrimonial. E o Patrimônio Material sofre bastante com o enorme número de pessoas neste período específico e a cidade precisa do carnaval para movimentar sua economia.

Partindo-se da ideia de posse implícita na noção de patrimônio, é possível dizer que o carnaval de Olinda, nos moldes de organização em que era realizado na década de 1970 a 1980, contribuía para o fortalecimento do sentimento de identificação da população local com os festejos e com o sítio histórico. Contudo, o mesmo não se pode afirmar sobre o atual carnaval de massa. A ênfase que passou a ser dada pelas autoridades municipais à dimensão econômica da festa vem resultando em detrimento da dimensão social, relacionada com o bem-estar dos moradores do sítio histórico, com sua qualidade de vida e com o sentimento de pertencimento que os une ao local.

As atuais festividades carnavalescas de Olinda costumam iniciar-se muito tempo antes dos três dias de Momo. Com a intensa afluência de visitantes e turistas, que cresce a cada ano, surgem ou acentuam-se problemas como drogas, violência, ruído excessivo, transtornos do tráfego, sujeira das ruas, mau cheiro, situações nocivas com os quais a comunidade é obrigada conviver. Por outro lado, há uma enorme procura por aluguel de casas para a temporada carnavalesca, mesmo que sejam cobrados preços exorbitantes.

Outro grande problema enfrentado pelo sítio tombado de Olinda é o número de hóspedes nas casas tombadas. Para que o preço pago se justifique, os locatários superlotam as residências. A presença desses moradores temporários, com seus hábitos e costumes estranhos aos moradores locais, converte-se, frequentemente, em fonte de conflitos, entre os residentes e os visitantes, contribuindo para aumentar a sensação de insegurança da comunidade, acrescida da preocupação de que as casas, algumas já apresentando rachaduras, venham a sofrer maiores danos, ou desabarem.

Tudo isso pode vir a enfraquecer o sentimento de pertencimento dos moradores com relação ao lugar e à festa, com os quais não mais se identificam. O turismo é um feito irreversível, como já constatava a “Carta de Turismo Cultural” do ICOMOS, datada de 1976: “O turismo é um feito social, humano, econômico e cultural irreversível. Sua influência no campo dos monumentos e sítios é particularmente importante e só pode aumentar, dados os conhecidos fatores de desenvolvimento de tal atividade...” O mesmo documento, externando preocupação com a sustentabilidade, advertia: “...com uma perspectiva de futuro, o respeito ao patrimônio mundial, cultural e natural, é o que deve prevalecer sobre qualquer outra consideração, por muita justificada que esta se paute desde o ponto de vista social, político ou econômico.”

Em 1999, foram estabelecidos pelo ICOMOS, na Carta Ethos (México), alguns princípios norteadores da relação entre o turismo e a conservação patrimonial. O documento reconhece que o turismo pode ser um importante fator de desenvolvimento de muitas economias nacionais e regionais, desempenhando um papel positivo na manutenção e conservação do patrimônio, desde que gerido com sucesso. Adverte, porém, que o uso massivo e desregrado dos sítios e monumentos pode levar à sua vandalização, degradação e destruição. Segundo CHOAY (2001), a

indústria patrimonial que representa, atualmente, uma crescente parte do orçamento das nações, apresenta efeitos perversos, pois as práticas patrimoniais são ameaçadas pelo próprio sucesso em atrair um fluxo transbordante de visitantes, fluxo que pode corroer solos, paredes e residências que não foram concebidas para serem utilizadas por tantas pessoas, levando à degradação de lugares e paisagens, provocada pela saturação física do sistema de funcionamento local.

A adoção de medidas que impliquem na reconstrução ou no reforço dos fundamentos das construções pode comprometer a autenticidade do Patrimônio Histórico. CHOAY acrescenta que, no cenário internacional da atualidade, países vêm revelando preocupação com os efeitos nocivos do turismo sobre o patrimônio, passando a adotar uma estratégia de conservação dos lugares históricos que inclui, além dos dispositivos de controle do fluxo de visitantes, medidas pedagógicas e políticas urbanas. Dentre os dispositivos de controle mais utilizados, estão a redução do número de entradas por dia e dos dias e horas de visitas; o desvio da atenção do público para lugares menos conhecidos, ou de menor risco; o acesso pago; e até mesmo a solução radical de fechamento ao público.

As medidas pedagógicas voltam-se para uma tomada de consciência geral, seguidas de uma ação pertinente à Carta de Turismo Cultural do ICOMOS, 1976, recomendando que os Estados, por meio de suas estruturas administrativas, as organizações de operadores de turismo e as associações de consumidores e usuários adotem todas as medidas apropriadas para facilitar a informação e formação das pessoas que planejam viajar com fins turísticos, dentro e fora do seu país. Recomenda, ainda, que as crianças e os adolescentes, desde a idade escolar, sejam educados no conhecimento e no respeito aos monumentos e sítios históricos, ao patrimônio cultural, e que todos os meios de comunicação se engajem na campanha para a formação de uma consciência patrimonial universal. A criação de políticas urbanas adequadas exige, ainda de acordo com CHOAY (2001), uma profunda reflexão dos governos sobre o processo de conservação dos bens patrimoniais materiais e imateriais, sobre os perigos do uso cultural e turístico do patrimônio, e a busca de pactos entre os atores do processo para a realização de todos os tipos de ações.

A afluência excessiva de visitantes pode ter, ainda, reflexos negativos sobre as identidades locais, provocando a perda do sentimento de posse/pertença da

comunidade em relação aos bens e valores patrimoniais, em decorrência dos transtornos ocasionados à qualidade de vida e ao bem-estar dos moradores da comunidade. CHOAY (2001) menciona Ballart (1997, p.17), para quem a noção de patrimônio surge “quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como seus um objecto ou um conjunto de objectos”. Assim, a ideia de posse (possuir/ser possuído – ou pertencer a) está implícita na noção de patrimônio. É o patrimônio cultural de um povo que “lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar”.

4.4 A população, os artistas e os movimentos culturais da cidade de Areia - PB

Vamos aqui fazer uma relação entre os artistas envolvidos no nosso objeto de estudo, os quais entrevistamos e observamos durante os três anos da pesquisa. Analisamos e acompanhamos as festas na cidade de Areia, como também os artistas locais e encontramos muitos conflitos entre os artistas e as lideranças da cidade. Os discursos não batem, pois prevalece o poder hegemônico pertinente aos líderes políticos que têm autonomia sobre a cultura dos artistas locais que não possuem voz ativa diante do silêncio do poder supremo na sociedade. De acordo com Medeiros (2016), a elite política conseguiu atrair para si a autonomia e o poder máximo para comandar os remanescentes sociais:

> É oportuno afirmar que a elite política convergiu para si o poder supremo, que lhe garantiu autonomia para gerir os grupos sociais inferiores. Sob essa ótica, é pertinente corroborar que a luta pelo poder, em qualquer sociedade, democrática, autoritária ou totalitária, vai sempre haver. Pois, por essa lógica, parece ser essencial a existência de uma minoria, a elite política, que governe o resto da sociedade e mantenha a ordem social, para que haja equilíbrio entre as partes (MEDEIROS, 2016, P.111-112).

Buscamos fazer uma relação entre o real e toda uma discussão a respeito de cultura feita pelos antropólogos. Observamos que até pouco tempo, existia um

enorme consenso sobre o assunto cultura. Atualmente, uma lista enorme de hipóteses poderia ser elaborada. No entanto, como comenta (KUPER, 2002), a maioria dos antropólogos desejaria conferir tais hipóteses para depois sugerirem muitas observações pessoais a respeito da cultura.

Primeiro, é importante destacar que a cultura não é uma questão de raça. Ela é aprendida e não passada por códigos genéticos. Em segundo, é necessário observar que a cultura humana evoluiu, onde o progresso foi irregular e sujeito a vários fatores externos. O progresso técnico e a necessidade de crescimento econômico podem ser determinantes na expansão e no crescimento da população humana, como também no desenvolvimento de sistemas sociais cada vez mais complexos e com escalas diferenciadas. Por fim, e em terceiro lugar, existe um consenso sobre o significado do termo cultura. A maioria dos antropólogos americanos vem escrevendo sobre a cultura americana e até global. Porém, esquecem a cultura local como a determinante. Cultura aqui é vista como uma questão de valores e ideias, uma atitude coletiva. Os americanos veem as ideias, os valores, a estética e os princípios morais como sendo expressos por símbolos. Portanto, para eles, a cultura poderia ser descrita como um sistema simbólico (KUPER, 2002).

Observamos, neste discurso, que o protagonista na luta multicultural não é o trabalhador ou o cidadão, mas o ator cultural. As políticas são ditadas pela identidade cultural e tratam de controlar e determinar a cultura. Compreendemos que a ideia de identidade é primordial para entendermos o discurso americano, apesar de ser simples, não é fácil de ser identificada. O termo identidade é um paradoxo quando usado em relação a um indivíduo. Mais a identidade não é apenas um assunto individual. Precisa ser vista e vivida no mundo, num diálogo com o mundo, com o outro. Segundo os construcionistas, é nesse diálogo que a identidade é descoberta dentro da própria pessoa e implica identidade com os outros.

A individualidade passa a existir e estabelece seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma vida coletiva (por exemplo, os artistas de Areia que não conseguem seu espaço como artista na sociedade). Por fim, a ideia é que a identidade é concretizada por meio da participação na cultura. Os conceitos, utilizados por Zygmunt Bauman sobre identidade e cultura, afirmam que a cultura e a identidade nasceram juntas e não poderiam ser de outra forma (KUPER, 2002). A identidade

cultural anda de mãos dadas com a política cultural, vendo assim, uma pessoa só poderá ser livre com seus valores culturais, onde os seus valores são respeitados.

Os movimentos culturais sempre foram muito fortes e determinantes na cidade de Areia e algumas tradições europeias eram dominantes na cidade desde sua época de fundação. Os grandes senhores de engenhos tinham o interesse de realizar shows e peças teatrais na cidade. Para isso, construíram o Teatro Minerva, sendo o mais antigo da Paraíba. Como também a vinda das Freiras Franciscanas alemãs para a cidade, as quais criaram o Colégio de Santa Rita e este segue uma educação tradicional, com inserção de aulas de piano, violão e outros instrumentos musicais de linhas mais eruditas. Prevalecendo assim as tradições alemãs na cidade.

Os outros segmentos artísticos culturais de Areia eram geralmente desenvolvidos pelos grupos de poderes aquisitivos menores que não podiam estudar no Colégio Santa Rita. Uma vez que este é privado e o valor das mensalidades é alto. O que favorecia a vinda de pessoas ricas de várias cidades, estas traziam seus filhos para terem uma educação rígida e tradicional, entretanto, não existe relação de aproximação desses alunos com a cultura local. Ainda hoje no início do século XXI, tudo ocorre do mesmo jeito. O colégio até abre as portas para algumas apresentações de artistas de fora, durante o festival de arte. No entanto, é necessário que as freiras conheçam o texto e converse com os artistas envolvidos no projeto.

Os alunos que moram na cidade contribuem para a valorização do Festival da Cachaça. Eles participam, envolvem-se, fazem blocos, participam das gincanas culturais que referentes à cachaça. Porém, não interagem com a população local, com a classe menos favorecida. Numa conversa com um aluno de mestrado em agronomia, Marcos afirma que a cidade fica movimentada durante o evento. Que ele recebe vários amigos do Ceará. A sua casa fica lotada, chega a hospedar em média 30 pessoas.

> Parece um carnaval, parece que estamos em Olinda, tudo é do mesmo jeito, não tem hora para começar e para acabar, quando a festa termina na segunda, meus amigos vão embora e a cidade fica deserta, uma bagunça, leva semanas para a nossa rotina voltar ao normal e a cidade fica destruída (risos) (Marcos, informação verbal, 2014) .

Dessa forma, os outros segmentos, como o teatro popular, a música, ficaram um tanto esquecidos na cidade. Mesmo tendo um teatro, a cidade não tem nenhum grupo de teatro, nenhum grupo de dança nem de outro segmento artístico cultural. A cultura negra foi esquecida, abandonada. Eram segmentos não bem-vistos pela classe rica da cidade.

Areia se tornou uma cidade morna, sem atrativos que motivassem os jovens a criarem e movimentarem as suas noites frias. Tudo era voltado para o externo, para a cultura vinda poucas vezes por ano, geralmente, o Festival de Inverno de Campina Grande fazia uma extensão na cidade, trazia grupos de teatro e dança. Mas com o tempo, estes deixaram de ir, pois não recebiam apoio da população e dos administradores da cidade, porque não estavam inseridos nos desejos das pessoas dominantes da cidade. O teatro sempre foi muito distante da população pobre, pois estes tinham medo ou receio de entrar no prédio e principalmente de assistir aos grupos que iam para a cidade se apresentar. Então, os grupos de teatro de João Pessoa, a capital do Estado, e os de Campina grande deixaram de se apresentar. Os motivos foram: falta de apoio, de patrocínio e principalmente de público.

Um grupo de teatro de Campina Grande relatou uma experiência não muito agradável, pois os mesmos conseguiram com a Prefeitura da cidade um transporte para ir deixar os artistas após a apresentação. No entanto, este transporte não foi cumprir com o combinado e os artistas ficaram a noite toda dormindo fora do teatro que fechou as portas naquela noite. O único funcionário do teatro dizia que era loucura virem se apresentar naquela cidade. É importante lembrar que não teve público para assistir à peça.

Fatos como este relatado e muitos outros ocorreram na cidade e fizeram com que Areia deixasse de fazer parte do roteiro de apresentações dos grupos de artistas que faziam temporadas pela Paraíba. Na contramão de tudo isso, o poder público alia-se com algumas forças privadas locais e juntas resolvem criar os eventos que estamos estudando. Observamos que o artista local não faz parte dos dois eventos. Certo dono de ponto comercial joga a culpa nos próprios artistas locais e diz que não são organizados, que não têm talentos e não querem nada. O jeito é irem procurar as bandas fora da cidade.

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das

melhores conjeturas e não a descoberta do “Continente dos Significados” e o mapeamento da sua paisagem incorpórea. Geertz tem uma contribuição enorme para as ciências sociais e, em especial, para a etnografia, método este muito utilizado nesta nossa pesquisa, pois a cultura é uma rede de símbolos.

> Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. O *kula* desapareceu ou foi alterado, mas, de qualquer forma, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* continuam a existir. Há ainda, em aditamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica. Isso não significa que não haja interpretações antropológicas, em grande escala, de sociedades inteiras, civilizações, acontecimentos mundiais e assim por diante. Aliás, é justamente essa extensão de nossas análises a contextos mais amplos que, juntamente com suas implicações teóricas, as recomenda à atenção geral e justifica nosso empenho em construí-las. Ninguém se preocupa mais, nem mesmo Cohen (bem... pode ser que ele), com os carneiros como tal. A história pode ter seus pontos críticos discretos, "muito barulho por nada", e certamente essa pequena comédia não foi um deles. É para – dizer, simplesmente, que o antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos. Ele confronta as mesmas grandes realidades que os outros – historiadores, economistas, cientistas políticos, sociólogos – enfrentam em conjunturas mais decisivas: Poder, Mudança, Fé, Opressão, Trabalho, Paixão, Autoridade, Beleza, Violência, Amor, Prestígio. Mas ele as confronta em contextos muito obscuros – lugares como Marmusha e vidas como as de Cohen – para retirar deles as maiúsculas. Essas constâncias demasiado humanas, "essas palavras altissonantes que assustam a todos", assumem uma forma doméstica em tais contextos caseiros. Mas essa é justamente a vantagem; já existem suficientes profundidades no mundo (GEERTZ, 2008, p.15).

4.5 A Bregareia (Festival da Cachaça) e o Festival de Artes: grandes eventos numa cidade pequena

No auge da festa do brega, tivemos a oportunidade de entrevistar Lizandra, moradora de Areia, estudante de geografia na Universidade Estadual da Paraíba em campina Grande e por coincidência mora quase em frente ao teatro Minerva. No

entanto, afirma que só vai ao teatro em campina Grande. Ela muito feliz com o evento, leva-nos até sua casa para relatar suas impressões da festa como um todo. Achamos muito pertinente relatar na integra, pois é um material bastante rico para nossa pesquisa. Entrevista realizada durante o evento do Festival da Cachaça, 21 de setembro de 2014, às 21horas.

> E pra falar em torno da economia da cidade, ele gira em torno da cachaça e da cana-de-açúcar e é muito bom pra cidade, porque gera emprego, aumento de renda, o turismo também é muito grande, vem gente não só desse estado, mas do Brasil inteiro, do mundo inteiro, o brega areia é oficialmente realizado no mês de setembro, mas por conta do ano político foi transferido para esta época, o que mesmo assim continua ótimo, é impactante e muito movimentado. Assim pra nós moradores do Brejo paraibano, o que mais traz turista é o Brega Areia, porque movimenta a cultura da cana-de-açúcar, que pra nós é o principal, que é o Festival Brasileiro da Cachaça, da rapadura e do açúcar mascavo, que está acontecendo desde segunda-feira, o final de semana que é o brega areia. A nova administração tem uma grande preocupação com o patrimônio histórico, e nas outras, antigamente as festas eram realizadas no centro da cidade, mas agora é feito no calçadão já para existir essa proteção, o que a gente morador vê, é que os turistas de fora é que vêm danificar o nosso patrimônio , o povo da cidade mesmo graças a Deus quando vê fala, reclama, mas contra isso só os de fora. Essa festa pra gente os jovens é muito bom, porque vivemos em uma cidade pacata, onde só há dois eventos no ano, então pra juventude é ótimo esta festa está voltando, e acontecendo, e a parte religiosa também, agora há pouco, tivemos a festa de Nossa Senhora da Conceição foi perto do Brega Areia esse ano. Os artistas da cidade são poucos, mas eles fazem parte do cultural também, do evento, temos no domingo um show de calouros, para descobrir novos talentos da região, e também várias bandas daqui irão tocar à tarde. Temos também o festival de arte, esse é mais diferente. Existe o público do festival é um público que é mais voltado para uma música mais requintada, é um público mais chique, o festival acontece no inverno, então até a vestimenta é diferente, muito arrumado. Já o público do Brega Areia é um povo jovem, ativo, liberal, que vem pra curtir mesmo, sem preocupação. Com relação ao desenvolvimento da cidade, os dois eventos trazem desenvolvimento, com certeza, aumenta a renda, dão emprego, não só para a cidade, mas também as cidades circunvizinhas, hoje mesmo tive a oportunidade de caminhar pela cidade e ver muita gente chegando de Esperança, João Pessoa, Campina, todos trazendo suas barracas, então não só geram renda para população de Areia, e sim de todo o estado, e até mesmo de Pernambuco, vi chegar gente de lá também. É desenvolvimento, é crescimento, então se eu estou vendo a minha cidade crescendo com este festival, sendo reconhecida, como hoje passou no programa de Fátima Bernardes, fazendo com que a cidade fique reconhecida pelo mundo inteiro, faz bem, ainda bem que voltou, pois passou dois anos sem ter. Com relação à cultura da cidade, esta com certeza traz

> desenvolvimento, porque o plantio de cana não vem só do econômico e sim uma cultura de plantio, hoje nos temos de 28 a 30 engenhos ativos, o que nos orgulha, então a cultura da cachaça, do açúcar mascavo e da rapadura traz muita renda para nossa cidade. Com relação aos artistas locais, eles aproveitam com certeza, eles são aproveitados nesses 3 dias de eventos (Estudante de Geografia, informação verbal, 2015).

Após essa entrevista, fomos à rua, e esta estava tomada por uma multidão de pessoas dançando e comemorando. Entramos na festa, tiramos muitas fotos, como conhecemos a festa de outras épocas, o nosso objeto de pesquisa se torna mais familiar. O trânsito estava uma loucura. Os estacionamentos lotados, conseguimos estacionar o carro pagando um valor de vinte reais no meio da rua. Um valor alto para a cidade. Mas ninguém se preocupa com valores, pois o objetivo é conseguir muito lucro durante os três dias. Tivemos a oportunidade de entrevistar vários comerciantes da área tombada, como também vendedores ambulantes de bebidas e comidas e todos têm o mesmo discurso: vender muito.

Existe na festa uma área voltada para a divulgação e promoção dos engenhos e suas produções. São *stands* muito bem organizados. Com uma superestrutura para atrair os turistas, empresários e o público em geral. No entanto, os valores dos produtos comercializados são maiores do que na maioria da festa. Dessa forma, já se faz uma seleção do público. Conversamos com várias pessoas dos *stands* e conseguimos marcar uma entrevista com uma diretora de marketing e administradora do evento. A moça chama-se Janaina que nos concedeu a entrevista no dia 22 de setembro de 2014, num domingo à tarde, no encerramento do evento.

> A estrutura da festa está compatível pra receber muita gente, previmos receber muita gente, e está excelente, alcançamos nossos objetivos. A festa só traz sucesso para a cidade, não danifica o patrimônio porque na verdade acaba separando o local da festa do patrimônio tombado, que só são as avenidas principais, a festa fica em outra localização, acho que acontece o inverso, a festa atrai turistas que acabam prestigiando nosso patrimônio. Nós temos também o festival de arte na cidade, esse evento é bem menor. São públicos diferentes, acontece no mês de julho. Existem muitas diferenças entre o festival de arte e o festival da cachaça, pois quem vem para o festival de artes é um público ligado diretamente à cultura, à música, aquela coisa regional da cidade, apesar da cachaça ser regional, mas atrai um público mais eclético, um público que gosta mais de festa da noite. No entanto, no que diz respeito a lucro, acredito que o Brega areia traz muito, muito

> mesmo, porque por ser a noite, e ter um público eclético, o consumo de bebidas e tudo é maior. Com relação aos artistas locais, infelizmente é um coisa que eles tem pecado muito, não valorizam tanto os artistas locais não. A prefeitura nem o estado apoiam, porque o próprio público não valoriza, é tanto que temos vários artistas de nossa região que estão fazendo sucesso em outros estados, como no sul e no sudeste (Diretora de marketing, informação verbal, 2014).

Percebemos que tanto esta empresária entrevistada, como muitos outros não demostram a devida dimensão do que é ser artista e quais os segmentos artísticos que fazem parte os artista de Areia. Como por exemplo, nunca pensam no ator de teatro como um artista que merece respeito. Para muitos, o ator só é ator se fizer novela, se for da televisão. E os jovens que tentam fazer teatro nessas cidades, no nosso caso, a cidade de Areia, tanto o poder público como o privado veem nesses jovens pessoas desocupadas que se envolvem com drogas e que não levam a nada essas coisas. Com o tempo, elas cansam e abandonam esses grupos.

Na outra vertente, surgem os dois eventos que estamos estudando, seguindo uma fase de grandes eventos nas cidades e que movimentam a economia local naquele período. Muito importante destacar tal fator, pois o crescimento econômico na cidade ocorre apenas neste curto período de tempo. O Festival da Cachaça tem duração de três dias, as pousadas ficam lotadas. O valor da diária é quase todo padronizado. Chegando a ser cobrado um valor de duzentos reais por uma dormida e de quatrocentos reais pelos três dias. Os donos de pousadas não têm muita estrutura física e têm pouco treinamento para atender os turistas. Quase nunca aceitam alugar a cama, como eles dizem, apenas por uma noite. Só querem fechar o pacote de todo o evento.

Tivemos a oportunidade de vivenciar tais situações, pois tentamos conseguir hospedagem no período do Festival da Cachaça e não conseguimos, aproveitamos para conversar com os donos das pousadas menores, estes não queriam falar muito devido à pressa, como não há muitos funcionários, geralmente o dono com sua família fazem todas as funções, como atender, limpar e cozinhar. O lucro é imediato, porque o que eles iram lucrar nestes três dias é maior que o do ano quase todo. Para realizarmos nossa pesquisa, foi necessário ficar indo e voltando para Campina Grande que está a cinquenta quilômetros de Areia. Muitas pessoas dormem em escolas e até mesmo na rua. O número de pessoas que frequentam a cidade nos

três dias ultrapassa os cem mil. Muitas pessoas das cidades vizinhas vão e voltam, criando um fluxo enorme no trânsito e o perigo nas estradas, já que o evento favorece o consumo da cachaça, e a estrada que liga a cidade as duas cidades vizinhas, Remígio e Alagoa Grande, é íngreme, com muitas curvas e declives enormes.

Os turistas e políticos que visitam a cidade nesse período e que são ricos ficam hospedados no Hotel Trinfo, um hotel de alto nível. Este recebe turistas durante o ano todo e as pessoas procuram conhecer o circuito do frio, a natureza local, os engenhos e o patrimônio material da cidade. Este tipo de turista não vem muito para a cidade no período dos eventos, pois prefere a tranquilidade da cidade. E não sabe e nem procura conhecer se existe algum segmento artístico local.

As pessoas que tentam continuar realizando atividades artísticas na cidade se dedicaram mais à música e relatam que foi a influência das aulas de violão no Colégio Santa Rita. Os outros segmentos artísticos da cidade não existem mais, mesmo tendo um teatro. Não existe um grupo de teatro, apenas as escolas locais utilizam o Teatro Minerva para realizar gincanas e apresentações no final do ano.

Um casal de artistas da cidade falou da dificuldade de desenvolver qualquer atividade nesta área, não quer dizer que a população não goste, mas o problema maior é a falta de apoio, e estes tentam se adaptar à situação atual. Na festa do Brega, eles colocam uma estrutura brega, com direito a carroça de burro e figurino, onde os turistas podem usar elementos cênicos para se caracterizarem e tirarem fotos. No entanto, nesta fase de todo mundo ter um celular com câmara, poucos querem pagar para tirar a foto. Então, eles inserem a comida local e bebidas para ajudar no lucro.

Mesmo tendo uma Secretaria de Cultura, ela não apoia os artistas locais. Esta secretaria está localizada num prédio tombado, o mais bonito e histórico da cidade. Já foi a casa de um grande senhor de engenho e fica de frente a praça principal. Neste prédio ainda existe toda a estrutura física da senzala. Sendo então este prédio o único da Paraíba a abrigar a estrutura de uma senzala urbana.

No entanto, a secretaria de cultura está voltada para os dois eventos que estamos relatando. Em especial, ao Bregareia que é o festival de arte de responsabilidade do Estado. Este, um mês antes, monta toda uma estrutura na cidade para organizar e promover o evento. Importante relatar que a Secretaria de

Cultura do Estado, praticamente, abandonou a cultura no restante do Estado. Pois todas as atenções são voltadas para as cidades de João Pessoa, por ser a capital do Estado e a cidade de Areia. Isto tem criado muito mal-estar entre os artistas da Paraíba.

O secretário de cultura recebe os visitantes e faz questão de mostrar todo o prédio e relata as festas, como também apresenta todo o material gráfico das festas anteriores e que foram promovidas pela gestão do Prefeito o qual ele faz parte. Quando perguntamos pelas festas anteriores, mesmo tendo conhecimento e acompanhado, o secretário relata que eram muito mal organizadas e sem muito destaque. Realmente, percebemos essa diferença, mas a estrutura de informação e de mídia atualmente é muito mais dinâmica. Perguntamos sobre a inserção dos artistas locais nas festas. Como funcionam os contratos e os convites aos artistas locais. O secretário é direto e afirma que quase não tem artista e os poucos que há, não têm talento e nenhum interesse em participar, pois teria que ter uma banda e toda uma estrutura. Ficando assim impossibilitados de participar.

O evento da Bregareia é totalmente musical, e o de arte oferece uma ou duas oficinas de arte para a população. Essas pessoas que gostam de arte, em especial teatro na cidade, não se sentem estimuladas nem motivadas para participarem das oficinas. O maior público desses cursos é de artistas de outras cidades e até de outros Estados. Estes ficam hospedados nas escolas e prédios públicos na cidade nesse período. Não existindo muita interação entre os artistas que visitam, participam e oferecem apresentações no festival e os artistas da cidade.

Tivemos a oportunidade de entrevistar uma comerciante Dona Francisca que trabalha como vendedora ambulante no período do Festival da cachaça:

> A festa é muito boa, sim, sim, com certeza dá muito lucro, tem muitas barracas, vêm muitos turistas. Nesta festa é mais divertido do que no festival de julho, porque essa festa é uma cultura de bebida, de cachaça, de rapadura, tá entendendo? Na Bregareia, os artistas participam mais e muitos artistas vêm, muitos cantores de brega, né? Só não tem muito os meninos daqui, eles nunca cantam, porque acho que não tem a banda. Mas mesmo assim é muito bom. A gente ganha uns trocados (Francisca, vendedora ambulante, informação verbal, 2015).

Dando sequência à entrevista, pretendíamos compreender se ela estava sabendo do tombamento dos prédios e perguntamos: a senhora sabe que o centro

da cidade é tombado pelo patrimônio, e esta multidão de gente não danifica os prédios?

> Com certeza eu sei, danificam não, eles brincam direitinho, existem algumas coisas banais, mas isso aí acontece né? Além meu filho, que a gente tem esse período para ganhar um bom dinheiro. Você viu que tá tudo lotado, tudo cheio de gente, de tudo quer canto. As casas, quem tem aluga também. E o melhor disso tudo é que a gente que trabalha com bebida, comida. Termina tendo um lucro bom. Mas com relação à cultura local ter benefício, eu não entendo isso não, eu não vejo os meninos se apresentarem. Uns até dançam. Mas eles estão se divertindo na festa (Vendedora ambulante, informação verbal, 2015).

A senhora não tinha clareza da participação dos artistas da cidade, nem tinha a compreensão que eles são artistas, é o típico ditado “Santo de casa não obra milagre”. Muito usado para diminuir os artistas locais nos interiores. Ela só via os benefícios do lucro momentâneo.

No outro dia do evento, tivemos a oportunidade de acompanhar o comércio aberto da cidade, entramos numa barbearia, onde estavam várias pessoas conversando e o assunto principal era a festa da noite passada. Fiquei um bom tempo observando, até que o dono do estabelecimento perguntou se eu gostaria de cortar o cabelo. Falei que sim. E a partir desse momento, entro na conversa totalmente informal, mas de grande significado para a pesquisa. Seu Carlos, um homem animado, foi logo falando sobre a festa:

> Eu acho que essa festa não é boa. Vira uma bagunça, por conta que não tem locais adequados, por conta do trânsito, fica tudo engarrafado. O povo para os carros em todo canto, povo bêbado, briga, confusão. A gente que tem família aqui fica doido com os filhos querendo ir pras essas festas, mais num dá certo não. A cidade vira uma mundiça, muita sujeira. O pessoal da limpeza tem que se virar nos trinta para dá conta de limpar tudo. Garrafa quebrada, gente presa. Isso só é bom para os políticos. Chegam aqui, sobem nos palanques, pedem votos, traz uns cantores pra enganar os bestas e depois somem e a cidade leva dias para se organizar de novo (Carlos, informação verbal, 2015).

Percebemos muita insatisfação nas palavras do senhor. Nesse momento, o dono da barbearia, seu Geraldo, entra na conversa e começa falando que não concorda com o motorista, que a festa tem suas vantagens, principalmente para o comércio.

> Veja bem... eu não vejo essa desgraceira toda que o amigo tá falando. Pois graças a essa festa minha barbearia tá cheia de freguês. Claro que tem os baderneiros, mas como em qualquer canto. Tem gente do bem e gente do mal. Mas a gente escolhe onde ficar. A cidade de Areia tá parada, o comércio tá fraco demais, lembro de outros tempos onde tudo aqui dava certo. Meu pai tinha um comércio e sustentou a família toda. Hoje em dia se não for essas festas na cidade a coisa tava pior ainda. Num sei se o senhor sabe, mas aqui também tem uma festa em julho. O povo é menos, mas tem mais dinheiro. Então movimenta a cidade também (Barbeiro, informação verbal, 2015).

Afirmamos que conhecíamos o Festival de Artes e então perguntamos sobre os prédios tombados. O motorista concordou com o discurso do barbeiro, pagou o corte de cabelo e foi embora. Continuamos a conversa, para o Senhor que tem um comércio na área tombada pelo Patrimônio Histórico, esses prédios sofrem danificações pela multidão que vem para festa?

> Não, não, aqui é uma festa que não existe vandalismo, nem ninguém mexe lá não. O povo brinca e se diverte , mas não tem quebradeira e além do mais nos últimos anos a festa ficou longe. Até ficou ruim pra nós do lado de cá (risos), pois quando a festa era aqui em frente, o movimento era bem maior. A cidade fica animada, o povo se diverte. Quando acaba tudo fica triste. Eu acho muito bom tudo isso. Só hoje já cortei um bocado de cabelos e fiz barba também. Imagina os meninos aí vizinho que vendem comida e bebida, eita danado, eles ganham um dinheiro com força. E tem também o povo que vai ficar hospedado, pagam caro. Pra se divertir o povo gasta mesmo. Num tem dinheiro para outras coisas, mas para uma festa dessa, oxe, vem gente de tudo que é canto. Até os meninos daqui que mexem com música se dão bem. Pois tocam também (Motorista, informação verbal, 2015).

Essa conversa nos interessou muito, pois percebemos que os artistas locais também têm suas oportunidades na festa. Ninguém ainda tinha mencionado os artistas, para todas as entrevistas, as pessoas só falavam da festa em si. Do lucro e do movimento. Não falavam, por não terem conhecimento ou por não acharem

relevantes, inserir o artista local dentro de uma festa, onde os artistas que participam são de renome nacional.

Tudo é uma questão de influência política. Os artistas e grupos que são próximos da gestão conseguem se apresentar. Os artistas que se declaram oposição fazem movimentos contra as festas e reclamam que não têm oportunidades. Na realidade, não conseguem espaço algum para realizarem seus trabalhos. Infelizmente isso ocorre em todos os lugares. Saímos com a certeza de que precisávamos encontrar os artistas da cidade. Essa era a nossa meta naquele momento.

No início da festa, encontramos algo bem interessante, um casal de artistas. O rapaz, artista plástico, e a moça, professora e atriz. Eles estavam fantasiados com as roupas típicas da festa e com uma carruagem. Chamava muita atenção. Pois a carruagem era toda decorada com chifres de boi. E as pessoas que queriam tirar fotos, pagavam cinco reais para subir e ficar fazendo poses na carruagem. Havia vários adereços e elementos cênicos que lembravam um conto de fadas, porém um conto de fadas nordestino. Com chapéu de couro, casacos de couro e para as mulheres uns casacos e xales estavam realmente chamando a atenção das pessoas.

Esperamos o tumulto passar, ficamos observando a reação das pessoas em cima da carruagem. Havia reações de várias formas, pessoas demonstrando raiva, poder e alegria. Aproximamo-nos da moça e começamos a conversar com ela, explicamos o motivo da mossa observação e perguntamos se ela gostaria de ter uma conversa sobre a festa e se poderíamos gravar. Ela ficou satisfeita, pois achou que era reconhecimento.

> Sou Renata professora do ensino fundamental aqui em areia, tenho 37 anos, esse aqui é meu esposo ele que é artista plástico e decorador. Nós tivemos a ideia de montar este estúdio onde as pessoas pagam R$ 5,00 para tirar fotos, sendo coroadas com os chifres, fazendo uma homenagem a Reginaldo Rossi. Nós estamos bem empolgados, pois como você viu tem muita gente procurando, do jeito que vai, vamos faturar bem. Ontem conseguimos 150,00 reais e hoje acho que vai ser bem mais. A cidade está

> movimentadíssima e traz muito recurso financeiro, mais que o festival de artes, que também é movimentado só que menos que o Brega. O Festival de Arte é uma festa menor, para o povo de fora, a cidade não se veste e não compra a ideia. Vamos para os shows, mas não passa disso. Eu também sou atriz e no máximo que faço, é participar das oficinas. Aliás, moço; a cultura aqui está resumida apenas a essas duas festas. Tudo acabou. A gente tinha um grupo de teatro, agora muitos foram embora ou estão trabalhando em outras coisas, quem é da panelinha, conseguiu um emprego na Prefeitura, para ganhar uma miséria. Eu posso falar isso, pois sou efetiva, mas se não fosse, tinha que ficar calada. Nesta festa, o pessoal que canta e toca, ainda consegue fazer alguns pequenos shows à tarde, mas só isso. A festa tá sendo aqui neste local agora, então não prejudica o centro da cidade e o patrimônio tombado da cidade, pois todos têm o cuidado de preservar os prédios. Falando nisso, os prédios são o nosso orgulho e temos muito cuidado de preservar. Mas os donos das casas e dos comércios de vez em quando estão fazendo reformas por dentro. Eu tenho que ir agora ajudar meu marido, chegou mais gente. Vamos faturar (Renata, informação verbal).

Ficamos observando um bom tempo aquela animação, o pessoal bêbado fazia maior alegria em cima da carruagem. Realmente, as pessoas se revestiam para a foto e consequentemente para o evento. Queriam levar os adereços. Tinha um rapaz ao lado que estava vendendo chapéus e, vez por outra, vendia um para alguns rapazes que saíam todos satisfeitos, dançando e cantando as músicas bregas.

Lembra muito o discurso de Geertz (2008) em *A Interpretação das Culturas*, o qual diz que o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é seu único objetivo, pois tem a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano e a antropologia não é a única disciplina a persegui-los. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, o que Geertz chamou de símbolos, ignorando as utilizações provinciais, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos. Ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível. Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Aquele povo estava

vivendo um momento de valorização dos seus símbolos, mesmo sem perceber. Era uma verdadeira festa de caracterizar e enaltecer seus costumes e valores que ficam adormecidos.

Segundo Geertz (2008), os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura). Trata-se, portanto, de ficções, no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original — não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos de pensamento. Observamos as pessoas, conversávamos com elas, tanto na festa como também nos dias normais da cidade de Areia. Nesse momento, as pessoas não estavam travestidas ou interpretando personagens que a festa na sua euforia possibilita.

Num desses encontros, tivemos uma conversa bem franca com uma mulher de 47 anos com seus dois filhos que estavam brincando no coreto da praça, o mais novo com dez anos e o mais velho com doze. A mulher, Maria, trabalha com artesanato – pensamos que esta teria bons relatos para falar das festas, porém não foi o que aconteceu. Lembrando que esta conversa não foi realizada no período de nenhuma das duas festas estudadas.

> Olhem, eu trabalho com artesanato, faço de tudo, pinto, bordo, faço tricô. Mas nunca vi coisa pior para nossa cidade do que essas duas festas que o povo acha importante. Para mim, não traz lucro algum. Fico aqui no meu ponto e no vendo quase nada, ou até nada. O povo só vem beber e encher a cara de cachaça. Não vejo vantagem nenhuma. Os políticos fazem isso para conseguirem voto, e o pior que conseguem mesmo. Pois os desocupados votam para poder ter mais festa. Os postos de saúde e até mesmo o hospital fica uma loucura, não conseguem dar atendimento a todo mundo que se machuca e nós que somos daqui, eu nasci aqui, fui educada na escola Santa Rita, tive uma formação religiosa e agora vejo minha cidade, que tem uma tradição, um respeito das pessoas, antes chamavam aqui de a Europa paraibana. E agora virou essa bagunça. Pode botar aí, nesse seu trabalho: as pessoas viram loucas, fazem o que têm vontade e depois dizem que a culpa é da bebida ou da festa. Já imagino quando meus dois filhos crescerem e também quiserem ir para o meio da multidão. Mas acredito que antes disso essa festa tem se acabado. Pois a da cachaça é pior. Desculpa se estou sendo mal-educada, só estou sendo verdadeira. Essas festas não contribuem com a cultura de nenhum lugar, é apenas um carnaval fora de época. Quando acaba, fica uma loucura de sujeira e nós os moradores é quem pagamos o pato. Com o lixo no meio da rua, as

> contas atrasadas e os políticos tudo falando que foi lindo. Mentira (LOURDES, informação verbal, 2015).

Ficamos conversando mais um pouco com ela, sobre os filhos, sobre a educação dos filhos. Assuntos diversos para não demonstrar nosso impacto com a sua fala. Ela falava com muita verdade e muita revolta. Lembrava-se de uma Areia que para ela não existe mais, quando diz a Europa paraibana. E agora ela se vê numa cidade comum, como tantas outras. A fala de Lourdes tinha muito haver com a ideia de que as pessoas, as cidades se travestem para realizar um evento. Mas onde estão a verdadeira cidade e o verdadeiro povo?

Nosso papel foi ouvir e transcrever a sua fala. Geertz faz um comentário sobre o papel do etnógrafo – "o etnógrafo inscreve o discurso social: *ele o anota".* Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

É o significado do acontecimento de falar, não o acontecimento como acontecimento. Geertz continua sua fala afirmando que a situação é ainda mais delicada porque, como já foi observado, o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto que não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender.

Isso não é tão fatal como soa, pois, na verdade, nem todos os cretenses são mentirosos, e não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa. Todavia, isso torna a visão da análise antropológica como manipulação conceptual dos fatos descobertos, uma reconstrução lógica de uma simples realidade parece um tanto incompleta.

Transportamo-nos para os conceitos de desenvolvimento de Celso Furtado e de desenvolvimento de Amartya Sen e questionamos até que ponto esta mulher está consciente do que é desenvolvimento e do que é cultura. Para ela, os conceitos não existem. Existe uma insatisfação enorme que para nós foi de extrema importância ouvir e relatar. Em nenhum momento, ela comentou sobre patrimônio, sobre tombamento, sobre preservação. Falou apenas da sua insatisfação com a atual

realidade de uma cidade que se modifica para uma festa. Seria esse o grande sentido dessa pesquisa.

Tivemos a oportunidade de acompanhar uma companhia de teatro da cidade de Campina Grande – PB, que ia fazer uma única apresentação na cidade de Areia. Segundo o grupo, foi feita toda uma divulgação, conversas com a Secretaria de Cultura e com um destaque importante a relatar; o espetáculo era totalmente gratuito, pois fazia parte de um projeto do governo estadual. A apresentação foi marcada para o dia 15 de novembro de 2015. A peça iria ser a apresentada numa escola estadual, porque era teatro de arena e não cabia no palco do teatro Minerva. Para nossa surpresa, quando chegamos ao local da apresentação, não havia mais do que vinte pessoas para assistir à peça; nenhuma pessoa da cultura, da administração e ninguém que fosse envolvido com algum segmento artístico da cidade.

Procuramos saber o motivo e ninguém sabia explicar. Apenas falaram que não tem mais grupo de atores na cidade e que a Secretaria de Cultura não participa de nenhum evento que não seja o Festival da Cachaça e o Festival de Arte. É necessário lembrar que, neste ano de 2015, não aconteceu nenhum dos dois eventos. Então, a Secretaria de Cultura de uma cidade dita como “a cidade que valoriza e cuida da cultura”, realmente no ano de 2015, não realizou nenhuma ação.

Precisávamos encontrar algum artista que trabalhasse com algum segmento artístico na cidade, depois de várias visitas e a permissão das freiras do convento, foi-nos permitido acompanhar um ensaio de um grupo de dança do próprio colégio Santa Rita. Primeiramente, percebemos que os trabalhos artísticos eram mais desenvolvidos no colégio para serem exibidos nos eventos das escolas, como no Festival de Artes, se esse fosse realizado e apresentado no auditório do colégio. Este auditório é bem grande, acomoda muito bem mais de trezentas pessoas. E todas as festas e comemorações do colégio são realizadas neste espaço.

Um professor de uma disciplina específica completa sua carga horária com os ensaios de dança e uma professora com ensino de violão. No colégio, eles têm um grupo de dança. Este professor coordena um grupo de dança da cidade, um grupo independente que tem uma história de mais de trinta anos. No entanto, as pessoas que participam nunca ficam mais de dois anos, pois têm que fazer outras atividades e o grupo vai passando de mãos em mãos. Recebe ajuda da Secretaria de Cultura

para comprar os figurinos, porém sem nenhum incentivo financeiro para os participantes.

> As pessoas daqui da cidade de Areia não respeitam, nem valorizam os artistas, inclusive dos políticos, esses são os piores. Quando vai ter alguma coisa que interesse a eles, para impressionar algum político ou o pessoal da igreja, aí eles me chamam, perguntam como o grupo está e se está precisando de roupa e assim eu tenho que sair procurando os jovens que muitos já não estão mais dançando, pois casam, vão embora para estudar, trabalhar e assim eu fico sempre recomeçando. No colégio, as freias só aceitam fazer o que seja de interesse delas, não podemos sugerir nenhuma novidade. Fica tudo muito amador e infantil. Para finalizar: o artista daqui tem vergonha de dizer que é artista. Essas festas que tem aqui só tem o nome de Festival de Artes, para eles arte é vender a comida, bebida e músicas de artistas de outros lugares e o Festival da Cachaça é uma loucura. A cidade fica toda montada para receber as pessoas, mas nós de Areia não nos envolvemos artisticamente. A gente só tira proveito no comércio, quem tem pousadas e restaurantes. Fora isso, só se a gente botar alguma barraca e mesmo assim pagamos um aluguel caro para a prefeitura (Paulo, informação verbal, 2015).

Para buscarmos compreender o processo de desenvolvimento associado com o processo cultural, voltamos ao debate proposto por Celso Furtado (1978), mesmo já aceitando que na cidade de Areia o desenvolvimento não está atrelado à cultura. Mas é importante destacarmos que o crescimento da economia mundial coloca, em evidência, dois tipos de problemas, isso na metade do século passado. O primeiro condizia ao comportamento do conjunto da economia mundial, levado pelas nações que eram centro na época e que, na atualidade, ainda continuam sendo as mesmas nações que determinam o poder econômico. A consequência seria a desestabilização das economias nacionais e a concentração da renda e da riqueza. O segundo problema está relacionado com as consequências que ocorrem dentro das economias nacionais, do enorme grau de complicação entre as relações internacionais e a divisão internacional do trabalho. E também as relações locais, entre a economia, a cultura e as pessoas.

Furtado (1978) sugere dois planos independentes que podem servir de eixo para analisar a economia. Estes seriam os agentes individuais, porém não conseguem modificar ou sugerir mudanças no sistema, e os agregados nacionais, sustentados na ideia de que a intenção está associada aos comportamentos de

determinados agentes e suas orientações. Neste caso, esses agentes têm o poder de determinar e definir situações em vários níveis da escala do Estado. Mas o que leva as pessoas a abandonarem suas tradições, mesmo tendo tanta criatividade?

Percebe-se que as relações econômicas e de desenvolvimento internacional cresceram no sentido ainda mais complexo. Ocorrendo paralelamente, o poder do Estado se desloca para as grandes empresas, ou seja, para o capital internacional. As escalas regionais e locais vão perdendo força e importância, principalmente quando se trata de assuntos ou temas que não estão diretamente ligados ao fator econômico. A cultura local e a regional perdem força e importância. O mais agravante é que a população local de Areia não percebe a desvalorização da cultura local e se percebe não se incomoda com o abandono dos seus símbolos. O teatro Minerva deveria ser um símbolo cultural para a população e não o é mais. É apenas mais uma peça arquitetônica de um conjunto de prédios tombados, porque uns grupos de pessoas interessadas no turismo resolveram tombar o centro de Areia.

Outra implicação é que o discurso é um e a prática é outra. Segundo GEERTZ (2015), a coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural. Os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário, não os chamaríamos de sistemas, e através da observação vemos que normalmente eles têm muito mais do que isso. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Percebemos que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar. Como iremos acreditar na cultura, e mais ainda na possibilidade de que a cultura traria desenvolvimento para Areia, se não existe coerência entre a prática e o discurso sugerido?

A população e seus símbolos sofrem, neste sofrimento, elas se modificam e criam novas possibilidades. Maquiam-se, embriagam-se, vestem-se para esperar através dos eventos uma possibilidade de sentir a cultura pulsar novamente. Seus valores são modificados.

Precisávamos muita conversa com pessoas que estivessem fazendo alguma atividade de teatro na cidade para sabermos as impressões delas também, pois tínhamos ouvido de artesãs, artistas plásticos e professores. Porém, não estava

sendo fácil, devido às pessoas que tinham participado de algum grupo de teatro não queriam falar de suas experiências por terem apenas participado de pequenas peças montadas pelas Freiras Franciscanas. Percebemos que Areia, mesmo tendo um teatro, nunca tinha tido uma companhia de teatro, ou mesmo um grupo. No máximo, participaram de peças na escola.

Após apresentação do espetáculo de Campina Grande, voltamos à cidade e conseguimos conversar com uma professora que fez teatro na adolescência e esta relatou que era muito bom fazer teatro naquela época. Mas a população da cidade tinha preconceito, reclamava e não aceitava que as crianças ou jovens participassem de segmentos artísticos. Era perda de tempo, e os jovens não conseguiam apoio do pessoal da prefeitura, até para eles ensaiarem no teatro, era uma luta. Nunca achavam a chave, o funcionário sempre estava dormindo e quando vinha abrir, era reclamando, chamando de desocupados, que eles fossem fazer coisa de futuro.

Dessa forma, os atores iam abandonando a arte e partiam para outras atividades, no máximo aprendiam a tocar algum instrumento sob a influência da educação das Freiras Franciscanas, porém sem o objetivo de serem artistas. Apenas para serem mais educados e manterem uma boa postura, dicção e outras coisas que pudessem ser importantes.

Insistimos em destacar a importância dos artistas locais, relembrando de alguns artistas da cidade de renome nacional, como o pintor Pedro Américo. Mas a professora que pediu que não fosse identificada continuava segura no seu discurso. Falava que isso era antigamente, que o pintor citado tinha ido embora para poder fazer sucesso. E que muitas pessoas da cidade nem sabem quem ele é e mesmo nas escolas falam pouco nele. O povo de fora sabe mais do que a gente daqui. Sendo ela uma professora de história, perguntamos sobre o patrimônio histórico tombado. Ela segura afirmou que era bom, mas era melhor ainda para os donos de hotel e pousadas. Os moradores da cidade nunca lucraram com isso. Até mesmo os moradores e donos dos prédios sofriam para manter as casas e prédios intactos. Porém, não ganhavam nada com isso. Os comerciantes tinham lucro nas festas, porque vinha gente de todo lugar e precisava se alimentar e dormir. Mas fora isso, durante o ano todo, os turistas que vinham antes do tombamento, continuam os mesmos. “Não posso afirmar se aumentou ou diminuiu o número de pessoas

visitando a cidade”. Ela encerra a fala afirmando: “Só sei que a cidade está cada vez mais pobre”.

Agradecemos pelas palavras, a professora foi embora e ficamos sentados na praça admirando e olhando para os prédios. O comércio vazio, a Secretaria de Cultura sem movimento. A sensação era de vazio e de que a ideia primeira, no início dessa pesquisa, estava sendo reprovada. Acreditávamos que a cultura trazia desenvolvimento, que os grandes eventos eram bons para a cidade de Areia. Mas também pensávamos que a posição da professora podia ser uma opinião diferente da realidade. Mais já tínhamos muito material e tudo caminhava para admitirmos que a cultura e seus símbolos estivessem sendo perdidos em Areia. Surgiam novas perguntas: de quem era a culpa e existem culpados? Qual o futuro dessas pequenas cidades que perdem suas características próprias em detrimento de um desenvolvimento globalizado, que vendem uma imagem de progresso e crescimento econômico com os grandes eventos?

Traremos uma citação de Geertz sobre o papel do etnógrafo. Pois, o relato da professora nos fez pensar muito e refletir sobre o verdadeiro papel do pesquisador, principalmente quando estamos estudando sobre cultura, um tema tão complexo e difícil de compreender.

> O etnógrafo "inscreve" o discurso social: *ele o anota.* Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. O xeque já está morto há muito tempo, assassinado no processo de "pacificação" como o chamaram os franceses: o "Capitão Dumari", seu pacificador, mora no Sul da França, aposentado juntamente com suas lembranças; e Cohen foi no ano passado para "casa", para Israel, em parte como refugiado, em parte como peregrino e em parte como patriarca moribundo. Todavia, no meu sentido amplo, o que eles "disseram" uns aos outros, há sessenta anos, nos planaltos do Atlas — embora longe da perfeição — está conservado para estudo. Paul Ricoeur, de quem foi emprestada e um tanto distorcida toda a ideia da inscrição da ação, pergunta, "O que a escrita fixa?" Não o acontecimento de falar, mas o que foi "dito", onde compreendemos, pelo que foi "dito" no falar, essa exteriorização intencional constitutiva do objetivo do discurso graças ao qual o *sagen* – o dito – torna-se *Aus-sage* – a enunciação, o enunciado. Resumindo, o que escrevemos é o *noema* ("pensamento", conteúdo", "substância") do falar. É o significado do acontecimento de falar, não o acontecimento como acontecimento (GEERTZ, 2015, p.14).

Algum tempo depois do último contato com as pessoas da cidade, em janeiro de 2016, resolvemos voltar para buscar uma outra realidade. Um fato estava acontecendo na cidade: os dois eventos não iriam acontecer neste ano. Isso queria dizer que a cidade de Areia que muitos moradores reclamavam que a cidade tinha perdido suas tradições e valores devido aos eventos, esta cidade estava de volta. O motivo do cancelamento era o corte dos recursos, tanto do governo federal, como do estadual.

Chegamos a Areia e a cidade estava mais parada ainda. A Secretaria de Cultura fechada. Fomos ao hotel Trinfo, admiramos mais ainda a infraestrutura, mas há poucos hóspedes. Conversamos com o pessoal da recepção e eles estão esperançosos que no período das chuvas na região, de março a julho, a movimentação melhore. Voltamos para o centro da cidade e vimos que o museu Casa de Pedro Américo estava aberto. Fomos visitá-lo mais uma vez e recebidos na calçada por Dona Luíza, funcionária da prefeitura que presta serviços ao museu. Lembrando que é a única funcionária de um museu tão importante. Ela estava conversando com uma amiga, na outra calçada. Isso nos chamou a atenção pelo fato de haver obras tão valiosas, como o Cristo Crucificado original e vários desenhos e estudos originais de Pedro Américo, como também pertences do pintor. Chama a atenção uma garrafa que tem alguns documentos e textos escritos e que nunca foram abertos. A família resolveu não abrir e ninguém sabe o que o pintor escreveu lá. Tem roupas, a mala que ele viajava e pincéis. E, principalmente, o quadro original do Cristo morto. Perfeito o desenho, as cores, as sombras. Uma verdadeira obra de arte que poderia estar nos melhores museus do mundo. Que bom que está em Areia e ao acesso de todos. Esta tela não tem valor estipulado. É conhecida em todo o mundo. E ela está ali sem nenhuma segurança ou proteção. Qualquer pessoa pode pegar e sair. Tem uma porta nos fundos do museu já que esta era a casa dos pais dele que eram comerciantes, com uma escadaria enorme para os fundos que chega a um matagal, pois como a cidade na parte central é uma serra e a parte dos fundos das casas não tem residências, isso possibilitaria ainda mais para o sumiço de qualquer obra do museu. Então, voltamos para nossa entrevista com Dona Luíza:

> Meu filho seja bem-vindo. Aqui no museu as pessoas não têm vindo muito. Aí fico fazendo minhas coisas, para passar o tempo, a cidade está muito tranquila, na verdade muito parada. Este ano, graças a Deus não vai ter aquelas festas que deixam a cidade uma loucura. Gosto de Areia assim. Só tem um problema, isso eu tenho que admitir. Quando não tem os festivais a economia para mais ainda, os donos das pousadas e hotéis ficam loucos, pois é o período que eles mais recebem turistas. Eu mesma sem gostar fico com pena. A nossa cidade está passando por muitas dificuldades, por falta de emprego, recursos. Quem consegue trabalhar na Prefeitura, ou nos engenhos ainda se dar bem, mas os jovens tem que ir embora, os ricos vão estudar em João Pessoa ou Campina e os pobres ficam aí pelas calçadas. Mas o museu a Prefeitura conserva, só tem eu trabalhando aqui no momento. No período de festas, vem mais gente da secretária (Luíza, informação verbal, 2016).

Agradecemos a atenção dela e tanta gentileza e fomos embora, pensando no fato que mesmo sem ela gostar dos eventos, reconhecia que eles traziam recursos financeiros e movimentava a cidade. Então, a funcionária admitia que os grandes eventos traziam desenvolvimento e melhoravam a economia da cidade. No entanto, não contribuíam para a cultura local. A nossa ideia primeira de que a cultura trazia desenvolvimento e crescimento econômico para uma cidade estava sendo transformada. Não estávamos conseguindo mais identificar uma ligação entre cultura, desenvolvimento e crescimento econômico, pelo menos no nosso universo de estudo. A cultura se distanciava dos outros dois indicadores, desenvolvimento e crescimento econômico. Tornou-se mais importante para nós pesquisadores entendermos a relação entre as pessoas e a cultura e como essas pessoas se modificam e se preparam para receber uma festa na cidade. Porém, depois que as festas passam, voltam as rotinas. As máscaras são deixadas de lado, as fantasias reais e imaginárias são guardadas para aparecerem em outra ocasião. Acreditamos que essa é a questão chave da nossa pesquisa. Os símbolos culturais de cada lugar, região estão intimamente fazendo parte do cotidiano, da essência humana daquelas pessoas que vivenciam e fazem parte daquele universo a que pertencem. Elas podem até receber e aceitar novidades, mas o que permanece é a sua essência.

Geertz comenta sobre o fato de o ponto central da abordagem semiótica da cultura é auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceitual no qual vivem os nossos sujeitos, ajuda-nos a pensar que podemos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles. A tensão entre o obstáculo dessa necessidade de penetrar num

universo não familiar de ação simbólica e as exigências do avanço técnico na teoria da cultura, entre a necessidade de apreender e perceber que quanto mais longe vai o desenvolvimento teórico, mais profunda se torna a tensão. Essa é a primeira condição para a teoria cultural:

> Não é seu próprio dono. Como não se pode desligar das imediações que a descrição minuciosa apresenta sua liberdade de modelar-se em termos de uma lógica interna é muito limitada. Qualquer generalidade que consegue alcançar surge da delicadeza de suas distinções, não das suas abstrações (GEERTZ 2015, p.17-19)

Seguindo o mesmo pensamento, Geertz afirma que não se pode escrever uma "Teoria Geral de Interpretação Cultural" ou se pode, de fato, mas parece haver pouca vantagem nisso, pois aqui a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles. No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social.

O autor destaca o fato de que as ideias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo. Elas são adotadas de outros estudos relacionados e refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos. Se deixarem de ser úteis com referência a tais problemas, deixam de ser usadas e são mais ou menos abandonadas. Se continuarem a ser úteis, dando à luz novas compreensões, são posteriormente elaboradas e continuam a ser usadas.

No caso de Areia, outro agravante com relação à cultura e que termina complicando mais o fortalecimento dos símbolos culturais na cidade e que também ocorre em várias outras cidades do Brasil é o abandono dos equipamentos culturais, como os teatros. No caso de Areia, neste mesmo dia da visita ao museu, fomos ao Teatro Minerva. Chegando lá, a porta estava aberta e passamos em torno de uma hora visitando e revivendo momentos e lembranças daquele espaço. No entanto, não apareceu ninguém. Isso mesmo, o teatro estava aberto, mas não havia ninguém para pelo menos cuidar do espaço. Subimos no palco, fomos aos camarins. Utilizamos o banheiro e saímos sem sermos percebido. Isso é um fato muito agravante. O espaço existe, mas não há pessoas para utilizar. Onde estão os

artistas da cidade, os atores? Não há. Existem apenas apresentações no final de ano, promovidas pelas escolas.

Diante dos depoimentos e observações, o nossa trabalha se torna cada vez mais etnográfico. Pois, na etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, ou seja, sobre o papel da cultura na vida humana. É um argumento no sentido de que remodelar o padrão das relações sociais é reordenar as coordenadas do mundo experimentado. As formas da sociedade são a substância da cultura.

Geertz (2015) comenta a forma de compreendermos a análise cultural e afirma que a mesma é intrinsecamente incompleta e quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, a qual chega a qualquer lugar com um assunto enfocado intensificando a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não está encarando de maneira correta. Mas essa é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas. Há uma série de caminhos para fugir a isso — transformar a cultura em folclore e colecioná-lo, transformá-la em traços e contá-los, transformá-la em instituições e classificá-las, transformá-la em estruturas e brincar com elas.

Todavia, isso são fugas. O fato é que se comprometer com um conceito semiótico de cultura e uma abordagem interpretativa do seu estudo e comprometer-se com uma visão da afirmativa etnográfica como “essencialmente contestável”, tomando emprestada a hoje famosa expressão de W. B. Gallie, A antropologia, ou pelo menos a antropologia interpretativa, é uma ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate. O que leva a melhor é a precisão com que nos irritamos uns aos outros.

O estudo da cultura se tem desenvolvido, sem dúvida, como se essa máxima fosse seguida. A ascensão de uma concepção científica da cultura significava, ou pelo menos estava ligada a derrubada da visão da natureza humana dominante no iluminismo – uma visão que, o que quer que se possa falar contra ou a favor, era ao mesmo tempo clara e simples – e sua substituição por uma visão não apenas mais complicada, enormemente menos clara. A tentativa de esclarecê-la, de reconstruir um relato inteligente do que é o homem tem permeado todo o pensamento científico sobre a cultura desde então. Tendo procurado a complexidade e a encontrado numa

escala muito mais grandiosa do que jamais imaginaram, os antropólogos embaralharam-se num esforço tortuoso para ordená-la. E o final ainda não está à vista.

A enorme e ampla variedade de diferenças entre os homens, em crenças e valores, em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir sua natureza. Consiste em meros acréscimos, até mesmo distorções, sobrepondo e obscurecendo o que é verdadeiramente humano. É precisamente o levar em conta tal possibilidade que surgiram o conceito de cultura e o declínio da perspectiva uniforme do homem. O que quer que seja que a antropologia moderna afirme e ela parece ter mostrado praticamente tudo em uma ou outra ocasião, ela tem a firme convicção de que não existem de fato homens não modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e não o poderiam pela própria natureza do caso.

Vendo dessa forma, podemos observar que a população de Areia se traveste de posições e ações modernas que sejam aceitas e adaptáveis para receber os turistas e toda a preparação para os eventos. Pois os dois eventos são muito específicos. No período do Festival de Arte, a população tem outra postura. As pessoas são mais introspectivas, mais refinadas como algumas afirmaram. Elas se sentem mais próximo desse evento. No entanto, são conscientes de que no Festival da Cachaça, os lucros são maiores e é preciso aceitarem e se prepararem para receber as pessoas e toda a festividade. Pois são apenas três dias, logo tudo passa e a cidade e principalmente os costumes voltam ao normal para eles. Mas os lucros ficam.

Como a população tem muito orgulho dos prédios tombados, tem muito cuidado para os turistas não destruírem. Isso não quer dizer que os turistas destroem. Pelo contrário, muitos admiram, visitam e fotografam. Porém, no fervor das festas e do grande número de pessoas no meio das ruas, as pessoas terminam fazendo excessos. Choay (2009) comenta sobre o processo de vandalismo e de conservação, os quais derivam de uma conservação reacional, onde os processos de conservação partem de procedimentos mais ordenados, mais refinados, com muito mais argumentos que ajudam para enfrentar o vandalismo, muitas vezes, por ignorância ou falta de conhecimento.

Para isso, é importante diferenciarmos o que é vandalismo ideológico de outras formas de destruição do patrimônio histórico. Não podem ser confundidos nem com a destruição que deriva dos atos privados, pelos próprios moradores, nem tão pouco pelo Estado revolucionário, mais com fins puramente econômicos e não ideológicos. No caso de Areia, o patrimônio tem sofrido destruição por fins econômicos, como já ressaltamos diversas vezes. Porém, a população local, mais consciente tem o cuidado de fiscalizar e reclamar dos excessos.

Observando a relação entre as pessoas, o patrimônio histórico e sua verdadeira cultura, as pessoas de Areia ficam divididas entre a tradição e as possibilidades dos grandes eventos que podem trazer para eles, principalmente no que diz respeito aos lucros. Essas circunstâncias fazem com que seja extraordinariamente difícil traçar uma linha entre o que é natural, universal e constante no homem, e o que é convencional, local e variável. Com efeito, a cultura sugere que traçar tal linha é falsificar a situação humana, ou pelo menos interpretá-la mal, mesmo de forma séria.

Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão. Dessa forma, segundo Geertz (2015), a antropologia podia determinar as dimensões culturais de um conceito do homem coincidente com as dimensões fornecidas, de maneira semelhante, pela biologia, pela psicologia ou pela sociologia.

Em essência, essa não é certamente uma ideia nova. A noção de um *consensus gentium* (um consenso de toda a humanidade), a noção de que há algumas coisas sobre as quais todos os homens concordam que são corretas, reais, justas ou atrativas, e que de fato essas coisas são, portanto, corretas, reais, justas ou atrativas estava presente no iluminismo e esteve presente em uma ou outra forma, em todas as eras e climas. É ela uma dessas ideias que ocorrem a quase todos, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, seu desenvolvimento na antropologia moderna começa com a elaboração de Clark Wissler, nos anos 1920, que chamou "o padrão cultural universal", através de apresentação do Bronislaw Malinowski, de uma lista de “tipos

institucionais universais", no princípio dos anos quarenta, até a elaboração de G. P. Murdock de um conjunto de "denominadores comuns da cultura" desde e durante a II Guerra Mundial, que o mesmo acrescentou algo de novo. Para citar Clyde Kluckhohn, talvez o teórico mais persuasivo do *consensus gentium,* ele acrescentou a noção de que "alguns aspectos da cultura assumem suas forças específicas como resultado de acidentes históricos; outros são modelados por forças que podem ser designadas corretamente como universais".

A questão da desvalorização do artista não é uma característica única de Areia, pelo contrário, isso ocorre em todo o Brasil e principalmente nas pequenas cidades. Os artistas geralmente são vistos como desocupados e revolucionários. Mas não iremos discutir essas questões. O que percebemos é que, em Areia, os artistas, na maioria os músicos, não são importantes para a comunidade.

De todas as pessoas entrevistadas, nenhuma relatou a necessidade e a importância dos artistas e que são necessários para o fortalecimento e permanência de uma cultura local. Os símbolos culturais de Areia não estão na arte feita por pessoas, porém na arte de valorizar os engenhos, os prédios tombados e sua história. Mas as pessoas com seus talentos, criatividade e capacidades não fazem parte do cotidiano local.

Dessa forma, trabalhando para uma tal expansão do âmbito conceitual no qual os estudos ocorrem, podemos enveredar por uma grande variedade de direções, e o problema inicial mais importante é evitar tomar todas essas direções ao mesmo tempo. De nossa parte, restringiremos ao desenvolvimento daquilo a que nos referimos, seguindo Geertz, Parsons e Shils, como a dimensão cultural da análise religiosa. O termo "cultura" assumiu agora uma certa aura de má reputação. Nos círculos dos antropólogos sociais, o conceito de cultura, devido à multiplicidade dos seus referentes e a estudada nebulosidade, com que tem sido invocado, às vezes em demasia, perde força.

Não compreendemos muito bem por que a cultura deva sofrer. De qualquer forma, o conceito de cultura a que nos atemos não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em

relação à vida. Para encerrarmos essa discussão, usaremos uma citação de Geertz, que coloca de forma clara e eficiente a função da cultura na sociedade.

> Na tentativa de lançar tal integração do lado antropológico e alcançar, assim, uma imagem mais exata do homem, quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, como tem sido caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam "programas") – para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. Pensar consiste não nos "acontecimentos na cabeça... Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade (GEERTZ, p. 32)

5 CONCLUSÃO

“Não há ideias do passado nem do presente.
Há ideias certas e erradas”.
Celso Furtado

Diante de toda essa discussão, percebemos que o espaço da cultura, nas cidades, está delimitado pela ação criadora do homem, que expressa sua liberdade e a valorização da sua cultura, que será desenvolvida e apresentada nos eventos realizados nas cidades. É nas formas que assumem a criatividade que podemos encontrar as respostas para absolvermos as tendências mais profundas da nossa sociedade.

O desejo de criar coisas que vão além da dimensão pragmática (coisas que são bonitas ou comunicam um valor cultural através da música, teatro, da dança entretenimento e artes visuais ou, ainda, que comunicam uma posição social através do estilo) é tão antigo quanto à humanidade. Sempre existiram e vão continuar existindo pessoas com a imaginação, criatividade e os talentos necessários para conseguirem produzir atividades lúdicas e haverá um grande número de pessoas que pagarão por estes serviços criativos, que deverão ser atividades engenhosas na área cultural. Esta se constitui a base da idealização da economia inventiva que fortalece a cultura.

Percebemos que a complexa herança e os valores culturais são o que diferencia a economia criativa de qualquer outro setor da economia. De fato, a atividade cultural não esteve incluída como um componente da economia durante uma boa parte da história humana. Abrangia aquelas atividades nas quais as pessoas pensavam quando deixavam de trabalhar, mas não faziam parte da sua vida laboral.

Atualmente, as indústrias criativas são expressões do valor cultural, de desenvolvimento e de economia. Há, ainda, o valor de troca e o funcional que são determinados pela maneira como são usados na sociedade. A maioria dos produtos e serviços das indústrias criativas tem um valor expressivo, um significado cultural que pouco ou nada têm a ver com os custos da sua produção ou utilidades.

Nessa época, aconteceu um fato importante: uma das festas a Bregareia (Festival da Cachaça) mudou de local, devido ao grande número de pessoas participando dos eventos, e a mudança contribuiu para a preservação do patrimônio histórico material tombado da cidade. Acreditamos que essa decisão da Prefeitura Municipal de Areia junto com o IPHAEP contribuiu para um avanço cultural, pois os grandes shows não foram realizados na área tombada da cidade, e um maior

número de público passou a se concentrar numa área mais afastada do centro da cidade.

Este fato é muito relevante na conclusão da nossa pesquisa, visto que a ideia de determinar certos espaços físicos para realizar um evento não significa que o evento terá ou não sucesso. Quando este evento consegue adquirir sua própria identidade cultural, pode ser relocado para melhor comportar a infraestrutura do mesmo. Temos vários exemplos de grandes eventos que são transferidos de um espaço para outro para melhor logística. Exemplo o carnaval do Rio de Janeiro,

Isto significa que são as pessoas que dão significados próprios aos eventos, não os espaços físicos. A cultura local dentro de sua proposta, quando ela é aceita e incorporada pela população local, este evento pode acontecer em espaços diferentes. Outro fato importante de destacar neste caso é o dos turistas não terem papel determinante nesta escolha. Eles vão participar do evento seja ele em qualquer local. Pois eles precisam de uma estrutura física que comporte suas necessidades. Quanto mais estruturado for o evento mais terão novas visitas. E caso o turista deseje conhecer outros espaços da cidade, como as próprias áreas tombadas, estes procuram conhecer em outros momentos.

No entanto, percebemos que isto tem um fato agravante, pois faz com que os eventos se tornem padrão, que tenham as mesmas características físicas. Um palco principal enorme, montado por uma empresa especializada, um grande espaço vazio para acomodar o público dos shows, outro palco menor para as atrações locais de menos importância, desvalorizando o artista e a cultura locais e uma parte destinada a gastronomia e bares.

Os eventos estão se tornando iguais, mudam algumas coisas para não perderem as características iniciais, e isso afasta a população local, pois esta não se identifica mais com aquela festa. Vira uma festa global, igual em qualquer lugar. Percebemos o enfraquecimento da cultura local e do artista dentro desta nova conjuntura artística a que se tem aderido nas duas últimas décadas. O Nordeste brasileiro sempre foi mais tradicional com relação a seus eventos. Entretanto, devido a grande força das empresas patrocinadoras, tem cedido lugar aos eventos massificados.

A população vai junto com essa nova tendência de grandes eventos nas cidades. Pois o que importa é o número de pessoas participando e vendo os shows.

No outro dia, a imprensa faz questão de divulgar o número de público participante e informa que a cidade está tomada de turistas. Os participantes dos eventos se vestem com “máscaras sociais” que sejam adaptáveis e necessárias para aquele momento. Isso significa uma característica dos seres humanos que se trajam de personagens de acordo a ocasião que estão vivendo.

Em Areia, tem acontecido o seguinte: durante todo o ano, exceto nas duas semanas que acontecem o Festival da Cachaça e o Festival de Artes, a cidade mantém sua rotina tranquila do interior da Paraíba com uma população de menos de trinta mil pessoas, onde prevalece a agricultura familiar e o cultivo de cana-de-açúcar, sendo esta a principal renda econômica do município, pois a zona rural abrange um número considerável de engenhos e moendas de cachaça. Sendo a mais famosa e reconhecida nacionalmente a cachaça Triunfo. Estes engenhos determinam a economia local.

Outro fator de destaque é a influência da religião católica. As freiras do convento de Santa Rita têm um poder muito forte em relação à população, principalmente a mais abastada, pois é status estudar no Colégio, mesmo a cidade tendo uma universidade federal, esta tem menos poder de interferência e influência na população do que a tradição do colégio. Este fato se dar por alguns motivos, tais como: os alunos são na maioria de fora e quando terminam as aulas voltam para suas cidades. E muitos professores são de outras cidades e passam o final de semana fora de Areia. Fatores como esses distanciam o público docente e discente da população local.

A população mais antiga e dominante de Areia segue ainda as tradições locais, pois são pessoas envaidecidas com suas tradições, com sua cultura local, suas tradições religiosas, seu artesanato, sua gastronomia, a cachaça e a valorização das pessoas importantes da cidade, como o pintor Pedro Américo. O orgulho pelos museus da cidade, mesmo estes estando em estado de quase abandono como já destacamos anteriormente. São pessoas que pararam no tempo e não se preocupam com a modernidade.

A festa da cachaça não é aceita por esse grupo de pessoas, pois acreditam que a cidade é “invadida” por pessoas sem cultura, sem educação, que sujam e destroem a dinâmica tranquila da cidade. Areia é uma cidade mesmo na atualidade muito preconceituosa, pois os negros não têm os mesmos direitos que os brancos.

Quase não têm negros estudando no colégio Santa Rita. Como também não observamos negros trabalhando no comércio, nem nas pousadas. A maior parte dos negros é pobre, vivem na zona rural trabalhando no corte da cana-de-açúcar e os que vivem na cidade estão nas periferias. A cidade tem crescido muito nos últimos anos, nas encostas dos morros.

No entanto, a questão maior da nossa pesquisa, que era relacionar a cultura com o desenvolvimento e identificar se a cultura favorece um desenvolvimento maior para uma sociedade, no caso do nosso universo de estudo, não conseguimos identificar tal relação. Na cidade de Areia, a cultura local não tem contribuído para o desenvolvimento da cidade. Os recursos econômicos que as festas trazem são muito pouco para o número de habitantes e a maior parte destes recursos ficam nas mãos de um pequeno grupo de políticos e empresários que só veem na festa uma possibilidade de enriquecimento próprio.

A população no geral tira pouco proveito das festas, diverte-se menos que os visitantes e ainda precisa se enquadrar nos conceitos propostos pelas novas festas padronizadas. A festa em Areia não tem identidade com a população.

Os artistas locais não se beneficiam, não conseguem ter uma projeção maior, não conseguem mais produzir suas atividades artísticas, pois os recursos destinados à cultura na cidade são todos direcionados aos eventos. Dessa forma, concluímos que a cultura e a criatividade da população de Areia não contribuem para o desenvolvimento da cidade. E as festas estão cada vez mais massificadas e padronizadas em todos os lugares. Existe um padrão e a população se torna refém desse modelo, ou se enquadra nas propostas das festas, coloca suas “máscaras” para se sentir parte integrante do evento, ou passa despercebida. O povo necessita de preservar sua identidade cultural, porém o sistema capitalista não permite.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. Inovação em Celso Furtado: criatividade humana e crítica ao capitalismo. In: **Celso Furtado e a Dimensão Cultural do Desenvolvimento Organização**. Rosa Freire D´Aguiar Furtado. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

ALMEIDA, Antônio Augusto de. **Brejo Paraibano:** contribuição para o inventário do patrimônio cultural**.** João Pessoa: Museu do Brejo Paraibano, 1994.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia:** memórias de um município. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

AMARAL FILHO, Jair do. Cultura, Criatividade e Desenvolvimento. In: **Celso Furtado e a Dimensão Cultural do Desenvolvimento Organização**. Rosa Freire D´Aguiar Furtado. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

ARAÚJO, TÂNIA Bacelar de. Desenvolvimento Regional no Brasil. In: **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje.** Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento: Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

BRASIL. Iphan/**Programa Monumenta. Festival de Artes de Areia – PB**. Brasília, DF: 2009.

_____. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Turismo Cultural: **Orientações Básicas. Coordenação Geral de Segmentação**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

_____. PAC – Cidades Históricas/IPHAN. **Planos de Ação Para Cidades Históricas – Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Social:** Construindo o Sistema Nacional de Patrimônio Cultural**.** Brasília: Edições IPHAN, 2009.

_____. Programa Monumental. Sítios Históricos e Conjuntos Urbanos de Monumentos Nacionais. Brasília: IPHAN/Programa Monumental, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction: A social Critique of the Judgement of Tast**. Londres: Routledge, 1984.

CAMARGO, de Patricia; CRUZ da Gustavo. **Turismo Cultural:** estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **O Patrimônio Cultural e a Construção do Imaginário do Nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 22, pp. 48-55, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer / Michel de Certeau; 18. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado – São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Antonio Carlos Nóbrega em acordes e textos armoriais** – Campina Grande: EDUEPB, 2011. 204 p.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Quarta edição. Editora Guanabara Koogan S. A., 1991.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 2007.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. Belo Horizonte: FJP, 1994.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento.** 5ª Edição, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

_____. **Ensaio sobre a Cultura e o Ministério da Cultura:** Organização; Rosa Freire D´Aguiar Furtado. Rio de janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

_____. **Obra Autobiográfica:** A fantasia organizada. A fantasia desfeita. Os ares do mundo. 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz, 1.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Lemuel Dourado; SILVA, Jairo Bezerra. Cultura e Desenvolvimento: uma visão crítica dos termos do debate. In: **Turismo, Cultura e Desenvolvimento.** BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Julio César Medina; CORIOLANO, Luiza Neide (Org.). Campina Grande: EDUEPB, 2012.

HERMET, Guy. **Cultura e Desenvolvimento**; tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

HARCHAMBIOS, Mônica A. M. e PONTUAL Virgínia. **As Ameaças do Carnaval de Massa ao Patrimônio de Olinda.** Editora: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Tipo da publicação: Textos para Discussão – Série Gestão da Conservação Urbana Local e ano de publicação: Olinda, 2007; ISSN: 1980-8267.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Portaria de Regulamentação do Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Areia e Entorno, 2010.

KEHN, Maria Rita. **Cultura ocidental e juventude** - Planeta Sustentável. Disponível em: abril.com.br/noticia/cpfl/patrocinador_238219.shtml.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**; tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros – Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LANNA, Marcos. **Festa e Política**. In VIVÊNCIA, R. CCHLA / UFRN, Natal, v.13, n.1, p.05 – 197.

LIMA. Elizabeth Christina de Andrade. **O espetáculo da festa junina no espaço urbano:** itinerário sobre a análise do “MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO”. Ariús, Revista de Ciências Humanas. Vol.12, nº 1. UFCG – PB, 2003 – janeiro / junho de 2004.

_____. **Sentidos da festa e do festejar.** Ariús, Revista de Ciências Humanas. Vol.11, UFCG - PB, 2002.

MEDEIROS, Elizete Amaral de. **Os dizeres do silêncio:** apontamentos culturais sobre literatura e política. Campina Grande - PB: EDUEPB, 2016.

MINISTÉRIO DA CULTURA INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, **RELATÓRIO DE GESTÃO 2011**. Brasília, 30 de março de 2012.

MORAES, Carla Gisele Macedo Santos Martins. Areia - **Paraíba:** morfologia e desenvolvimento urbano (séculos XVIII, XIX e XX). Recife: UFPE / MDU / Dissertação de Mestrado, 2008.

MOREIRA, Fernando Diniz; MORAES, Carla Gisele M. Santos. **O desenvolvimento urbano de Areia/PB:** contribuição aos estudos de morfologia e história urbana no Brasil. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo, esc-usp, 2009.

NEWBIGIN, John. Série Economia Criativa e Cultural do British Council／Publicada pelo British Council; 2010 Spring Gardens, London SW1A 2BN, Reino Unido www.britishcouncil.org; Todos os direitos reservados. ISBN 978-958-8575-30-8

NUNES, Margarete Fagundes. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s**., Florianópolis, v.11, n.99, p. 186-206, jul/dez. 2010.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Memória, História e Patrimônio Histórico:** Políticas Públicas e a Preservação do Patrimônio Histórico. Recife: UFPE, 2002 (Dissertação de Mestrado em História).

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural:** Consciência e preservação. São Paulo: Brasileirense, 2009.

PFEIFFER, Cláudia Ribeiro. Desenvolvimento e cultura: parâmetros para reflexão dessa complexa relação. In: **Turismo, Cultura e Desenvolvimento.** BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Julio César Medina; CORIOLANO, Luiza Neide (Org.). Campina Grande-PB: EDUEPB, 2012.

RIVEIRO, Oswaldo de. **O mito do desenvolvimento:** os países inviáveis no século XX; tradução de Ricardo Anibal Rosenbusch – Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para Libertar:** os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENDRA, Sueli Rubens. **Irmãs Franciscanas de Dillingen. Da expansão ao Hoje de Nossa História.** Edição da Província da Divina Providência no Brasil, 2007.

SILVA, Luciana Gomes da. **Patrimônio histórico e desenvolvimento turístico [manuscrito]:** representações e ações dos agentes na reconstrução de Areia**.** 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011**.**

SIMPLICIO, Sérgio Ricardo da Costa. **Diagnóstico do protestantismo na década (2001-2010) na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça-PB:** crescimento, desenvolvimento ou interesses individuais**.** 120f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011**.**

SOARES, Luis Carlos. O Nascimento da Ciência Moderna: Os Caminhos Diversos da Revolução Científica nos Séculos XVI e XVII. In: **Da Revolução Científica à Big (Business) Science:** Cinco ensaios de História da Ciência e Tecnologia. SOARES, Luis Carlos (Org.). São Paulo: Hucitec; Niterói EdUFF, 2001.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira:** quem é e como vive: colaboradores André Grillo. (*et all*) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO IPHAN/PB. **Conjunto Histórico, Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Areia** – Patrimônio Nacional; 20ª SR/ IPHAN/PB. João Pessoa, 2007.

TAVARES, Hermes Magalhães. **Planejamento regional e mudança:** o projeto Furtado – JK para o Nordeste. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação / UFRJ /IPPUR, 2004.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação – São Paulo: Atlas, 1987.

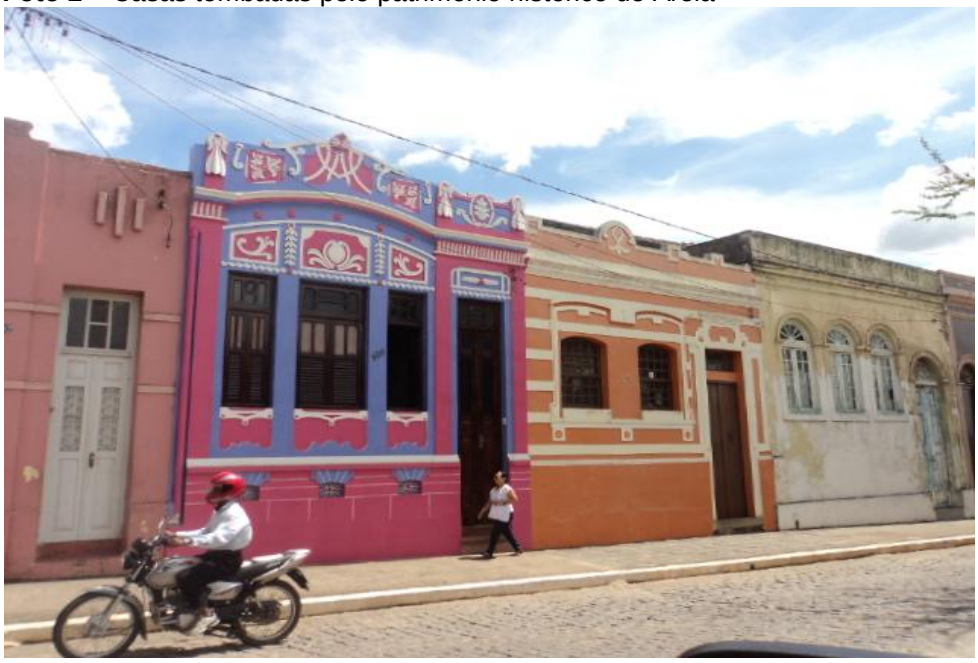
APÊNDICE

APÊNDICES A - FOTOS DO UNIVERSO DA PESQUISA DA CIDADE DE AREIA-PB/BRASIL – ARQUIVO PESSOAL

Foto 1 - Casario do centro tombado de Areia

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

Foto 2 – Casas tombadas pelo patrimônio histórico de Areia



Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

Foto 3 – Colégio Público tombadas pelo patrimônio histórico de Areia

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

Foto 4 – Prédio da atual secretaria de cultura tombado pelo patrimônio histórico de Areia; antiga residência onde funcionou a casa do senhor de engenho com a senzala urbana

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

Foto 5 – Colégio Público tombadas pelo patrimônio histórico de Areia

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

Foto 6 – Vista panorâmica da cidade com o Colégio Público tombado pelo patrimônio histórico de Areia

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

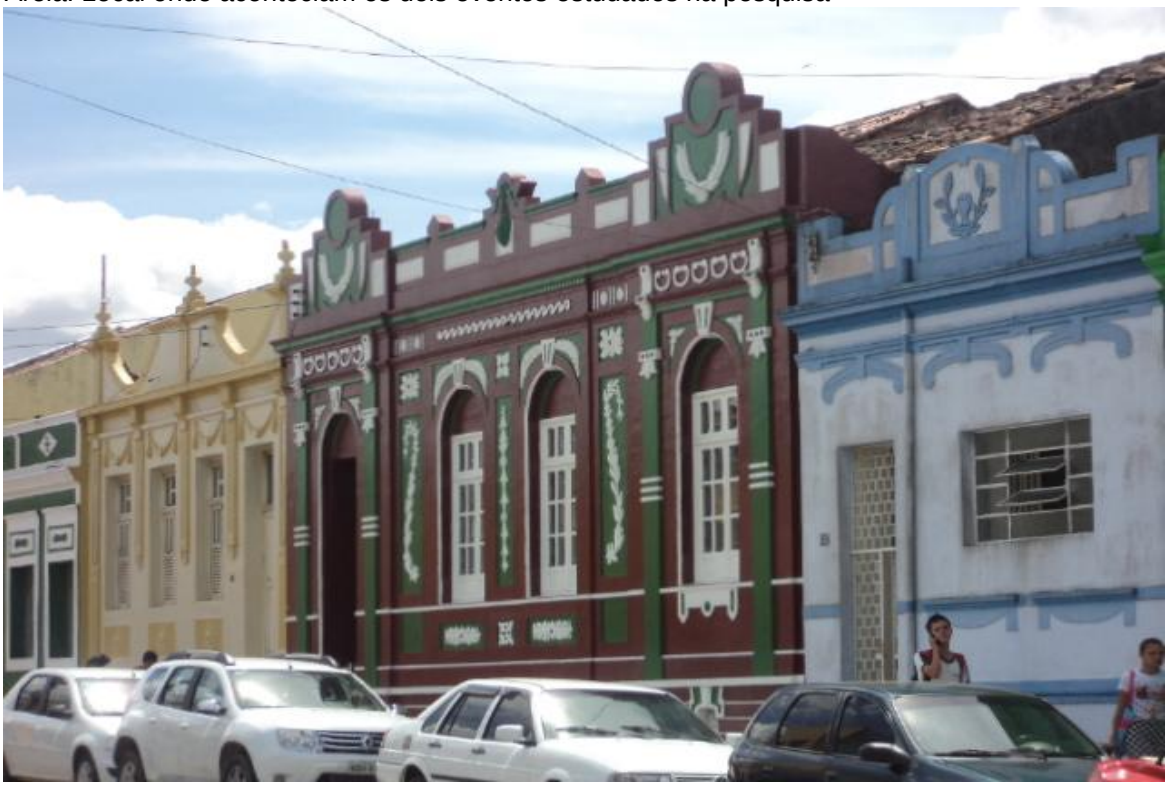
Foto 7 – Vista da rua do centro comercial com toda a área tombada pelo patrimônio histórico de Areia. Local onde aconteciam os dois eventos estudados na pesquisa

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

Foto 8 – Vista frontal da Igreja frequentada pelos negros. Área tombada pelo patrimônio histórico de Areia.

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

Foto 9 – Vista da rua do centro comercial com toda a área tombada pelo patrimônio histórico de Areia. Local onde aconteciam os dois eventos estudados na pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2016

Foto 10 – Festival da cachaça. Show no palco principal
Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

Foto 11 – Portal de entrada do Bregareia

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

Foto 12 – Apresentações de palhaços no Festival de Artes

Fonte: Arquivo pessoal.- Ano 2015

APÊNDICES B – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL IPPUR UEPB EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (2013-17)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

MODELO PARA OS EMPRESÁRIOS: DONOS DE POUSADAS, BARES E HOTÉIS.

1ª) Na sua opinião as festas tem contribuído para o aumento de pessoas visitando a cidade e se hospedando nas pousadas e hotéis?

2ª) O Patrimônio tombado da cidade de Areia tem sido destruído com o grande número de visitantes durantes as duas festas?

3ª) O comércio local tem momentos de crise e de crescimento durante o ano e a que você atribui isso?

4ª) Os artistas locais tem conseguido participar das festas e por que isso acontece?

5ª) Como o poder público poderia contribuir com o aumento do comércio e de pessoas se hospedando e visitando a cidade?

6ª) Vocês que tem bares, pousadas e hotéis na área tombada o que fazem para oferecer conforto para os clientes, sem modificar a estrutura dos prédios.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL IPPUR UEPB EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (2013-17)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

MODELO PARA OS MORADORES DA CIDADE DE AREIA –PARAÍBA – BRASIL

1ª) Você é a favor ou contra as festas, Festival de Arte e Bregareia, na cidade de Areia e por quê?

2ª) O grande número de pessoas que visitam a cidade no período dos dois grandes eventos na cidade, ajuda, prejudica ou não interferem na dinâmica da cidade de Areia?

3ª) Para você à cidade ser tombada pelo Patrimônio histórico nacional (IPHAN) e estadual (IPHAEP) é importante ou não muda nada no cotidiano da cidade?

4ª) Você como morador percebe que o dinheiro circula mais nos períodos do evento e qual segmento (Como por exemplo o artesanato, os bares, as hospedagens, os ambulantes, os artistas, os artistas locais) mais se beneficia com o grande número de turistas.

5ª) A cidade de Areia tem conseguido crescer economicamente, socialmente, culturalmente depois do surgimento das duas festas na cidade.

6ª) Você precisa fazer alguma coisa diferente para poder se encaixar nas exigências da festa?

IPPUR
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRJ

DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL IPPUR UEPB EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (2013-17)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

MODELO PARA OS ADMINISTRADORES PÚBLICOS (SECRETÁRIOS, PREFEITO, FREIRAS, PASTORES e ARTISTAS LOCAIS) DA CIDADE DE AREIA –PARAÍBA – BRASIL

1ª) Qual a importância das festas, Festival de Artes e Bregareia para a cidade de Areia – PB.

2ª) Qual o setor da cidade que mais se beneficia e qual menos se beneficia com as duas festas?

3ª) A cidade de Areia sempre primou pelas tradições. Com as duas festas, Bregareia e Festival de Arte, essas tradições tem sido modificadas?

4ª) Quais os principais atrativos da cidade de Areia e por quê?

5ª) O artista local tem tido oportunidades de desenvolver suas identidades culturais ou são influenciados pelas novas culturas inseridas na cidade com os eventos?

ANEXOS

ANEXOS - FOTOS DO UNIVERSO DA PESQUISA DA CIDADE DE AREIA-PB/BRASIL – ARQUIVO PÚBLICO

Foto 01 – Festival da cachaça. Baile de fantasia

Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura.- Ano 2015

Foto 02 – Festival da cachaça. Reporte de Emissora Nacional entrevistando participante no portal de entrada da festa

Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura.- Ano 2015

Foto 03 – Oficina de teatro realizada no Festival de Artes

Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura.- Ano 2015

Foto 04 – Cartaz do Festival de Artes

Fonte: Arquivo da Secretaria de Cultura.- Ano 2015